

Série Livros Digital 16

A (IN)VISIBILIDADE DE (RI)ANÇAS NO REGISTRO ARQUEOLÓGICO

TANIA ANDRADE LIMA
(Organizadora)
Rio de Janeiro
Museu Nacional 2019



Série Livros Digital 16

**A (in)visibilidade de
crianças no registro arqueológico**

Tania Andrade Lima
(Organizadora)

Rio de Janeiro
Museu Nacional
2019

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Reitor – Roberto Leher

Museu Nacional
Diretor – Alexander W. A. Kellner

Comissão de Publicações
Editor Geral – Ulisses Caramaschi

Conselho Editorial – André Pierre Prous-Poirier (Universidade Federal de Minas Gerais), David G. Reid (The Natural History Museum - Reino Unido), David John Nicholas Hind (Royal Botanic Gardens - Reino Unido), Fábio Lang da Silveira (Universidade de São Paulo), François M. Catzefflis (Institut des Sciences de l'Évolution - França), Gustavo Gabriel Politis (Universidad Nacional del Centro - Argentina), John G. Maisey (Americam Museum of Natural History - EUA), Jorge Carlos Della Favera (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), J. Van Remsen (Louisiana State University - EUA), Maria Antonieta da Conceição Rodrigues (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Maria Carlota Amaral Paixão Rosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Maria Helena Paiva Henriques (Universidade de Coimbra - Portugal), Maria Marta Cigliano (Universidad Nacional La Plata - Argentina), Miguel Trefaut Rodrigues (Universidade de São Paulo), Miriam Lemle (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Paulo A. D. DeBlasis (Universidade de São Paulo), Philippe Taquet (Museum National d'Histoire Naturelle - França), Rosana Moreira da Rocha (Universidade Federal do Paraná), Suzanne K. Fish (University of Arizona - EUA), W. Ronald Heyer (Smithsonian Institution - EUA)

Normalização – Leandra de Oliveira

Esta publicação
Capa – Maria Gabriela Fernandes Dias
Layout e Diagramação – Lia Ribeiro

MUSEU NACIONAL – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, 20940-040
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

1620 A (in)visibilidade de crianças no registro arqueológico /
Tania Andrade Lima (Organizadora). — Rio de Janeiro:
Museu Nacional/UFRJ, 2019.
Dados eletrônicos. — (Série livros digital ; 16)

ISBN 978-85-7427-074-6

1. Crianças. 2. Cultura material. 3. Arqueologia. I. Lima, Tania
Andrade. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. III.
Museu Nacional (Brasil). IV Série.

CDD 305.23

There is no archaeology without children.
Crawford, Dadley e Shepherd 2018:11

SOBRE OS AUTORES

André Prous, depois de lecionar na Universidade de Angers (França), foi professor na USP (1971/75); atualmente é Professor aposentado na Universidade Federal de Minas Gerais. Foi responsável pela *Mission Archéologique française* de Minas Gerais entre 1982 e 2014. Pesquisou inicialmente a arqueologia do litoral sul brasileiro e, a seguir, ocupações antigas do centro de Minas Gerais, antes de se dedicar mais particularmente à arqueologia do vale do rio Peruaçu no norte desse estado. No presente século passou a estudar particularmente a cultura tupiguarani, antes de dirigir uma expedição na bacia do rio Trombetas (PA). Além de monografias de arqueologia regional, publicou particularmente sobre arte pré-histórica (zoólitos, arte rupestre, pintura tupiguarani) e tecnologia lítica, assim como obras de síntese sobre arqueologia brasileira.

Camila Pereira Jácome é arqueóloga e professora adjunta do Programa de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (PAA-UFOPA), na cidade de Santarém (PA). É Graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestra em Artes Visuais e também em Antropologia, com ênfase em Arqueologia, ambos defendidos na Universidade Federal de Minas Gerais e Doutora em Arqueologia, pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Desenvolve pesquisas com cerâmicas arqueológicas, atualmente tem projetos na região de Oriximiná e Santarém, Pará. Tem publicações sobre gênero e feminismo na arqueologia, e pesquisas sobre a relação da arqueologia com os povos indígenas da Amazônia, em especial, com os grupos conhecidos como Wai Wai.

Déborah Duarte-Talim é bacharel em História (2007) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Iniciou seus estudos e pesquisas em arqueologia como estagiária do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais, ainda no início do curso de graduação. Mestra (2012) em Arqueologia pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia, da UFMG, tendo estudado as indústrias líticas de ocupações ceramistas da região do rio Trombetas, no baixo Amazonas, Pará, sob coordenação da Profa. Dra. Maria Jacqueline Rodet. Atualmente, é doutoranda do referido programa, tendo como tema de tese as indústrias líticas das ocupações antigas das regiões de Monte Alegre e da Serra dos Carajás (Pará) e suas relações com o povoamento antigo das Américas. Ao longo de seus estudos, realizados junto ao grupo de pesquisa do CNPq sobre Tecnologia Lítica, debruçou-se sobre alguns temas específicos dentro da análise dos vestígios líticos: tecnologia lítica, instrumentos de secção plano-convexa, indústrias sobre seixo, indústrias de quartzo, indústrias antigas, terminologia e método.

Isabelle Sidéra é *Directrice de Recherche* no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), na França. Especializada no Neolítico, dedica-se particularmente ao estudo de artefatos feitos de osso, dente, marfim e chifre. Suas pesquisas focalizam a exploração de animais em sítios do Neolítico e do Calcolítico, do VII^o ao III^o milênio B. C. Seus temas de pesquisa tratam da difusão do Neolítico na Europa e os legados do Oriente Próximo no decorrer da progressão para o oeste. Também estuda o surgimento das sociedades complexas, tanto na Europa oriental quanto no Oriente Próximo. Iniciou sua carreira no Chile (no deserto de Atacama), no Maghreb (África do norte ocidental) e em Israel. Também se interessa pelos jogos coletivos e brinquedos de crianças na pré-história. Leciona em diversas universidades na França e em outros países, orientando numerosas teses e dissertações. É atualmente Diretora da *Maison Archéologie et Ethnologie, René Ginouvès*, em Nanterre (Universidade de Paris X), após ter

sido Diretora do Laboratório de Pré-história e Tecnologia da mesma instituição, entre 2014 e 2017.

Lílian Panachuk possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais, onde iniciou seus estudos em arqueologia, em especial com arte rupestre do Vale do Peruaçu e com sítios com cerâmica Tupiguarani. Durante o mestrado pela Universidade de São Paulo, dedicou-se à Musealização da Arqueologia em pesquisas sobre a Amazônia. Tem experiência de 10 anos de trabalhos em projetos de arqueologia preventiva, na Scientia Consultoria Científica Ltda. (2004 a 2014). Durante esse tempo dedicou-se aos grupos ceramistas da Amazônia e à educação sobre o tema do patrimônio cultural. Atualmente desenvolve seu doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais, como bolsista CAPES. Tem experiência na área de Arqueologia, atuando nos estudos de grupos ceramistas com ênfase na experimentação arqueológica.

Maria Jacqueline Rodet possui mestrado e DEA em Arqueologia Pré-histórica na *Université Paris Ouest-Nanterre*, França (1999, 2000) e doutorado também em Arqueologia Pré-histórica pela mesma universidade francesa (2006). Pós-doutora pela Universidade Federal de Minas Gerais, com bolsas do CNPq e Fapemig (2007, 2009, 2010). Atualmente é professora da Universidade Federal de Minas Gerais, no curso de Antropologia e Arqueologia; Pesquisadora Associada do *Laboratoire de Technologie Lithique de l'Université de Paris Ouest-Nanterre*, França; pesquisadora do Museu de História Natural-UFMG e coordenadora do Laboratório de Tecnologia. Trabalha em parceria com duas instituições do norte e nordeste, Museu Paraense Emilio Goeldi (PA) e Universidade Federal do Recôncavo Baiano (BA). Atua em pesquisa e docência na área de arqueologia pré-histórica. Linhas de pesquisa: análise tecnológica das indústrias líticas brasileiras, geoarqueologia, terminologia e método. Responsável pelo grupo de pesquisa sobre Tecnologia Lítica, filiado ao CNPq.

Tania Andrade Lima é Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado em História Social na mesma instituição. Atualmente aposentada, continua colaborando voluntariamente como Professora do Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro. É pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, desenvolvendo investigações em arqueologia pré-histórica e histórica, bem como reflexões sobre teoria e método em Arqueologia e preservação do patrimônio arqueológico. Seus principais interesses de pesquisa são Arqueologia da Diáspora Africana, Arqueologia do Capitalismo, Pré-História Litorânea, Ceramistas Tupiguarani, Teoria e Método em Arqueologia e Políticas de Preservação do Patrimônio Arqueológico.

SUMÁRIO

Apresentação	7
Seriam bonecas de osso os primeiros brinquedos do mundo? Europa, ca. 5.100 BC. <i>Isabelle Sidéra</i>	13
Uma reflexão sobre a criança e a infância: em busca de indícios de crianças/aprendizes lascadoras na pré-história brasileira <i>Déborah Duarte-Talim & Maria Jacqueline Rodet</i>	25
Brincando de panelinha... os potes Tupiguarani em miniatura e as vasilhas para treinamento <i>André Prous, Lilian Panachuk & Camila Jácome</i>	41
Brinquedos subliminares: doutrinação de crianças e introjeção de papéis sociais no Rio de Janeiro oitocentista <i>Tania Andrade Lima</i>	67

APRESENTAÇÃO

Em 2009, expressando a inquietação de alguns pesquisadores com a invisibilidade de um segmento, até as últimas décadas de então, pouco considerado pela Arqueologia, organizamos e coordenamos o simpósio “Onde estão as crianças? Questões de visibilidade, possibilidades e limites do registro arqueológico”, durante o XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. A interrogação que aparecia então nesse título era uma adaptação de uma pergunta encaminhada por Kathryn Kamp, em 2001, remetendo diretamente a esse problema, identificado no campo mais amplo da disciplina. Nossa intenção, à época, era claramente estimular mais estudos nessa direção, acompanhando uma tendência internacional que resultou na criação da Society for the Study of Childhood in the Past - SSCIP, em 2007. Essa associação, multidisciplinar, reúne não apenas arqueólogos, mas antropólogos, historiadores, historiadores de arte, sociólogos, psicólogos, entre outros especialistas que se dedicam ao estudo da infância e das crianças, no reconhecimento da sua relevância para o entendimento da condição humana e dos sistemas socioculturais, em vários níveis.

Onipresentes, as crianças são sempre numerosas em comunidades humanas, desde os tempos mais recuados até hoje em dia. Essa expressividade numérica, em qualquer sociedade, não deixa dúvidas sobre sua participação na formação dos registros arqueológicos (Kamp 2005; Lillehammer 2010, Crawford et al. 2018), já que porções relevantes desses registros ou foram produto direto de suas atividades, ou contaram com sua intervenção ou participação. Crianças estão sempre em movimento, são irrequietas, curiosas, andam por todos os lugares, mexem em tudo, espalham objetos, mudam coisas de um lugar para outro, “desarrumam” o ambiente dos adultos a partir da sua lógica própria, de tal forma que só em algumas circunstâncias muito bem controladas se pode afirmar que não houve interferência delas em um sítio. Reconhecer sua participação na vida cotidiana de uma comunidade é fundamental para se compreender e interpretar, entre muitos outros aspectos, a distribuição de artefatos em contextos arqueológicos. Não obstante, só nas últimas três décadas, a partir da crítica feminista na década de 1980, é que começaram a ser feitos esforços no sentido de reconhecer seus vestígios e seus comportamentos materializados, visando retirá-las da invisibilidade a que foram condenadas, juntamente com as mulheres, pela perspectiva fortemente androcêntrica dominante na disciplina.

Alinham-se entre as causas dessa omissão o fato de crianças serem vistas como pouco importantes, não apenas por serem consideradas biologicamente imaturas e não terem suficiente competência para o desempenho de atividades relevantes, mas também por não contribuírem economicamente para as sociedades às quais pertencem (Sofaer Derevenski 1997). Ou ainda, por suas atividades deixarem poucas evidências materiais no terreno. Contudo, essa tendência parece resultar não só de nossas percepções e concepções sobre a infância, mas também da exclusão histórica das mulheres das interpretações arqueológicas. O fato de as crianças, pela sua prolongada dependência da figura materna na espécie humana, serem parte integrante do universo feminino, condenou-as, por extensão, à mesma invisibilidade social das mulheres, feminilizando-as. Isto é visível e reconhecível na língua portuguesa, onde criança, um termo que engloba tanto meninas quanto meninos, é uma palavra feminina.

No entanto, a esta altura já ficou muito claro para a arqueologia que um sistema sociocultural não pode ser compreendido a partir apenas de uma única categoria, a dos homens adultos e produtivos. Essa arqueologia falocrática e preconceituosa pertence ao passado da disciplina e faz parte agora da sua história. A penetração das teorias feministas

e da crítica social na arqueologia mostrou que não se pode compreender um sistema sociocultural sem que seja analisado o papel dos demais gêneros, com a mesma intensidade que o dos homens, já que em muitas circunstâncias mulheres, por exemplo, foram e são economicamente mais relevantes. E não apenas elas, mas outros segmentos dos grupos sociais que, por não se ajustarem ao ideal masculino, foram igualmente invisibilizados, marginalizados e subordinados (Baker 1997). Assim, outras categorias precisam ser da mesma forma consideradas, entre elas, o amplo espectro dos múltiplos gêneros, os velhos e as crianças, os doentes e incapacitados, pelo tanto que elas se revestem e são revestidas, transculturalmente, de importantes significados, além de responderem também, em muitos casos, por uma expressiva contribuição econômica à sobrevivência dos grupos aos quais pertencem (Kamp 2001, Bird e Bird, 2005). Não raro, mais que homens adultos supostamente produtivos.

O fato de as crianças terem sido apagadas das explanações arqueológicas resulta, como assinalado acima, de nossas próprias concepções e ideias sobre a infância como categoria improdutiva e marginal, o que determinou seu confinamento à esfera doméstica. No entanto, um olhar mesmo que superficial e ligeiro sobre nossa própria sociedade vê hoje em dia crianças trabalhando arduamente nas áreas rurais, envolvidas em pesadas atividades agropecuárias, e também nas zonas urbanas, sustentando homens adultos com o que arrecadam, por exemplo, nos sinais de trânsito onde são exploradas em jornadas desumanas, sob sol e chuva, entre tantas e tantas outras atividades. No outro extremo, velhos marginalizados sustentam com suas aposentadorias filhos, noras, genros, netos, enfim, toda a família, aí incluídos homens em princípio ativos, mas que, eles sim, à margem do sistema produtivo por razões diversas, não contribuem para a sobrevivência do grupo familiar.

Esse olhar de relance - na nossa e em diferentes sociedades no tempo e no espaço - denuncia a insustentabilidade do mito do homem adulto reprodutor como provedor e sustentáculo da sociedade. De tal forma que as interpretações arqueológicas construídas a partir dessa perspectiva nada mais são que a projeção de uma arqueologia feita por muito tempo predominantemente por homens, para a sustentação desse mito por eles mesmos construídos, de modo a assegurar a manutenção das suas posições hegemônicas. Assim como a nossa, muitas outras sociedades contaram com a participação expressiva de mulheres, velhos e crianças em atividades econômicas, sociais, religiosas e políticas, de tal forma que considerar essas categorias como periféricas e marginais em arenas onde decisões importantes foram e são tomadas, resulta sem dúvida em compreensões e interpretações equivocadas.

A infância é entendida pelo senso comum na nossa sociedade como uma etapa do ciclo de vida humano, como o período entre o nascimento e a adolescência, um conceito fortemente calcado em aspectos biológicos. É um período prolongado de dependência, durante o qual as crianças amadurecem fisicamente e adquirem a bagagem cultural necessária para se integrarem à sociedade. Contudo, infância é uma construção cultural desenvolvida retrospectivamente por humanos que foram crianças um dia (Lillehammer 2018: 39). Essa construção variou e varia no tempo, no espaço, e de acordo com os inúmeros sistemas socioculturais que a humanidade foi capaz de criar ao longo da sua trajetória, de tal forma que ela é historicamente situada. Varia, inclusive, entre nós mesmos: Gutman e Coninck-Smith (2008), por exemplo, a definem a partir de um outro recorte, como o período aproximadamente entre 3 e 18 anos. Trata-se, portanto, de um entendimento engendrado no âmbito de uma complexa e intrincada rede de aspectos biológicos, sociais, culturais,

econômicos, políticos e religiosos, que gerou e continua gerando diferentes concepções do que é a infância e do que é ser criança. Idade biológica não é o mesmo que idade cronológica, nem o mesmo que idade cultural (Crawford et al. 2018). No que diz respeito à idade biológica, por exemplo, fatores muito diversos, como clima, desnutrição, estresse, insalubridade, e assim por diante, podem afetá-la consideravelmente, distanciando-a da idade cronológica.

As culturas lidam de formas muito diferenciadas com essa etapa. Por exemplo, entre os Xhosa, grupo banto da África do Sul, indivíduos do sexo masculino mantêm o status de criança até que passem pelo rito de circuncisão (*ulwaluko*), que lhes confere, como adultos, autoridade sobre mulheres e não circuncidados. Se, por alguma razão, um indivíduo não conseguir ultrapassar esse rito de passagem, ele continuará sendo considerado como menino (*inkwenkwe*), ainda que biologicamente maduro. Mantendo esse status social de criança, ele fica estigmatizado e perde o respeito do seu grupo. Não poderá participar das atividades masculinas, como os encontros tribais; jamais poderá se casar dentro das normas tradicionais, nem poderá falar em público. Seus filhos serão rotulados como filhos de uma criança e terão status mais baixo quando participarem de seus próprios rituais de circuncisão. Assim como entre os Xhosa, em várias outras sociedades indivíduos podem permanecer crianças por toda a vida (Bugarin, 2005).

Nas abordagens tradicionais da socialização (Bugarin, op. cit.), é na infância que são ensinados às crianças os papéis e as condutas socialmente aceitáveis, bem como transmitidos os valores, a visão de mundo e as práticas do seu grupo social. A cultura material desempenha aí um papel fundamental, didático sem dúvida, porquanto reforça mensagens sobre comportamentos adequados e esperados. Contudo, esse é um processo fortemente interativo. As crianças, longe de serem um receptáculo passivo (Wileman 2005; Bluebond-Langner e Korbin 2007), reagem ao que lhes é transmitido ou imposto, e participam dele de forma bastante ativa. Há todo tempo agência, nesta que é antes de tudo uma arena de negociação entre adultos e crianças (Baxter 2005b; Schwartzman 2005; Smith 2005). É preciso portanto reconhecê-las efetivamente como atores sociais, capazes de tomar decisões. É preciso reconhecer o papel ativo que elas desempenham todo tempo, inclusive nas redes intergeracionais de transmissão de conhecimentos, o que sem dúvida abre muitas possibilidades explanatórias para o registro arqueológico. Se elas forem reduzidas a uma condição de passividade, tudo o que a arqueologia pode interpretar é o processo de socialização formal, ou seja, a via de mão única dos adultos para as crianças, resumindo-se a uma abordagem mais uma vez unilateral da questão. Há marcadores materiais, há assinaturas arqueológicas de crianças nos registros e elas precisam ser procuradas para que esse movimento possa ser entendido como uma via de mão dupla. Trata-se, no caso, de apurar a percepção para iluminar atividades que são arqueologicamente visíveis, mas que foram por tanto tempo ignoradas.

Em sociedades indígenas, foi e ainda é ao longo do processo de socialização que ocorre o aprendizado experimental de ofícios artesanais, como confecção de artefatos líticos, cerâmicas, cestarias, etc., e a aquisição progressiva de competência tecnológica. Investigá-lo no registro arqueológico pode expandir as possibilidades de entendimento sobre algumas questões de grande relevância, como por exemplo, o estilo. Longe de ter uma única direção, a transmissão geracional é um processo interativo que abre espaços para a negociação e a inovação, e, conseqüentemente, para novas expressões de identidade. De fato, inúmeras pesquisas vêm reconhecendo, em artefatos antes interpretados tradicionalmente como produção de adultos, a mão de crianças em diferentes estágios de aprendizagem.

Como disse Schwartzman (2005), os arqueólogos estão trabalhando duro para fazer o registro arqueológico começar a falar sobre crianças e sobre a infância no passado, tentando alcançar o que Lillehammer designou pioneiramente na arqueologia, em 1989, como ‘o mundo da criança’, ou seja, as formas como crianças se relacionaram entre si, com os adultos e com o ambiente à sua volta, em diferentes momentos no tempo e em diferentes espaços e culturas. Não se trata de defender aqui uma ‘arqueologia de crianças’ como uma especialidade dentro da arqueologia, ou como uma esfera separada de análise (Baxter 2005a; Kamp 2005), o que só agravaria o problema. Mas sim de reconhecer que investigações arqueológicas em qualquer nível devem considerar a existência de crianças no registro arqueológico e incorporar essa perspectiva para o aprimoramento das análises de sistemas socioculturais extintos.

Este livro apresenta algumas tentativas nessa direção, que foram ordenadas cronologicamente. Trata-se das comunicações que foram apresentadas no simpósio de 2009, por Maria Jacqueline Rodet e Déborah Talim, sobre líticos supostamente lascados por crianças /aprendizes entre caçadores-coletores do Brasil Central; por André Prous, Lilian Panachuk e Camila Jácome, sobre cerâmicas tupiguarani feitas provavelmente também por crianças / aprendizes. E conclui com uma pesquisa em arqueologia histórica sobre crianças e seus brinquedos como instrumentos de doutrinação no século XIX, feita por esta coordenação. Esses trabalhos, que compuseram originalmente o simpósio, são entretanto antecidos por um estudo feito por Isabelle Sidéra, do CNRS / Maison Archéologie et Ethnologie, que abre o volume, sobre possíveis bonecas no Neolítico europeu, que podem corresponder, ao que supõe a Autora, aos mais antigos brinquedos encontrados até agora pela arqueologia.

Tania Andrade Lima

Museu Nacional

Universidade Federal do Rio de Janeiro

REFERÊNCIAS

- BAKER, Mary. 1997. Invisibility as a Symptom of Gender Categories in Archaeology. In MOORE, J.; SCOTT, E. (Ed.), *Invisible People and Processes: Writing Gender and Childhood into European Archaeology*. London, Leicester University Press, p. 183-191.
- BAXTER, Jane Eva (Ed.). *Children in Action: Perspectives on the Archaeology of Childhood*. *Archaeological Papers of the American Anthropological Association*, n. 15, 2005a.
- BAXTER, Jane Eva. *The Archaeology of Childhood*. Children, Gender and Material Culture. Walnut Creek, Altamira Press, 2005b.
- BIRD, Douglas W.; BIRD, Rebecca Bliege. Martu Children's Hunting Strategies in the Western Desert, Australia. *Hunter-Gather Childhoods*. Evolutionary, Developmental and Cultural Perspectives. HEWLETT, Barry S.; LAMB, Michael E. (Eds), New Brunswick and London, Aldine Transaction.
- BLUEBOND-LANGNER, Myra; Jill E. Korbin (eds.). Challenges and Opportunities in the Anthropology of Childhoods: an Introduction to "Children, Childhoods, and Childhood Studies". *American Anthropologist* 109(2): 241-246, 2007.
- BUGARIN, Flordeliz T. Constructing an Archaeology of Children: Studying Children and Child Material Culture from the African Past. In BAXTER, Jane Eva (Ed.), *Children in action: perspectives on the Archaeology of Childhood*. *Archaeological Papers of the American Anthropological Association*, n. 15, 2005, p. 13-26.
- CRAWFORD, Sally; DADLEY, Dawn M.; SHEPHERD, Gillian. The Birth and Development of a Discipline. In CRAWFORD, S.; DADLEY, D. M.; SHEPHERD, G. (Eds), *The Oxford Handbook of the Archaeology of Childhood*. Oxford, Oxford University Press, 2018, p. 3-37.
- GUTMAN, Marta; CONINCK-SMITH, Ning de (Eds). *Designing modern childhoods*. History, space and the material culture of children. London, Rutgers University Press, 2008.
- KAMP, Kathryn A. Where Have All the Children Gone?: The Archaeology of Childhood. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 8(1): 1-34, 2001.
- _____ Dominant Discourses; Lived Experiences: Studying the Archaeology of Children and Childhood. In BAXTER, Jane Eva (Ed.), *Children in Action: Perspectives on the Archaeology of Childhood*. *Archaeological Papers of the American Anthropological Association*, n. 15, 2005, p. 115-122.
- LILLEHAMMER, Grete. A Child is born: the Child's World in an Archaeological Perspective. *Norwegian Archaeological Review* 22(2): 89-105, 1989.
- _____ Archaeology of Children. *Complutum*, 21 (2): 15-45, 2010.
- _____ The History of the Archaeology of Childhood. In CRAWFORD, S.; DADLEY, D. M.; SHEPHERD, G. (Eds), *The Oxford Handbook of the Archaeology of Childhood*. Oxford, Oxford University Press, 2018, p. 38-53.
- SCHWARTZMAN, Helen B. Materializing Children: Challenges for the Archaeology of Childhood. In BAXTER, Jane Eva (Ed.), *Children in Action: Perspectives on the Archaeology of Childhood*. *Archaeological Papers of the American Anthropological Association*, n. 15, 2005.
- SMITH, Patricia E. Children and ceramic innovation: a study in the Archaeology of Children. In BAXTER, Jane Eva (Ed.), *Children in action: perspectives on the Archaeology of Childhood*. *Archaeological Papers of the American Anthropological Association*, n. 15, 2005, p. 65-76.
- SOFAER DEREVENSKI, Joanna. Engendering Children, Engendering Archaeology. In MOORE, Jenny; SCOTT, Elinor (Eds), *Invisible people and processes*. Writing Gender and Childhood into European Archaeology. London and New York, Leicester University Press, 1997, p. 192-202.
- WILEMAN, Julie. *Hide and seek: the archaeology of childhood*. Stroud, Great Britain, Tempus, 2005.

Seriam bonecas de osso os primeiros brinquedos do mundo? Europa, ca. 5.100 BC.

Isabelle Sidéra¹

Resumo. O mais antigo Neolítico da Europa proporcionou, por volta de 5100 A.C., objetos que podemos razoavelmente identificar como bonecas destinadas a brincadeiras infantis e com as quais crianças foram sepultadas. Trata-se dos mais antigos brinquedos identificados como tais no mundo! Compósitas e bem feitas, essas bonecas comportam vários materiais, tais como osso, conchas ou, ainda, massas de cor escura: pixe, betume ou resina vegetal. Um tratamento naturalista, característico da função das bonecas, contrasta com o das figurinhas esquemáticas produzidas à mesma época. A partir desses artefatos, temos acesso a um aspecto até então desconhecido do Neolítico: o universo da primeira infância e das suas brincadeiras. Nas sociedades subatuais da África ocidental existem bonecas muito parecidas com esses modelos do Neolítico e elas enriquecem a interpretação que se pode fazer dos artefatos pré-históricos. Além de brinquedos, essas bonecas africanas têm também caráter propiciatório; as brincadeiras das quais participam são ligadas ao casamento e à maternidade. Isto nos leva a tratar os artefatos mobiliários a partir de diferentes abordagens.

Résumé. Le Néolithique le plus ancien d'Europe occidentale, vers 5100 av. J. C., a fourni des objets que nous pouvons raisonnablement identifier comme des poupées destinées à des jeux d'enfants et avec lesquelles ces derniers ont été enterrés. Ce sont les jouets, identifiés en tant que tels, les plus anciens du monde ! Objets composites et soignés, ces poupées allient différents matériaux tels l'os, les coquilles ou encore des pâtes de couleur foncée : poix, bitume ou résine végétale. Un traitement naturaliste, représentatif de la fonction poupée, contraste avec celui des figurines schématiques de la même époque. A travers ces objets, apparaît un pan tout à fait méconnu jusqu'alors du Néolithique : l'univers de la petite enfance et de ses jeux. Dans les sociétés sub-actuelles d'Afrique de l'Ouest, il existe des poupées en os très proches des modèles néolithiques, qui nourrissent l'interprétation que nous pouvons donner des objets archéologiques. En même temps que jouets, les poupées africaines ont aussi une charge propitiatoire. Les jeux auxquels elles sont associées ont le mariage et la maternité pour motifs. Ces données incitent à considérer le mobilier archéologique sous différents angles.

“...Para situar a origem desta descoberta, é preciso evocar rapidamente o contexto no qual foi encontrada esta intrigante figurinha...”.

Assim inicia o artigo de George Matthieu (1992:27) nas Atas do Congresso Inter-regional sobre o Neolítico – um evento que foi sediado em Mulhouse, na França, no ano de 1994. O artigo, intitulado “Uma figurinha estilizada em sepultamento de criança da necrópole *Rubanée* de Ensisheim (Haut Rhin)” apresenta uma mobília funerária original que acabava de ser escavada no local “les Octrois”, perto de Mulhouse, na França oriental (Figura 1).

¹ CNRS - UMR 7055 *Préhistoire et Technologie*, Maison Archéologie & Ethnologie, René-Ginouvès (MAE), 21 Allée de l'Université - 92 023 Nanterre cedex, isabelle.sidera@cnrs.fr

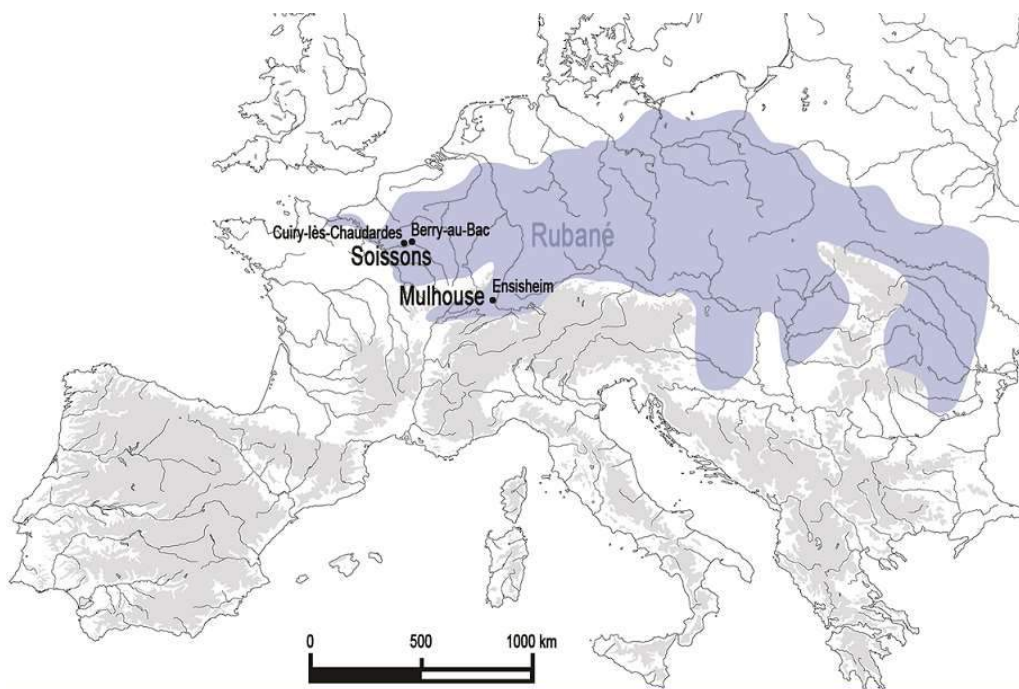


Figura 1. Situação geográfica dos sítios mencionados e extensão da cultura Rubané.

Esse túmulo pertence ao período recente/terminal da cultura *Rubané*, a mais antiga fase neolítica nessa região, datada entre 5.000 e 5.100 BC. No enterramento jazia uma criança de cerca de 3 ou 4 anos. Estava acompanhada por numerosos e variados adornos de conchas, de forma e dimensões diversas, e que, por comparação com as pesquisas de Bonnardin (2009: 289) remetem mais provavelmente a um universo feminino do que masculino. Algumas contas são pequenas rodela de conchas; há também uma grande conta tubular de *Spondylus* e pequenas conchas inteiras do gastrópode *Columbella rustica* apenas perfuradas, conchas biperfuradas de grandes gastrópodes fósseis (*Spondylus* e *Megacardita*), achados típico deste período (Gallay e Matthieu, 1988: 376-378). O sepultamento foi bastante perturbado; os artefatos, assim como os elementos do esqueleto, estavam dispersos, impossibilitando determinar a disposição original dos objetos em relação ao corpo (Figura 2).

Além destes adornos, o artigo de George Mathieu (1992) trata de um objeto excepcional: uma figurinha de aspecto totalmente inédito até então na cultura *Rubané* (Figura 3). Na Europa central, entre Alemanha e Hungria, as figurinhas *Rubané* não são raras e aparecem em numerosos sítios (Kalicz e Koós 2001, Schade-Lindig 2002). Estreitas e esquemáticas, foram feitas a partir de ossos chatos, geralmente costelas de grandes animais, das quais foram extraídas longa lâminas do osso compacto para fazer artefatos (Figura 4). No caso em questão, um esforço considerável foi investido em sua fabricação. Os detalhes antropomorfos (cabeça, braços ou seios encontram-se na periferia da peça, formando pequenos relevos externos e simétricos (Figura 4). A morfologia da peça de Ensisheim é completamente diferente e não se assemelha àquelas figurinhas. De fato, tudo as opõe, e elas obedecem a conceitos distintos. A peça de Ensisheim apresenta volume e foi feita sobre um osso metapodial inteiro e intacto de caprino (Figura 3).



Figura 2. Planta do sepultamento infantil nº13 de Ensisheim « Les Octrois » (Haut-Rhin, França), com a boneca de osso, segundo Gallay e Mathieu 1988, figura 4. Infografia V. Verardo (Maison Archéologie et Ethnologie - MAE).

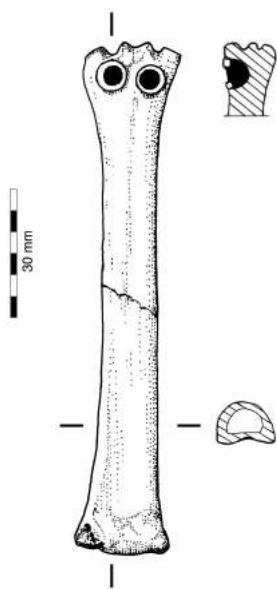


Figura 3. Modelo de boneca grande em osso de Ensisheim « les Octrois » (sépulture 13) sobre osso metapodial de caprino, segundo Mathieu 1992, p. 27. Escala 2/3. Encrage G. Monthel.

Trata-se do metacarpo de um animal jovem, ao qual falta, por esta razão, a epífise distal. Ao contrário das peças da Europa central, que pouco valorizaram as cabeças, a de Ensisheim foi trabalhada de forma sofisticada. Os olhos aparecem na face anterior distal da diáfise. São formados por dois furos preliminares paralelos, a seguir preenchidos com uma massa escura e finalmente dotados de um anel de concha branca (Mathieu 1992:28, figura 5). Mathieu indica que uma liga com partículas de quartzo estava misturada à massa de cor escura. Os olhos foram representados com cuidado e realismo, reproduzindo-se até o branco do olho e a íris, que devia reluzir em razão do quartzo incluído na pasta. A base articular naturalmente denteada da epífise do osso metapodial marca o topo da cabeça, oferecendo um relevo que poderia evocar um penteado (Figura 5).

Descoberto em 1984, esse objeto permaneceu único até o verão de 1995. Durante uma pesquisa de salvamento, uma figurinha parecida foi encontrada num sepultamento infantil na aldeia *Rubanée* de Berry-au-Bac (Allard et al. 1997: 31) (Figura 6), na localidade dita “Le Vieux Tordoir”, perto de Soissons,

no nordeste da França, e a 450 km de Mulhouse (ver figura 1). Contemporânea daquela de Eisenheim, suas características são muito parecidas, havendo apenas diferenças estilísticas de detalhe. Esse outro artefato foi também fabricado a partir de um metacarpo inteiro de jovem caprino. A face inferior do osso metapodial, muito plana, foi talvez abrasada. Contudo, caso essa operação tenha sido de fato realizada, não deixou marcas reconhecíveis (Sidéra 2009:16) (Figura 7).

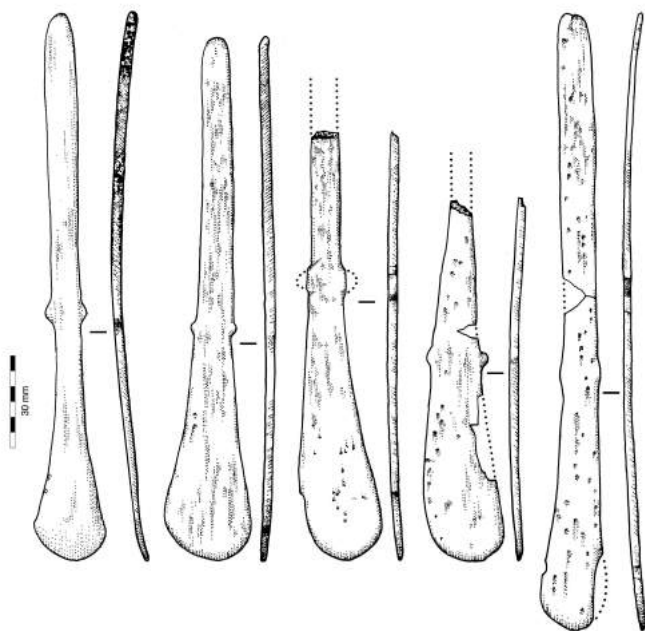


Figura 4. Figurinhas de osso de Mitteleuropa [Europa Central] do sítios de Mozókövesd (Hungria). Desenho G. Monthel, segundo Kalicz e Koós 2001, figura 11.

Figura 5. Detalhe da cabeça da figurinha d Eisenheim, segundo Gallay e Mathieu 1988 figura 8. Infografia V. Verardo (MAE).





Figura 6. Sepultamento nº 607 de criança em Berry-au-Bac “Le Vieux |Tordoir” (Aisne França), com as bonecas de osso; segundo Allard & al. 1997: figura 3. Infografia V. Verardo (MAE).

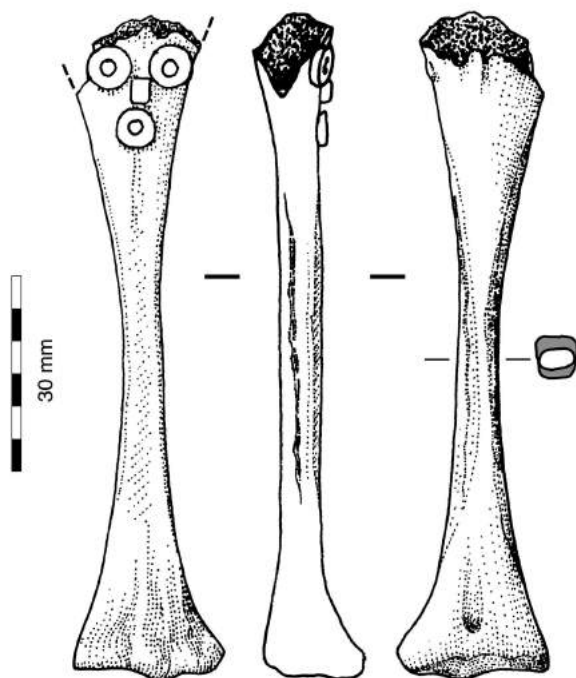


Figura 7. Modelo de boneca grande de osso de Berry-au-Bac “Le Vieux Tordoir” (sepultamento 607) sobre metacarpo de caprino jovem (segundo Sidéra, 2009 : figura 2). Escala 2/3. Desenho I. Sidéra. Engraxe G. Montel.

A orientação do osso é a mesma, com a cabeça figurada na parte distal da diáfise. Olhos e boca são representados por finas pastilhas de nácar branco e brilhante, perfuradas em sua parte central; elas foram aplicadas no osso e coladas com um breu escuro (Figura 7). Essa figurinha possuía um nariz feito com um segmento de pequena concha tubular branca (*Dentalium*), seccionada de forma a ficar proeminente. Este detalhe, que não aparecia na peça de Ensisheim, ilustra bem a atenção consciente dedicada à representação naturalista da cabeça.

No sepultamento da criança à qual estava associada (de idade não informada), havia também outros artefatos funerários, incluindo uma garrafa de cerâmica (Allard et al. 1997: 33). Particularmente interessante é o fato de que, sobre a figurinha descrita, havia mais uma: feita sobre uma primeira falange de caprino, era menor e menos detalhada (Figura 10a). Um trabalho sumário achatou o reverso dessa figurinha, por abrasão das saliências das extremidades proximal e distal da face caudal da falange (Figura 11a). Na face anterior, duas pastilhas finas de nácar com perfuração central e parecidas com as da peça anterior (embora menores) representavam os olhos (Figura 10a). Assim como na maior, a pequena exhibe o relevo denteado que marca a zona articular da epífise distal. (Figuras 7 e 10). Trata-se, portanto, de dois artefatos de mesma concepção, que diferem de tamanho em razão do suporte escolhido. Ambas as figurinhas estavam depositadas aos pés da criança, dispostas uma ao lado da outra com a cabeça na mesma altura e face virada para o chão (Allard et al. 1997: 33) (Figuras 6 e 9). Desta vez estamos falando de uma mobília funerária e de artefatos depositados num contexto em que foram conservados *in situ* e em ótimas condições.

Em Cuiry-les-Chaudardes, localidade distante alguns quilômetros da anterior, outra falange de caprino foi achada em fossa de detritos; apresenta a mesma preparação aplainando os relevos articulares proximal e distal da face caudal (Sidéra 2009). (Figuras 10b e 11b). Não houve matéria acrescentada, ou as pastilhas podem ter sido retiradas intencionalmente (op. cit.). De qualquer forma, é provável que esse artefato seja uma réplica, com ou sem os olhos da imagem menor do sepultamento de Berry-sur-Bac. Assim sendo, essas quatro figurinhas corresponderiam a dois padrões: um grande, sobre metacarpo de caprino e um menor, sobre falange de um animal da mesma espécie.

Até agora falamos em “figurinha”. Contudo, como e quando se pode passar daquela denominação geral para outra, de “boneca” - uma função precisa? Foram estudados os vestígios de uso que poderiam permitir um diagnóstico nos exemplares de Cuiry-lès-Chaudes e de Berry-au-Bac. Uma boneca para criança destinada a brincadeiras comporta obrigatoriamente marcas de alteração e manipulação: arredondamento das superfícies e do volume, arranhões, pequenas quebras, etc. Contudo a análise foi pouco esclarecedora. Apenas um desgaste do volume poderia ter ocorrido na peça maior de Berry-au-Bac. Somente a extremidade distal do metacarpo está muito alterada, parcialmente quebrada e parece erodida, o que poderia indicar uma utilização intensiva (Figuras 7 e 8). Mesmo assim, essas marcas, observadas em apenas um objeto e não na série completa, são difíceis de serem interpretadas e sua causa permanece hipotética. Não se diagnosticou nenhum arredondamento evidenciando um desgaste pelo uso como boneca e não como figurinhas pouco manipuladas e movimentadas no contexto de uma função mais simbólica que material. Contudo, a ausência de marcas superficiais não é uma prova em contrário, pois as condições de enterramento no solo levaram à destruição da superfície óssea inicial, alterada por eventos tafonômicos. Os ossos foram atacados por micro raízes vegetais (Figuras 5, 8 e 11) e é provável que ataques químicos por parte do solo sejam os responsáveis pelas modificações da superfície original.

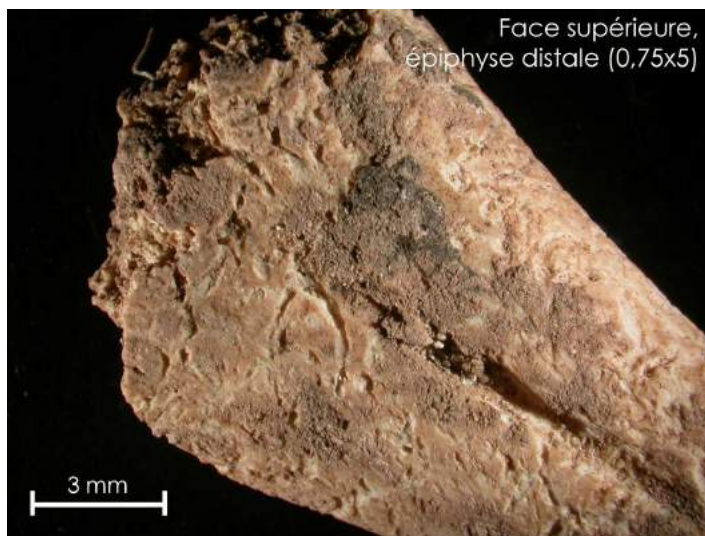


Figura 8. Vista microscópica da superfície e da parte distal do metapodial de Berry-au-Bac. A erosão da epífise poderia decorrer do uso. Superfície óssea com possível aplainamento de origem antrópica. Não há certeza em relação a isto em razão da deterioração do osso, particularmente pela ação de micro raízes. Restos de liga para fixação dos olhos. Foto: I. Sidéra.

A ausência de polimento por manipulação também pode ter outras causas, como aquelas que se veem em exemplares africanos. Com efeito, existem na África ocidental numerosíssimas bonecas muito parecidas com as peças neolíticas. São chamadas bonecas *di kori* [filha ou filho do osso]. Como aquelas do neolítico, costumam ser fabricadas a partir de ossos metapodiais de ruminantes (Figura 12). Algumas evidenciam pouco ou nenhum trabalho. O osso permanece intacto e nu, recebendo apenas colares, cinto ou brincos de pérola que adornam a diáfise e remetem ao universo feminino, pois estas bonecas são feitas pelas utilizadoras (Cameron 1996; de Maret e Sidéra 2015; Leibhammer e Dell 1998; Rossie 2005 ; Sidéra e de Maret 2016). Em vários casos e com exceção da cabeça, o osso está dissimulado embaixo de vários cordões, trapos, laços de couro, etc. (Figura 7). Também pode servir de massa central, sendo revestido por cera de abelha antes de a boneca receber contas e roupas (Cameron 1996: 63 ; de Maret e Sidéra 2015, figura 5). O osso fica, portanto, totalmente revestido e inacessível.

Caso as figurinhas neolíticas fossem também vestidas com matérias que não se conservaram, isto explicaria a ausência de qualquer arredondamento. Assim, somente poderia haver marcas de fratura e erosão na cabeça, o que corresponde ao que se observou na peça maior de Berry-au-Bac (Figura 7). Na ausência de prova definitiva, a identificação das peças como bonecas decorre essencialmente do contexto: estes objetos se encontram em sepultamentos infantis. Lembremos que as figurinhas esquemáticas da Europa Central, por sua vez, nunca ocorrem em contexto funerário. É, portanto, razoável associar as figurinhas sobre ossos metapodiais de caprinos a bonecas, típicas do *Rubanéé*. Mais ainda: os dois modelos e o tamanho diferente poderiam remeter à dupla mãe/criança, uma hipótese ainda inspirada pelo exemplo das bonecas africanas. Alguns artefatos amarram com cordões um grande osso metapodial e outro, menor, evocando a mãe que carrega a criança nas costas (Figura 13). É possível que tenhamos em Berry-au-Bac uma dupla semelhante. Neste caso, seriam o perfil muito plano do metapodial e o aplainamento das costas da figurinha sobre falange uma preparação destinada a facilitar a adaptação das duas peças, uma à outra? Contudo, a disposição dos artefatos na fossa funerária – paralelos e com as cabeça emparelhadas (Figura 6) – não apoia esta hipótese.

A etnografia nos ensina que as bonecas africanas *di kori*, feitas de osso e tão parecidas morfológicamente com as neolíticas, são objetos complexos. Em primeiro lugar, elas desempenham um papel importante na aprendizagem dos papéis sociais e dos comportamentos ligados a gênero. Um das brincadeiras nas quais elas são utilizadas é, obviamente, o casamento (Rossie 2005: 200) e, mais ainda, a maternidade (Allainmat 1942; Cameron 1996; Dagan 1990; Leibhammer e Dell 1998; Lusardy 2006; Lutten 1933). Assim, além de um papel definido nas práticas sociais, elas estão associadas ao princípio de fertilidade, tendo também um papel nas crenças. Suas funções são profanas e também mágicas, pois gozam de virtudes propiciatórias relacionadas à fecundidade da mulher (Dagan 1990; Cameron 1996 ; Leibhammer e Dell 1998), de tal forma que seu status é ambíguo e múltiplo. Entre os Bissago da Guiné Bissau, as “crianças do osso” ficam penduradas nas costas das garotas até seu casamento. Brinquedo e também símbolo de fecundidade, o objeto representa a criança vindoura (Duquette 1983 :132-133 ; Cameron 1996: 62). É bem possível que significados múltiplos fossem também atribuídos às peças do Neolítico europeu e que os túmulos nas quais elas foram encontradas sejam de meninas. De qualquer forma, dispomos agora de vestígios instigantes e novos que trazem à tona a primeira infância no Neolítico, assim como práticas e crenças religiosas.

Acrescentamos que os sepultamentos onde foram encontradas essas figurinhas possuíam também um rico material mobiliário. Assim, a criança de Ensisheim possui enfeites numerosos e diversificados com elementos feitos com conchas de *Spondylus* e de outras espécies. Esses adornos sugerem o universo feminino e pode-se apostar que a criança seja uma menina. O sepultamento de Berry-au-Bac, por sua vez, continha, além das duas bonecas, uma garrafa de cerâmica (et al. 1997:33). Constantin et al. (2003:61) fizeram uma análise comparativa dos sepultamentos da região e de um sítio para outro, levando em conta a natureza das oposições ou diferenças. A partir desse trabalho, constatou-se que a variabilidade não parece ser consequência de diferenças conjunturais e locais dentro de um comportamento comum.



Figura 9. Vista das duas bonecas *in situ* do sepultamento 607 de Berry-au-Bac “Le Vieux Tordoir” (sepultamento 607), viradas em 180°. Os elementos feitos de nácar ficaram no fundo do túmulo, segundo Allard et al. 1997: figura 4. Infografia V. Verardo (MAE).

É, portanto, possível que a colocação de boneca(s) no mobiliário funerário tenha um significado especial em relação à criança/menina enterrada. Esses achados fornecem assim um novo material para reflexões sobre diferenças de status entre os indivíduos da cultura *Rubanéé*, que tinham sido iniciadas por P. A. de Labriffe (1986) e retomadas por C. Jeunesse (1997) e outros (Constantin et al. 2003).

Com essas bonecas surge um aspecto inteiramente desconhecido da pré-história, o universo da primeira infância e das suas brincadeiras. Estaríamos diante dos mais antigos brinquedos identificados do mundo. No entanto, esses artefatos possuem provavelmente outros significados, relacionados ao universo da magia. Como nas bonecas africanas, privativas do universo feminino, salienta-se a complexidade das suas funções. Por um lado, são destinados a favorecer a aprendizagem e a reprodução dos papéis sociais, ou seja, desempenham um papel profano. Por outro lado, seriam dotadas de poderes mágicos atuando sobre a fertilidade, por encarnarem uma criança vindoura. Os dois modelos de boneca apreciados na *Rubanéé*, provavelmente mãe e criança, apontam para uma relação profunda, quase espantosa, de continuidade, entre boneca e maternidade. Brincar de boneca é uma atividade muito antiga que une todas as meninas, quaisquer que sejam suas culturas.

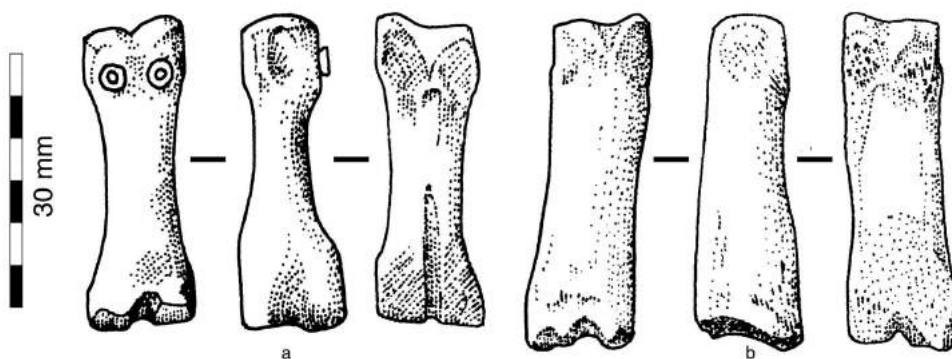


Figura 10. Modelos de boneca pequena em osso sobre primeira falange de caprino. a) Berry-au-Bac « le Vieux Tordoir » (sépultamento 607). b) Cuiry-lès-Chaudardes (casa 225). Escala. 2/3. Desenho I. Sidéra. Encrage G. Monthel.

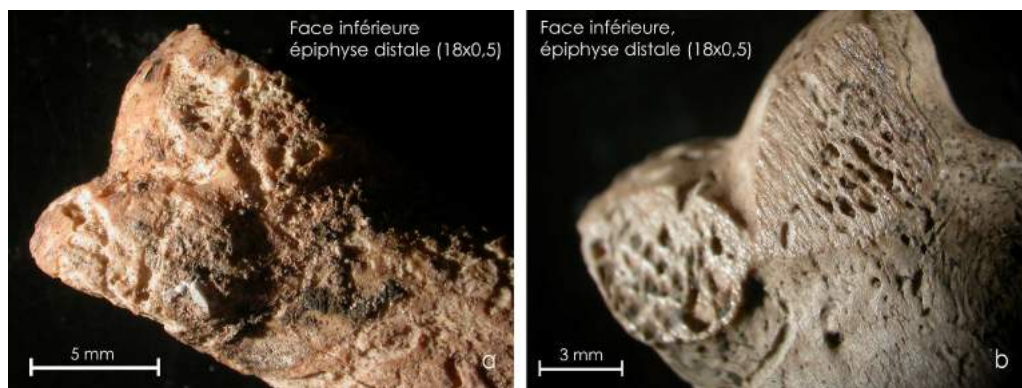


Figura 11. Visão microscópica do trabalho de aplanamento por abrasão (ver as estrias) da face caudal da epífise: a) sepultamento 607 de Berry-au-Bac; b) habitat de Cuiry-lès Chaudardes. Foto: I. Sidéra.

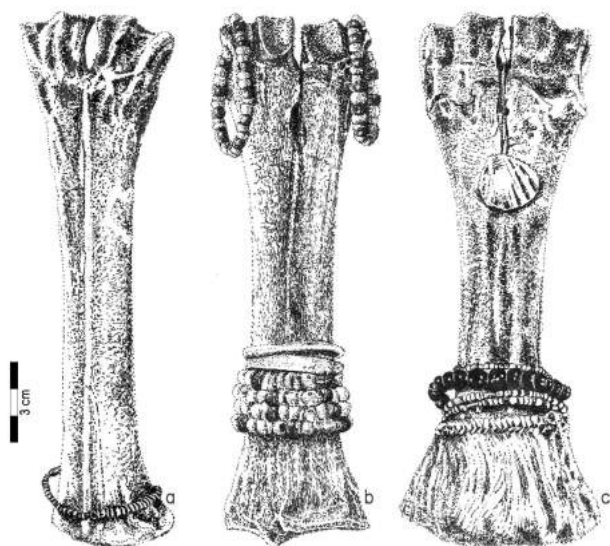


Figura 12. Bonecas “di Kori”, Balante, Guiné Bissau. a) osso metapodial nu com cinto de pequenas contas de vidro; b) osso metapodial nu com cinto, colar e brincos de contas de vidro e cordão de couro; c) osso metapodial nu, com cinto de pequenas contas de vidro, concha colada e saia de fibras vegetais. Desenhos de C. Durval, a partir de fotografia.

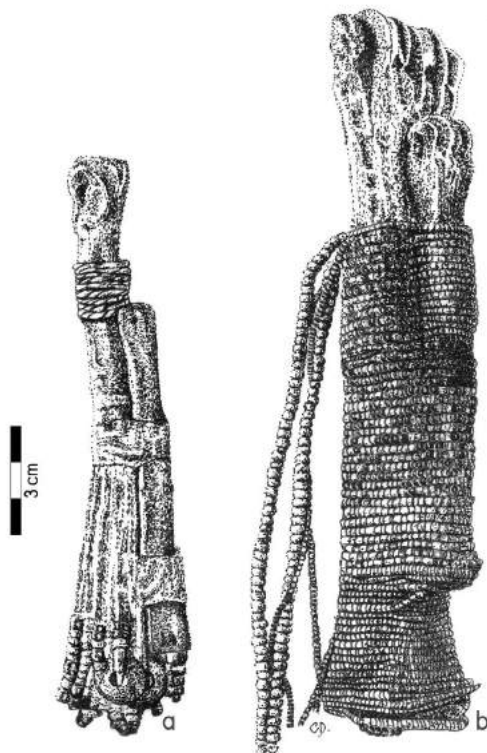


Figura 13. Bonecas “di Kori” representando a dupla mãe/criança. a) Nigéria, coll. Meyne; metapodiais parcialmente reunidos com um cordão, com elementos de couro, matéria vegetal, contas de vidro, moedas metálicas e uma pulseira de aço. b) Togo, um cordão recobre inteiramente o corpo, com exceção da cabeça. Desenhos de C. Durval, a partir de fotografia.

Referências

- ALLAINMAT, Y. 1942. Poupées en os : le « Di Kori ». *Notes Africaines* 15 (1).
- ALLARD, P.; DUBOULOZ, J.; HACHEM, L. 1997. Premiers éléments sur cinq tombes rubanées de Berry-au-Bac (Aisne, France): principaux apports à l'étude du rituel funéraire danubien occidental. *Le Néolithique danubien et ses marges entre Rhin et Seine*, Actes du 22^e colloque interrégional sur le Néolithique, Cahiers de l'association pour la promotion de la recherche archéologique en Alsace, supplément 1997: 31-43.
- BONNARDIN, S. 2009. *La parure funéraire du Néolithique ancien en Bassins parisien et rhénan. Rubané, Hinkelstein, Villeneuve-Saint-Germain*. Société Préhistorique Française, Mémoire n° XLIX, 322 p.
- CAMERON, E. L. 1996. *Isn't s/he a doll ? Play and Ritual in African Sculpture*. Los Angeles: UCLA Fowler Museum of Cultural History.
- CONSTANTIN, C.; FARRUGGIA, J.-P.; BONNARDIN, S.; GUICHARD, Y.; SIDÉRA, I.. 2003. Les tombes rubanées de la vallée de l'Aisne. Présentation. Actes de la Table Ronde *Les pratiques funéraires néolithiques avant 3500 av. J.-C. en France et dans les régions limitrophes*, Saint-Germain-en-Laye, 2001, Mémoires de la société préhistorique française 33, p. 54-63.
- DAGAN, E. A. 1990. *African dolls for play and magic*. Montreal: Galerie Amrad African Arts.
- DE MARET, P.; SIDÉRA, I. 2015. Les poupées sur métapode de ruminant. Quand des exemples africains contribuent à l'interprétation de vestiges d'autres continents, *Afrique, Archéologie et Arts* 11, p. 9-20 <https://journals.openedition.org/aaa/481>
- DE LABRIFFE, P. A. 1986. *Les sépultures danubiennes dans le Bassin parisien*, mémoire de Maîtrise de l'univ. Paris I, 2 vol. (multigr.).
- DUQUETTE, D. 1983. *Dynamique de l'art 'bidjogol' (Guinée Bissau) : Contribution à une anthropologie de l'art des sociétés africaines*. Lisbonne : Instituto de Investigação Científica Tropical.
- GALLAY, G.; MATHIEU, G.. 1988. Grabbeigaben der Bandkeramik von Ensisheim dep. Haut-Rhin (Elsass), *Germania* 66, 2: 371-389.
- JEUNESSE, C. 1997. *Pratiques funéraires au Néolithique ancien. Sépultures et nécropoles des sociétés danubiennes, 5500-4900 av. J.-C.* Paris: Éd. Errance.
- KALICZ, N.; KOÓS, J. 2001. Eine Siedlung mit ältestneolithischen Gräbern in Nordostungarn, *Preistoria alpine* 37: 45-79.
- LEIBHAMMER, N.; DELL, E. (Eds). 1998. Evocation of the Child. *Fertility Figures of the Southern African Region. Johannesburg Art Gallery*. Cape Town: Human and Rousseau.
- LUSARDY, M. 2006. Ces poupées qui ne veulent pas être que des jouets. *Cahiers jungiens de psychanalyse*, 117: 9-16.
- LUTTEN, E. 1933. Poupées d'Afrique occidentale recueillies par la Mission Dakar-Djibouti. *Bulletin du Musée d'Ethnographie du Trocadéro* 5: 8-19.
- MATHIEU, G. 1992. Une figurine stylisée dans une tombe d'enfant de la nécropole rubanée d'Ensisheim (Haut-Rhin). *Actes du 11e colloque interrégional sur le Néolithique*, Mulhouse, octobre 1984, éd. de l'Association Internéo : 119-130.

ROSSIE, J.-P. 2005. *Cultures Ludiques Sahariennes et Nord-Africaines. Poupées d'enfants et jeux de poupées*. Stockholm: Eds. SITREC.

SCHADE-LINDIG, S. 2002. Idol- und Sonderfunde der bankeramischen Siedlung von Bad Nauheim-Nieder-Mörlen "Auf dem Hempler" (Wetteraukreis). *Germania* 80: 47-114.

SIDÉRA, I. 2009. Figurines et outils anthropomorphes en os du Néolithique danubien, *Archeo-Situla* 28-29, 2008-2009: 13-27.

SIDÉRA, I.; DE MARET, P. 2016. An Ideal Bone for Traditional Dolls. Ruminants Metapodia Figurines: Archaeological and Ethnographical Examples From Africa and Europe. In VITEZOVIÆ, S. (Ed.), *Close to the Bone: Current Studies in Bone Technologies*. Belgrade: Institute of Archaeology, p. 315-323.

Uma reflexão sobre a criança e a infância: em busca de indícios de crianças/aprendizes lascadoras na pré-história brasileira

Déborah Duarte-Talim¹
Maria Jacqueline Rodet²

Resumo. Nos últimos decênios, os arqueólogos têm buscado inserir em seus estudos as crianças enquanto agentes sociais que influenciam na produção e distribuição dos vestígios materiais. Este capítulo trata de correlatos materiais que podem ser relacionados às atividades infantis, se aprofundando no lascamento da pedra por crianças/aprendizes na pré-história. Se considerarmos para a pré-história, como o fazemos para os dias atuais, as crianças como agentes sociais responsáveis por (re)produzir a cultura, podemos acessá-las através dos indícios relacionados à aprendizagem. Através do método da Análise Tecnológica dos sistemas técnicos e do conceito de cadeia operatória é possível compreender as intenções produtivas das indústrias líticas: seus objetivos finais, mas também os objetivos de cada etapa da produção dos instrumentos, diferenciando os lascadores experientes das crianças/aprendizes. Alguns caracteres relacionados ao lascamento de aprendizes são: **i.** grande desperdício de matéria-prima e utilização de matéria-prima de menor qualidade para o lascamento; **ii.** alta frequência de acidentes e insistência no erro; **iii.** produção de peças que fogem os modelos culturais, pouco estandardizadas e não funcionais e **iv.** inabilidade em se reproduzir algumas etapas da cadeia operatória.

Abstract. In recent decades, archaeologists have sought to include children in their studies as social agents that influence the production and distribution of material remains. This chapter deals with material correlates that may be related to children's activities, specially related to stone knapping made by children / apprentices in prehistory. If we consider prehistory, as we do for the present, children as social agents responsible for (re) producing culture, we can access them through evidence related to learning. Through the Technological Analysis method of the technical systems and the concept of the *Chaîne Opératoire*, it is possible to understand the productive intentions of the lithic industries: their final objectives, but also the objectives of each stage of tool production, differentiating the experienced knappers from the children / apprentices. Some characters related to the apprentices' knapping are: **i.** great waste of raw material and use of lower quality raw material for the knapping; **ii.** high frequency of accidents and insistence on error; **iii.** production of pieces that escape the cultural models, little standardized and nonfunctional and **iv.** inability to reproduce some steps in the *Chaîne Opératoire*.

Introdução

Todas as sociedades humanas são, naturalmente, compostas por adultos e crianças; uma composição necessária para a renovação e a sobrevivência biológica, mas também cultural, dessa sociedade. Estudos de sociedades contemporâneas e históricas apontam que

¹ Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Bolsista FAPEMIG.

² Professora Associada do Departamento de Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Bolsista de produtividade do CNPq.

as crianças, de fato, compreendem uma parcela considerável dessa população (Kamp, 2006; Högber, 2008; Lima, 2012; dentre outros). Pode-se considerar que os grupos humanos na pré-história não seriam, neste aspecto, diferentes.

As crianças do passado, como as de hoje, consideradas enquanto agentes sociais mediadores (Lillehammer, 2010), certamente manipularam objetos materiais, e, com isso, influenciaram na composição e na disposição dos vestígios arqueológicos. Porém, a criança foi por muito tempo invisível nos estudos arqueológicos e só passou a ser objeto de estudo na arqueologia nos anos 1980, em função das abordagens feministas e de gênero. Muitos fatores contribuem para sua invisibilidade, dentre eles: a dificuldade em se reconhecer os vestígios deixados pelas crianças e, o principal, devido à projeção de uma visão androcêntrica, de que as crianças não são um objeto interessante, uma vez que são economicamente dependentes e biologicamente imaturas, sendo pequenas ou inexistentes suas interferências (Kamp, 2006; Lima, 2012; Romanowicz, 2013; Pawleta, 2013; dentre outros).

Mas, afinal, o que é “a criança” e “a infância”? Historicamente, do ponto de vista das sociedades ocidentais, a criança e, conseqüentemente, a infância, foram vistas de maneira distinta, ao longo do tempo, pelas diferentes classes sociais (Ariès, 1978; Del Priore, 1999; Pawleta, 2013; Lins *et al.*, 2014; dentre outros). Essas maneiras de ver a infância têm relação com as maneiras de se pensar a família, a mulher, a educação e as classes sociais e econômicas nas diferentes sociedades – temas indissociáveis da criança (Lins *et al.*, 2014). De fato, o próprio conceito de infância é uma construção social, um produto da sociedade moderna europeia, elaborado, segundo P. Ariès (1978), gradativamente, sobretudo com o surgimento da vida privada em família e da escolarização. Todo esse processo teria culminado em uma visão da infância como uma etapa distinta da vida, com particularidades específicas, as quais demandam cuidados e ações diferentes daqueles destinados aos adultos (Ariès, 1978; Del Priore, 1999; Lins *et al.*, 2014). P. Ariès (1978) denomina essa particularidade de “sentimento da infância”, o qual não se desenvolveu de forma homogênea nem para os meninos e as meninas e nem entre as diferentes classes sociais. A partir do momento em que esse sentimento se encontra desenvolvido nas sociedades europeias, crianças e adultos passam a ter papéis distintos dentro da sociedade e de suas famílias: papéis que requerem comportamentos também distintos.

Se pensarmos no contexto histórico brasileiro, “ser criança” é ainda mais heterogêneo. Deve-se considerar o impacto gerado pelo escravismo: uma sociedade formada por componentes culturais muito distintos (índios, negros, brancos, mulatos, etc.), ligados pela dominação (e resistência), que resultou em uma profunda desigualdade de distribuição de riquezas e de poderes. Ainda, vê-se muitas diferenças entre a participação das crianças nos contextos litorâneos dos cultivos e aqueles do sertão, das minas de ouro e de pedras preciosas, por exemplo (Scarano, 1999). Essas desigualdades e diferenças se refletem no tratamento dado às crianças.

Assim, a infância não pode ser considerada como um fenômeno universal (Ariès, 1978; Högberg, 2008; Lillehammer, 2010; dentre outros.), pois cada cultura tem sua própria infância e seus próprios conceitos de criança e de infância, que podem extrapolar os limites corporais e sociais (Lillehammer, 2010). A. Högberg (2008) defende, no entanto, que nos diferentes conceitos há um componente universal: nesta etapa, as crianças (sejam elas quem sejam) têm um comportamento característico e distinto das demais fases da vida.

A criança na pré-história

Sendo, então, a criança uma construção histórica, variável em função do tempo e do espaço, como pensar este tema na pré-história, sem correr o risco de projetar alguma “imagem” anacrônica do que é a infância e do que é ser criança? Quais correlatos materiais podem ser utilizados para se obter informações sobre as crianças na pré-história?

A categoria de vestígios mais óbvia para se estudar sobre as crianças é composta pelos sepultamentos infantis que, no entanto, apresentam inúmeros problemas de conservação em função da maior fragilidade dos ossos de um infante e das condições do solo. Ainda, dentro desse universo, tem-se os acompanhamentos funerários que podem indicar diferentes tratamentos dados à morte das crianças em relação aos adultos, de meninos em relação às meninas – quando a identificação do sexo é possível, por exemplo (Pawleta, 2013). Nesse contexto, E. Pereira (comunicação SAB Belém, 2009), encontrou no sítio do Sossego, estado do Pará, três sepultamentos infantis com idades entre 3 e 7 anos (estudos S. Mendonça e C. de Carvalho): em um deles, havia uma pequena lâmina de machado polida (entre a tampa e a urna), como uma miniatura dos instrumentos dos adultos; nos outros dois, havia vasos cerâmicos em miniatura, dentro das urnas. Outro pote miniatura foi encontrado no mesmo sítio, dentro do que parece ter sido uma lixeira. A iconografia do pote foi relacionada aos grupos Tupiguarani: os traços da pintura eram inseguros, por vezes convergentes, quando deveriam ser paralelos, demonstrando imaturidade, aprendizado (E. Pereira, com. pessoal).

Uma segunda categoria diretamente relacionada às crianças é composta pelos brinquedos e pelas miniaturas, mais diretamente reconhecidos como tal nos períodos históricos. Porém, quais seriam os brinquedos das crianças na pré-história? E, como ressalta P. Ariès (1978), mesmo para os períodos históricos deve-se ter cuidado ao relacionar diretamente as miniaturas a brinquedos destinados às crianças. Na Antiguidade, as miniaturas eram réplicas de objetos quotidianos colocadas em túmulos, não possuindo o *status* de brinquedos/bonecas. Na Idade Média, a dualidade réplica – boneca é continuada, principalmente no campo. *“Esse gosto em representar de forma reduzida as coisas e as pessoas da vida quotidiana, hoje reservado às criancinhas, resultou numa arte e num artesanato populares destinados tanto à satisfação dos adultos como à distração das crianças”* (Ariès, 1978: 90). Especificamente com relação aos instrumentos líticos: seriam eles miniaturas feitas por crianças (ou para as crianças), que tentam reproduzir os instrumentos dos adultos, ou instrumentos em final de vida, ou seja, com um estado técnico avançado (Pelegrin, 1986 [1995]; Rodet, 2005; Pelegrin *et al.*, 2017; dentre outros)?

Uma terceira categoria pode ser levantada quando se considera que as crianças seriam na pré-história, como hoje, um dos agentes sociais responsáveis por (re)produzir a cultura: a aprendizagem, responsável por transmitir, de geração em geração, a própria cultura, mas também de inserir inovações e mudanças. De forma geral, o ensino-aprendizado ocorre de diferentes maneiras combinadas entre si: instrução, observação, imitação e prática individual (Shea, 2006; Högberg, 2008; Lillehammer, 2010; dentre outros). Nesse contexto as crianças-aprendizes são agentes sociais ativos na perpetuação da cultura.

Essa categoria, muito discreta, pode ser evidenciada através do método da Análise Tecnológica aplicado aos sistemas técnicos (indústrias lítica, cerâmica, óssea, etc.) das ocupações pré-históricas (Mauss, 1947). Desde M. Mauss, considera-se que o Homem e as técnicas mantêm *“(…) une casualité réciproque: ils les fait et elles lui permettent de se*

faire”³ (Mauss, 1933 *apud* Schlanger, 2012: 73) e essa causalidade recíproca é responsável pelas relações sociais, através da tradição técnica:

(...) les techniques sont traditionnelles, c’est-à-dire qu’elles font l’objet d’imitation, et aussi d’enseignement, d’apprentissage et de transmission. L’acquisition et l’exercice des techniques se déroulent dans un espace matériel qui est aussi collectif et partagé, qui façonne et qui informe la sociabilité de ses praticiens⁴ (Schlanger, 2012: 73-74).

A Análise Tecnológica permite a identificação das intenções produtivas dos grupos humanos no que se refere ao trabalho da pedra, através do reconhecimento das escolhas relativas às matérias-primas, aos métodos e às técnicas utilizados. O principal conceito é o de cadeia operatória que organiza temporalmente as etapas de produção dos instrumentos, desde sua concepção, escolha e aquisição da matéria-prima, produção, utilização até o descarte (Mauss, 1947; Maget, 1953; Leroi-Gourhan, 1964; Inizan *et al.*, 2017; dentre outros). No entanto, as cadeias operatórias não possuem apenas um objetivo final – o instrumento desejado –, mas também objetivos intermediários, que devem ser atingidos a cada etapa de produção, pois são essenciais para que a matéria-prima em transformação se aproxime, cada vez mais, do objetivo final. Esses conceitos intermediários permitem que o lascador possa adaptar suas limitações reais (ambientais, relativas à matéria-prima, por exemplo, ou humanas, como o nível de seu conhecimento e de sua habilidade) ao desejável (Pelegrin, 1986 [1995], no *prelo*). V. Roux e A. David (2006) defendem, para o caso da produção de contas de calcadônia na Índia, por exemplo, que o aprendizado tem como base a compreensão e a capacidade de reprodução de cada um desses *sub-goals*.

As remontagens e os *raccords* (*refittings*) são os principais mecanismos para a identificação desses objetivos (principais ou intermediários), uma vez que pressupõem uma análise correlacional entre cada uma das peças líticas: núcleos, instrumentos e restos brutos, levando a uma reconstituição, por vezes física, por vezes mental, das etapas de produção desenvolvidas (Tixier, 1976; Tixier, 1980 [1984]; Pelegrin, 1986 [1995]). Em condições excepcionais de conservação dos vestígios, como nos sítios franceses de Pincevent e Étioilles, as remontagens e os *raccords* possibilitaram precisar etapas de aprendizado, de acordo com as habilidades motoras e mentais dos lascadores observadas nos numerosos núcleos remontados (Pigeot, 1983, 2004). Os lascadores/lascadoras deixaram impressos nos núcleos a “força das normas sociais”. De um lado pôde-se observar sem dúvidas as debitagens executadas sem erros, sem hesitação, sem acidentes, utilizando estratégias ideais, com um gestual excelente, para um resultado otimizado, evitando acidentes, adequando o objeto – os grandes núcleos –, aos seus objetivos culturais de produção de grandes lâminas. Por outro lado, outra debitagem estava presente, desta vez, bem mais simplificada, com núcleos menores,

³ “(...) uma casualidade recíproca: ele as faz e elas o permitem fazê-las” (Tradução livre, D. Duarte-Talim, 2018).

⁴ “(...) as técnicas são tradicionais, ou seja, que elas são objeto de imitação, mas também de ensinamento, de aprendizagem e de transmissão. A aquisição e o exercício das técnicas se desenvolvem em um espaço material que também é coletivo e compartilhado, que dá forma e que informa a sociabilidade de seus praticantes” (Tradução livre, D. Duarte-Talim, 2018).

sem o sentido tático visto nos grandes núcleos anteriores. Os acidentes que aparecem são corrigidos, apontando para um lascamento que, mesmo se menos *soigné*, menos produtivo, responde às necessidades individuais. Tais debitagens imperfeitas, por vezes negligentes, marcadas por defeitos conceituais ou técnicos, mais e menos importantes, apresentam diferentes níveis de aquisição sucessiva e racional dos princípios do lascamento daquele grupo cultural. N. Pigeot (2004), pôde observar nos vestígios o progresso motor do gesto, apontando para uma “aquisição gradual e difícil do lascamento”, claramente observada entre o lascador experimentado e os distintos níveis de qualificação. Por outro lado, para além do *savoir-faire*, os objetivos econômicos e o espaço social que ocupavam estes lascadores na habitação, eram bem distintos (Pigeot, 2004). Os aprendizes parecem ocupar lugares diferentes na organização do espaço pré-histórico: enquanto o lascador experimentado tem o seu *locus* de debitagem bem estruturado, dentro dos quais os produtos procurados estão ausentes (caso do sítio arqueológico de Pincevent, França), os restos dos aprendizes encontram-se deslocados desses setores e neles não há o mesmo tipo de produto procurado.

De todo modo, N. Pigeot (1983, 2004) teve dificuldade em distinguir entre debitagem simplificada e/ou debitagem de aprendizagem. Não há problema em colocar em oposição uma debitagem elaborada e outra simplificada. Entretanto, existe uma larga gama entre esses dois opostos, as quais deixam dúvidas aos tecnólogos. E a falta de cuidado presente nessas debitagens, os erros que levam a acidentes mais e menos graves, mas previsíveis, foram, frequentemente, reparados na continuidade do lascamento, deixando pensar que não havia tanta inexperiência. Entretanto, “*a capacidade cognitiva à atenção é um elemento de apreciação, notadamente na evolução ontogênica em direção à idade adulta. É importante, então, determinar se a falta de cuidado é intencional e consciente, ou não, e, nesse caso, seria somente uma assinatura de uma competência imatura*” (Pigeot, 2004:73).

Há exemplos similares em sítios da Dinamarca (Fisher, 1990) e da Suécia (Högber, 2008) em que as análises do material lítico também permitiram identificar níveis diferenciados do lascamento entre lascadores especialistas e aprendizes. A. Fisher, por exemplo, no sítio de Trollesgave (Dinamarca), ao analisar as características tecnológicas e o padrão de distribuição e localização das áreas de lascamento, interpreta que o sítio estudado era “*a school of fint knapping*” (Fisher, 1990: 46).

Atualmente, com base nos estudos de coleções arqueológicas, na realização de Programas Experimentais problematizados (Pelegrin, 2017) e em observações etnográficas de grupos que ainda trabalham a pedra (Petroquin e Petroquin, 2002; Roux e David, 2006; Rodet *et al.*, 2016; dentre outros), pode-se elencar um conjunto de caracteres que, associados, podem indicar o lascamento realizado por aprendizes. Os principais caracteres que apontam para aprendizes do lascamento são os seguintes, segundo Pigeot, 1983, 2004; Fisher, 1990; Chauchat e Pelegrin, 2004; Roux e David, 2006; Shea, 2006; Högberg, 2008; Sternke e Sørensen, 2009; Orzyłowska e Karolak, 2013; Rodet e Duarte-Talim, 2013; Klaric (Ed.), 2018, dentre outros:

- a) Grande desperdício de matéria-prima e utilização de matéria-prima de menor qualidade para o lascamento

Um lascador experiente conhece bem as propriedades e o comportamento da matéria-prima e, conseqüentemente, sabe avaliá-la bem, desde sua seleção nas jazidas. A escolha de uma boa matéria-prima resulta em um lascamento satisfatório por um lascador que tem

⁵ “Uma escola de lascamento” (Tradução livre D. Duarte-Talim, 2018).

domínio de seus objetivos intermediários e de seus gestos. As crianças em fase de aprendizado, por outro lado, vão “gastar” muita matéria-prima, pois ainda estão “treinando” o corpo para acertar o gesto. Em função do maior desperdício de matéria-prima pelos aprendizes, a matéria-prima a ser oferecida a eles pode ser aquela de segunda escolha dentro do grupo, ou seja, de menor qualidade para o lascamento, heterogênea, com granulometria grossa, fissuras, geodos, córtex espesso, etc.

Entretanto, essa questão pode estar também relacionada a outros elementos, tais como, abundância ou não de matéria-prima de qualidade, nível de aprendizagem e intenção econômica do lascamento. É possível pensar que no início da aprendizagem os pequenos lascadores teriam acesso às matérias-primas de segunda escolha ou aos restos de matérias-primas de qualidade, aquelas já fora das dimensões desejadas. Entretanto, quanto mais os aprendizes dominassem as técnicas e estratégias conceituais e econômicas do lascamento, mais eles utilizavam as matérias-primas de qualidade. Assim, buscar os aprendizes através das distintas matérias-primas não é sempre algo objetivo.

b) Ocorrência de acidentes tecnológicos em alta frequência e insistência no erro

O acidente pode ser algo inesperado ou incontrolado, como por exemplo, durante a façanagem de um instrumento, a vibração de uma peça muito pouco espessa, no momento que recebe um golpe do percutor orgânico, a fragmenta. Por outro lado, o acidente pode ser o resultado de pouco cuidado na preparação do local que vai receber o golpe. O pouco cuidado, como dito anteriormente, pode ser um sintoma de pouco domínio do lascamento pelo lascador. De acordo com N. Pigeot (2004), o importante é saber se tal comportamento é intencional e consciente. Em caso positivo, trata-se de uma fase de aprendizado, de maturação do indivíduo para o lascamento. O pouco domínio do lascamento será sempre marcado pela má apreciação do gesto que deverá ser utilizado. Ou ainda, pela falta de cuidado na preparação, que se concretiza pela presença de acidentes (normalmente previsíveis e, portanto, evitáveis).

Os acidentes tecnológicos ocorrem devido a quatro elementos combinados: gesto ineficaz e incorreto, emprego da força indevida, má qualidade da matéria-prima e pouco cuidado na preparação (Roche e Tixier, 1982). A criança/aprendiz, no início de seu aprendizado, ainda não domina completamente nenhum desses elementos e, assim, os acidentes são constantes em seus lascamentos, notadamente o refletido. Se nesse início ela não pode evitar o erro, também não sabe como resolver os problemas que aparecem ao longo do lascamento: insiste no erro (batendo repetidamente no mesmo setor, sem conseguir iniciar a fratura), causando e agravando os acidentes já existentes (utiliza como ponto de percussão o setor em frente a uma série de refletidos anteriores, em consequência, a lasca, muito provavelmente, não vai se desenvolver corretamente, refletindo no mesmo local dos outros refletidos). Por vezes, devido à incapacidade (por desconhecimento e/ou falta de experiência) ou à impaciência de corrigi-los, esgota-se a possibilidade de continuidade do lascamento. Outras vezes, nota-se claramente a aquisição de certos elementos, apontando para outro nível de cognição do lascamento. O *emoussé* insistente (mas não demasiado), assim como a *cintrage* proximal, realizada nas proximidades do futuro ponto de impacto, colocando-o à vista e reforçando o volume a ser debitado, podem garantir a obtenção do produto desejado. Entretanto, o pouco cuidado nessas preparações pode levar a acidentes, os quais quando corrigidos não influenciam de maneira negativa no conjunto da debitagem e demonstram outro nível dentro da aprendizagem. Esses conjuntos que apresentam distintos níveis de cognição no lascamento se misturam ao trabalho dos mestres e tornam-se, muitas vezes, invisíveis, dificultando para o arqueólogo relacioná-los às crianças/aprendizes.

De uma maneira geral, grande parte dos acidentes de lascamento são previsíveis e, então, evitáveis. Entretanto, inicialmente, o aprendiz não consegue prevêê-los ou corrigi-los. Em um segundo momento de aquisição do lascamento, o lascador já resolve alguns problemas, mesmo que com uma certa inexperiência (modificar ou trazer o ponto de impacto para um setor mais adequado do plano de percussão, diante de uma área com maior volume, por exemplo; fazer a *cintrage* proximal; realizar as pequenas abrasões nas laterais do local do ponto de impacto, evidenciando-o). Essa evolução pode ser vista nas coleções arqueológicas e experimentais de lascadores-aprendizes atuais.

Um lascador experiente pode cometer erros, principalmente em operações críticas – difíceis de serem realizadas. No entanto, ao contrário da criança/aprendiz, sabe como repará-los sem causar maiores danos ao volume lascado, não o distanciando muito de seus *sub-goals* e nem de seu objetivo final.

Ainda, deve-se ressaltar que nem todas as peças líticas que indicam um baixo nível de *savoir-faire* e de habilidade são produtos de crianças. Essa associação pode ser feita mais facilmente para indústrias elaboradas, ou seja, para as produções em que o objeto final se distingue muito de seu suporte inicial – até que o mesmo não possa ser mais identificado, tendo sido transformado a partir de diferentes técnicas, em uma cadeia operatória com diversas fases (Rodet, 2006). Já para indústrias mais simples (denominadas de expediente pela Escola Anglo-Saxônica), cujos suportes são sumariamente transformados em instrumentos que ao final lhes são muito semelhantes (Rodet, 2006), essa associação é complexa, pois, por natureza, não requerem um alto nível nem de *savoir-faire*, nem de habilidade para serem produzidas.

c) Presença de múltiplos pontos de impacto

Relacionado à inexperiência e à inabilidade quanto ao lascamento, que exigem uma grande coordenação entre o gesto e a visão, pode ser comum que a criança/aprendiz demore a ter uma precisão em seus golpes. Disso resultam planos de percussão e talões (espessos) com diversos pontos de impacto próximos uns dos outros. A própria experiência de aprendizado de uma das autoras passa pelo processo de precisão do gesto. Repetidas vezes, o golpe é dado a alguns milímetros do local desejado/preparado como ponto de percussão.

d) Produção de peças que fogem aos modelos culturais

Durante o processo de aprendizado, a criança/aprendiz pode tentar copiar os instrumentos e objetos produzidos e utilizados pelos adultos de seu grupo. No entanto, as produções infantis, devido ainda a uma certa inabilidade, resultam em peças que fogem ao padrão cultural: dimensões, volume, delineamento dos bordos, muitos acidentes, etc. Alguns autores denominam essa produção dos aprendizes de peças desviantes (Chauchat e Pelegrin, 2004).

Nas experimentações atuais de ensino-aprendizagem de crianças, observa-se uma tendência de que elas copiem as peças com um tamanho reduzido, adequadas ao tamanho de suas mãos. No entanto, arqueologicamente, essa não pode ser uma relação direta, ou seja, instrumentos pequenos não podem ser diretamente ligados à produção de crianças, pois *“there are many other reasons why adult technological strategies might emphasize the production of small tools, including raw material scarcity, transport efficiency and the use of hafted tools”* (Shea, 2006: 214).

⁶ “Há muitas outras razões para que as estratégias tecnológicas dos adultos possam enfatizar a produção de instrumentos pequenos, incluindo-se a escassez de matéria-prima, a eficiência do transporte e a utilização de instrumentos encabados” (Tradução livre D. Duarte-Talim, 2018).

e) Produção de peças pouco estandardizadas e não funcionais

Em função desse controle insuficiente do gesto ou mesmo de um baixo domínio/conhecimento do projeto inicial, que pode ser pouco claro para as crianças/aprendizes, elas produzem peças com uma grande variabilidade morfológica e volumétrica, tanto dos produtos, quanto dos restos de lascamento⁷.

Talvez por isso, quando identificados, os vestígios do lascamento feito por crianças/aprendizes não são considerados como funcionais: seu objetivo é tão somente o aprendizado do lascamento e sua prática. Os restos de lascamento são, no geral, encontrados em sua totalidade, sem haver sequer a seleção de produtos de segunda escolha.

f) Inabilidade para realizar etapas específicas do lascamento e produção simplificada de instrumentos

Algumas etapas de produção requerem um maior domínio dos gestos, das técnicas de preparação e de lascamento. Assim, os aprendizes vão desenvolvendo, pouco a pouco, a capacidade de realizá-las. O adelgaçamento bifacial é um exemplo que requer uma maior experiência e, talvez por isso, observa-se em alguns produtos de aprendizes a ausência de determinadas etapas de produção, obtendo-se de forma simplificada a morfologia do instrumento desejado. O lascador/aprendiz/criança, em estágio inicial, se contenta em fazer uma reprodução da forma do objeto, em duas dimensões, não sendo capaz de realmente compreender e reproduzir sua imagem mental (Pelegrin, 1986 [1995], no *prelo*), ou seja, de concebê-lo em três dimensões (J. Pelegrin, com. pess.; Högber, 2008). Neste estágio, o lascador possui apenas os princípios básicos do lascamento e treina para conseguir controlar seus gestos.

Por outro lado, mestre e aprendiz estabelecem distintas relações que, conseqüentemente, terão um reflexo nos restos deixados. Por exemplo, em suas aulas de lascamento, J. Pelegrin, diante de um erro do aluno, toma o objeto e corrige o erro. Entrega a peça novamente ao aluno para que o lascamento se desenvolva (esse procedimento se repete ao longo do lascamento). No final do processo, os vestígios não representam exatamente o nível do aprendiz. Contrariamente, P. Allard, insiste para que o aluno corrija o seu próprio erro. Ele explica como fazer, mas é o aprendiz quem deve ajustar o erro. Nesse caso, os vestígios deixados serão representativos do nível do aprendiz.

g) Retomada de núcleos ou de instrumentos

As crianças/aprendizes podem recuperar peças anteriormente produzidas por lascadores experientes, tanto instrumentos, quanto núcleos, ou mesmo restos de lascamento, abandonadas nos *amas de débitage*. Suas interferências deixarão marcas com uma diferença de nível técnico muito clara.

Deve-se ressaltar, no entanto, que a categoria de aprendizes pode englobar diferentes faixas etárias, sendo possível distinguir apenas níveis de conhecimento tecnológico contrastantes. No contexto do Peru, por exemplo, C. Chauchat e J. Pelegrin (2004) identificam três níveis de lascadores para as indústrias de produção de pontas *Paijan*: *i*) iniciante (crianças), quando o jovem aprendiz ainda não é capaz de antecipar os problemas advindos da matéria-prima e das técnicas de lascamento, produzindo peças desviantes, com alto índice de acidentes; *ii*) intermediário (adolescentes), quando o lascador já tem uma experiência, porém ainda não consegue resolver os problemas mais críticos, insistindo, impacientemente, em seus erros

⁷ Utiliza-se produtos para se referir ao objetivo do lascamento. Todas as lascas que são retiradas para a confecção do produto são denominadas de restos de lascamento (Inizan *et al.*, 2017).

(peças com acidentes e múltiplos pontos de impacto, por exemplo) e; *iii*) experiente (adultos) quando o lascador domina conceitualmente e na prática todo o processo produtivo, que resulta em instrumentos funcionais, dentro dos padrões culturais (Chauchat e Pelegrin, 2004; Rodet e Duarte-Talim, 2013).

Ressalta-se ainda que,

(...) the nature of childhood as a concept in prehistory is unknown, and therefore the association of beginner's knapping products with children is made cautiously, based on the belief that beginner-knappers and apprentices would be children or adolescents⁸ (Orzyłowaka e Karolak, 2013: 31)

Na pré-história brasileira não é diferente. Observar e relacionar os restos de debitage com as crianças aprendizes não é tarefa fácil. No Brasil Central, em algumas coleções líticas, certos elementos nos levaram a pensar que os mesmos podem ter sido feitos por atores ainda em formação.

Exemplos do Brasil Central

Escolhemos três exemplos arqueológicos da presença de lascadores aprendizes em indústrias líticas do Brasil Central, atestada por meio da associação de alguns dos caracteres listados acima. O primeiro exemplo refere-se ao sítio Boquete Externo, localizado no vale do rio Peruaçu, municípios de Januária e Itacarambi, no norte do estado de Minas Gerais. Esse sítio está associado a um abrigo (Lapa do Boquete), havendo ali as fases finais de produção dos instrumentos, enquanto que na parte externa, encontram-se as fases iniciais dessa produção (Rodet, 2006). No Boquete Externo, por volta de 9.500 anos B.P. (não calibrados), há diversos instrumentos lascados simples, frequentemente defeituosos, que não *“são compatíveis com as lascas delicadas, bem abrasadas e sem acidentes do [interior do] abrigo”* (Rodet e Duarte-Talim, 2013: 135). Esses instrumentos são sobre matérias-primas de qualidade inferior e apresentam, frequentemente, negativos muito profundos e refletidos sequenciais, além de numerosos pontos de impacto no plano de percussão (característica também presente na debitage de seixos do sítio de Buritizeiro, por exemplo – figura 1), o que lhes confere uma aparência mal-acabada, além de estarem frequentemente fragmentados. Visivelmente, trata-se de instrumentos que fogem à regra de produção do momento no sítio Lapa do Boquete: trata-se de peças desviantes produzidas por lascadores pouco experientes, portanto, aprendizes.

A insistência no local da percussão está relacionada à falta de controle visual e de precisão no gesto, enquanto a ocorrência de refletidos sequenciais pode estar ligada a uma insistência no erro: após o primeiro acidente, refletido, o lascador pouco experiente não sabe solucionar o problema e segue tentando retirar lascas no mesmo local onde já existe o

⁸ “Nos lembramos também que a natureza da infância enquanto conceito é desconhecida na pré-história e, assim, a associação entre os produtos de lascadores iniciantes e crianças é feita com cautela, baseada na crença de que lascadores iniciantes e aprendizes podem ser crianças e adolescentes” (Tradução livre D. Duarte-Talim, 2018).



Figura 1. Marcas de percussões insistentes em um mesmo setor, características de aprendizes. Exemplo de seixo debitado do sítio de Buritizeiro (Minas Gerais), com destaque (setas pretas) para algumas percussões errôneas, feitas nas proximidades do local desejado, porém fora dele, mais para o interior do plano de percussão e que indicam ainda uma falta de controle do gesto. As setas em branco indicam as percussões bem-sucedidas (Foto M. J. Rodet).

espessas, além de instrumentos bifaciais (delgados ou espessos) e de instrumentos simples (Rodet *et al.*, no *prelo*). Deve-se destacar a qualidade da matéria-prima utilizada: um quartzito silicificado de granulometria fina, muito homogêneo. No Corte IV alguns dos instrumentos se destacam: apresentam as normas sociais do grupo (dimensões, suporte, morfologias, técnicas), entretanto são realizados sobre uma matéria-prima de qualidade inferior (quartzito de granulometria mais grossa, menor grau de silicificação), e apresentam erros de lascamento (acidentes refletidos marcantes resultantes da insistência em golpear os locais que apresentam refletidos, levando ao esgotamento da exploração do setor – figura 2). Devido a essas características, tais instrumentos são interpretados como sendo, muito provavelmente, produto de lascadores aprendizes (Rodet *et al.*, no *prelo*).

Finalmente, tem-se o exemplo da ponta bifacial encontrada no sítio Caixa d'Água, município de Buritizeiro, estado de Minas Gerais. Trata-se de um sítio a céu aberto, localizado na margem esquerda do rio São Francisco, em altura, o qual foi ocupado entre 10.600 e 1.980 B.P. (não calibrados), sendo utilizado como cemitério entre 6.100 e 5.000 B.P. (não calibrados – Prous e Rodet, 2009; Alves, 2010; Prous *et al.*, 2011; Rodet *et al.*, 2014). A indústria lítica predominante é aquela da fiação de seixos de arenito silicificado/quartzito (Rodet *et al.*, 2007), para a produção de lascas que foram sumariamente retocadas ou que foram utilizadas brutas de lascamento; havendo, ainda, instrumentos com maiores graus de elaboração, tais como instrumentos de secção plano-convexa (em quartzito e silexito) e pontas bifaciais (em

refletido, agravando a situação até que o instrumento ou núcleo se esgotem (Rodet e Duarte-Talim, 2013). O ideal seria o lascador deixar o setor com problemas e recomeçar a debitação em outra parte mais adequada do núcleo (superfície de debitação sem acidentes refletidos e com presença de volume para ser debitado), até que o andamento das retiradas o trouxesse novamente à proximidade do local acidentado e aí, com outra perspectiva, retirar a área com acidente a partir de um setor vizinho, e não golpeando em frente ao local com o refletido.

O segundo exemplo refere-se ao sítio arqueológico GO-JA-03, localizado na região de Serranópolis, estado de Goiás, onde, entre 11.261 e 10.784 anos B.P. (calibrados OxCal⁹), a indústria lítica está relacionada principalmente à produção de instrumentos unifaciais de secção plano-convexa, sobre lascas alongadas (mais de 20 cm) e pouco

⁹ Calibração feita a partir da data de 9.765± 75 B.P. (Schmitz *et al.*, 2004).

sílex – Rodet, 2006). Uma dessas pontas, elaborada sobre um sílex de excelente qualidade para o lascamento, apresenta morfologia triangular e é muito delgada em função de ter sido façanada com percutor orgânico. Ainda, uma fase realizada por pressão é responsável pelo acabamento dos bordos e criação de pedúnculo e aletas. No entanto, da porção mesial em direção à extremidade pontuda do bordo esquerdo é completamente dissimétrica, devido a uma correção feita com o nível de *savoir-faire* muito distinto daquele do lascador que produziu a peça (Rodet, 2006; Rodet e Duarte-Talim, 2013 - figura 3). O instrumento era mais longo e, devido a um problema (talvez uma fratura de utilização) foi retomado não mais por percussão macia e pressão, realizadas de forma cuidadosa, mas com retiradas muito abruptas – que, muito provavelmente, correspondem à percussão direta dura. Como resultado, a extremidade retomada fica distorcida, o instrumento perde sua simetria e, conseqüentemente, sua função enquanto projétil, sendo, assim, abandonado (Rodet, 2006; Rodet e Duarte-Talim, 2013).

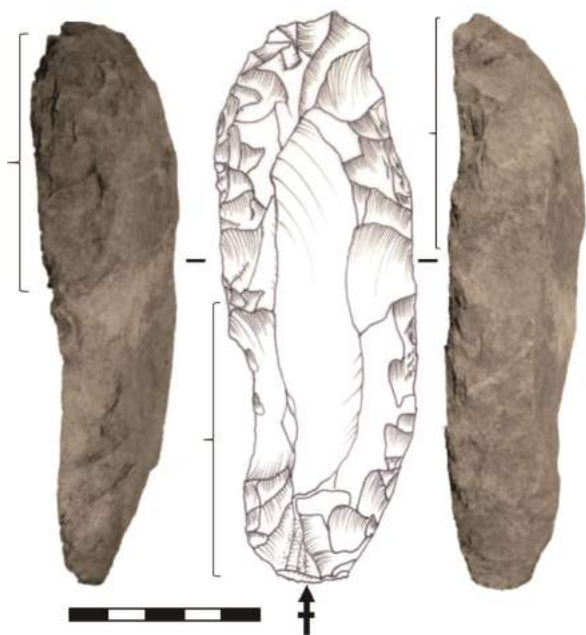
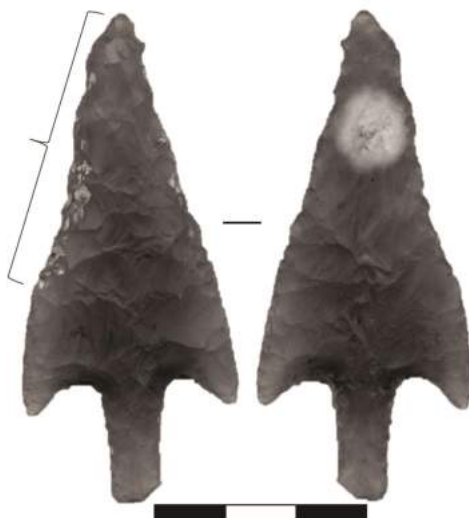


Figura 2. Instrumento unifacial de seção plano-convexa, exumado no Corte IV do sítio GO-JA-03 (Serranópolis, Goiás). O instrumento foi realizado sobre uma matéria-prima de menor qualidade, um arenito de grão mais grosso. Observa-se nos locais indicados retiradas profundas, constantemente refletidas, umas sobre as outras, que geram um volume extra que deforma o instrumento (Desenho M.J. Rodet; Fotos D. Duarte-Talim e M.J. Rodet).

Figura 3. Ponta bifacial encontrada no Sítio Caixa D'Água (Buritizeiro, Minas Gerais). Observa-se a diferença de lascamento do setor do pedúnculo até a porção mesial da ponta, muito regular, e do setor indicado. O bordo esquerdo do instrumento é sinuoso, devido a um segundo momento de lascamento do mesmo, realizado com um nível de *savoir-faire* inferior àquele de produção da peça e que acaba por inutilizá-la enquanto projétil (Adaptado de Rodet, 2006; Rodet e Duarte-Talim, 2013).



Considerações

É difícil imaginar uma sociedade na qual não exista crianças, pois elas são a garantia da perpetuação dos agrupamentos humanos, tanto em termos biológicos, quanto culturais. A criança é o futuro adulto: a responsável pela reprodução e modificação das culturas (Lillehammer, 2010). Na pré-história, pode-se vislumbrar a cena de crianças rodeando os adultos em suas mais diversas atividades, inclusive o lascamento da pedra, observando-os, questionando-os, reorganizando os espaços, segundo suas visões de mundo. Certamente, as crianças participavam e faziam parte da vida cotidiana e deixaram vestígios materiais de sua existência. Cabe à arqueologia desenvolver e apurar os métodos e técnicas capazes de elucidar tais vestígios. Por não corresponderem, frequentemente, à atividade principal realizada nos sítios arqueológicos, que deixa uma abundância quantitativa e qualitativa de vestígios – base para interpretação sobre a(s) função(ões) do sítio, os vestígios resultantes das atividades das crianças são mais discretos. Para complicar a identificação de vestígios produzidos por aprendizes, os mesmos se encontram misturados aos vestígios produzidos pelos adultos e, ainda, podem apresentar diversos níveis de competência. Os estudos histórico-sociais sobre a criança e a infância, ampliam o alerta contra o risco de anacronismos e de projeções etnográficas, fazendo parecer impossível, ao final, recuperar as crianças em um passado tão longínquo.

Um dos métodos desenvolvidos pela arqueologia que permitem a identificação da presença de crianças na pré-história, com relação ao lascamento da pedra, é a Análise Tecnológica. A partir da identificação das intenções produtivas de um determinado grupo humano, em determinado sítio, e de suas escolhas em relação à matéria-prima, aos métodos, às técnicas aplicados e de seu investimento nesse tipo de indústria, é possível identificar o que foge, em maior ou menor grau, ao padrão, à intenção econômica presente nos vestígios. A retomada de núcleos e instrumentos com um nível diferente de lascamento, o desperdício de matéria-prima, a insistência no erro, a produção de peças morfologicamente “desviantes”, etc., são indícios discretos, na maioria das vezes, classificados como compondo uma categoria de “indeterminados”, ou seja, justamente uma categoria que não se encaixa nos padrões observados, a qual recebe pouca atenção. Esses indícios são, certamente, de aprendizes, em diferentes níveis de aprendizado, e, muito provavelmente, de crianças.

Certamente que se trata de indícios que levam a uma caracterização da criança em comparação ao adulto: a partir de comportamentos que fogem ao padrão cultural, ou seja, de comportamento não adulto e a partir da ausência de determinados elementos (preparação, lascamento cuidadoso, etc.). O lascamento feito por crianças/aprendizes é sempre considerado como mais simples e menos estruturado, em comparação a uma indústria mais complexa feita por adultos (Högber, 2008). A criança, como criticam alguns, não é, então, definida em seus próprios termos: ela é “(...) *perceived and valued from adult point of view*”⁹ (Lillehammer, 2010: 13) e esse é um dos limites atuais para seu estudo.

Uma possibilidade de verificação da presença de aprendizes nos conjuntos líticos seria, talvez, estimar as distintas qualidades técnicas dos lascamentos presentes na coleção. Trata-se de estimar os graus de controle da debitagem, os cuidados com as preparações e as escolhas tomadas ao longo do trabalho (seriam os lascadores responsáveis pelas boas estratégias de desenvolvimento do lascamento?). Esses elementos talvez possam, em conjunto,

⁹ “(...) percebida e avaliada do ponto de vista do adulto” (Tradução livre, D. Duarte-Talim, 2018).

colocar os tecnólogos em uma boa via de análise para apreender a criança/aprendiz. Entretanto, não se pode desconsiderar a simplicidade de grande parte das indústrias líticas brasileiras. Em certos períodos, no Brasil Central, no sítio Lapa do Boquete, por exemplo, quase 80% das coleções apresentam refletidos e/ou insistência no erro durante o lascamento (Rodet, 2006).

Outra via interessante é a localização, no espaço, desses conjuntos distintos do objetivo econômico principal. É possível que crianças e aprendizes estivessem, de um certo modo, localizados na periferia dos lascamentos principais, como nos indica, por exemplo, o estudo do sítio de Étiolles, França (Pigeot, 2004).

A transferência de conhecimento se faz a partir de um contexto cultural-social e as construções dos instrumentos de pedra estão associadas às construções de um coletivo, em diálogo direto entre duas naturezas: algo que é do indivíduo e algo que pertence ao grupo ao qual ele está vinculado. A técnica, já dizia M. Mauss (1947), é cultural, alguém aprende para em seguida ensinar. Portanto, ensinar e aprender fazem parte da cultura e a perpetuidade dos conceitos mentais de instrumentos, certamente, estão nas crianças, pois elas garantirão a continuidade das tradições culturais dos distintos povos.

Referências

ALVES, T. M. *Cultura e tecnologia: estudo tecnomorfológico das indústrias líticas lascadas do sítio arqueológico Buritzeiro/MG*. Dissertação de mestrado (Antropologia), Universidade Federal de Minas Gerais. 2010. 260 p.

ARIÈS, P. *História Social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1978. 279 p.

CHAUCHAT, C.; PELEGRIN, J. *Projectile point technology and economy; a case study from Paijan, North coastal Peru*. 1. ed. Texas: Center for the Study of the First Americans, 2004. 138 p.

DEL PRIORE, M. Apresentação. In ____ (Org.), *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto. 1999. p. 7-17.

DUARTE-TALIM, D.; RODET, M. J. 2015. *Relatório Final Parte I - Projeto de Diagnóstico e Prospecção Arqueológicas na Unidade Florestal – Fazenda Santa Rita, município de João Pinheiro, Minas Gerais*. Votorantim Siderúrgica S. A. 185 p.

FISHER, A. A Late Palaeolithic 'school' of flint-knapping at Trollesgave, Denmark. Results from refitting. *Acta Archaeologica*, vol. 60. 1990. p. 33-49.

HÖGGERG, A. Playing with flint: tracing a child's imitation of adult work in a lithic assemblage. *Journal of Archaeological Method and Theory*, Vol. 15, No. 1, Skillful stones: approaches to knowledge and practice in lithic technology. 2008. p. 112-131.

INIZIAN, M.-L.; REDURON, M.; ROCHE, H.; TIXIER, J. *Tecnologia da pedra lascada*. Ed. Revisão, atualizada e ampliada com definições e exemplos brasileiros por M. J. Rodet e J. R. Machado. Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, t.5. 2017. 210 p.

KAMP, K. Dominant discourses; lived experiences: studying the archeology of children and childhood. *Archaeological Papers of the American Anthropological Association*, vol. 15. 2006. p. 115-122.

KLARIC, Laurent (ed.). *The prehistoric apprentice: investigating apprenticeship, know-how and expertise in prehistoric technologies / L'apprenti préhistorique: appréhender l'apprentissage, les savoir-faire et l'expertise à travers les productions techniques des sociétés préhistoriques*. Brno: The Czech Academy of Sciences, Institute of Archaeology. 2018. 375p.

LEROI-GOURHAN, A. *O gesto e a palavra*. 1- Técnica e linguagem. Lisboa, Vila Nova de Gaia, Rio de Janeiro: Edições 70: LDA. 1964. 237 p.

LILLEHAMMER, G. (Ed.) Socialisation: recent research on childhood and children in the past. Proceedings from the 2nd International Conference of the Society for the Study of Childhood in the Past in Stavanger, Norway, 28-30th September 2008. *AmS-Skrifter*, 23. 2010. p. 9-19.

LIMA, T. A. the dark side of toys in Nineteenth-Century Rio de Janeiro, Brazil. *Historical Archaeology*, vol. 46, nº 3. Current research in South American Historical Archaeology. 2012. p. 63-78.

LINS, S. M. B.; D-A SILVA, M. F. O. C.; LINS, Z. M. B.; CARNEIRO, T. F. A compreensão da infância como construção sócio-histórica. *Revista CES Psicologia*, vol. 7, nº 2 (Júlio-Dezembro). 2014. p. 126-137

MAGET, M. *Guide d'étude directe des comportements culturels*. Paris: CNRS. 1953. 278 p.

MAUSS, M. *Manuel d'ethnographie*. Paris: Petite Bibliothèque Payot. 1947. 262 p.

ORZYLOWAKA, K.; KAROLAK, K. Paleolithic children knapping. The identification of children's flint. In: ROMANOWICZ, P. (Ed.), *Child and childhood in the light of Archaeology*. Wrocław: Chronicon. 2013. p. 29-40.

PAWLETA, M. An archaeology of childhood – a new subfield of study. In: ROMANOWICZ, P. (Ed.), *Child and childhood in the light of Archaeology*. Wrocław: Chronicon. 2013. p. 9-28.

PELEGRIN, J. *Technologie lithique: une méthode appliquée à l'étude de deux séries du Périgordien ancien (Roc Combe, couche 8- La Côte, niveau III)*. 586 f. (Tese de doutorado em Pré-história) - Université Paris X (Nanterre). 1986 [1995]. Pelegrin no prelo

PELEGRIN, J. As experimentações em tecnologia lítica. In: FERNANDES, L; DUARTE-TALIM, D. (Orgs), *Tecnologia Lítica na Arqueologia Brasileira – Coletânea de (re)publicações*. Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico - UFMG. 2017. p. 29-37.

PELEGRIN, J.; RODET, M.J.; DUARTE-TALIM, D. Método para estudo de indústrias líticas lascadas: a Análise Tecnológica. In: FERNANDES, L; DUARTE-TALIM, D. (Orgs), *Tecnologia Lítica na Arqueologia Brasileira – Coletânea de (re)publicações*. Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico - UFMG. 2017. p. 13-28.

PELEGRIN, J. *Contribution méthodologique à l'analyse du changement technique: sur les degrés d'intention et de prédétermination*. No prelo. 21 p.

PEREIRA, E. O sítio Domingos – uma aldeia Tupiguarani no sudeste do Pará, Amazônia, Brasil. In: *Livro de resumos do XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Arqueologia e compromisso social: construindo arqueologias multiculturais e multivocais. Belém. 2009. p. 14.

PÉTROQUIN, P. ; PÉTROQUIN, A.-M. 2002. *Ecologie d'un outil: la hache de pierre en Irian Jaya (Indonésie)*. Monographie du CRA 12. Paris: CNRS Editions. p. 21-81.

PIGEOT, N. *Les Magdaléniens de l'unité U5 d'Étiolles: étude technique, économique, sociale par l'analyse dynamique du débitage*. Vol 1: synthèse. 338 f. (Tese de doutorado de 3º círculo) - Université de Paris I, Paris. 1983.

PIGEOT, N. (Dir.) *Les derniers Magdaléniens d'Étiolles: perspectives culturelles et paléohistoriques*. Paris : Éd. CNRS (Gallia Préhistoire supplément 37), 2004. 351 p.

PROUS, A.; RODET, M. J. Os vivos e os mortos no Brasil tropical e sub-tropical pré-histórico (11.000/500 BP). In: MORALES, W. & MOI, F. P. (Orgs), *Cenários regionais em arqueologia brasileira*.

São Paulo: Anablume, 2009, p. 11-44.

PROUS, A. ; RODET, M.J ; LIMA, A. P. Les vivants et leurs morts: évocation des rites funéraires dans la préhistoire Brésilienne (12 000-500 BP). In : VIALOU, D. (Org.), *Peuplements et préhistoire en Amériques*, (actes 133e congrès national des sociétés historiques et scientifiques, Québec 2008). 2011. p. 389-402.

ROCHE, H. ; TIXIER, J. Les accidents de taille. *Studia Praehistorica Belgica*, 2. 1982. p. 65-76.

RODET, M. J. Princípios metodológicos de análise de indústrias líticas lascadas: Aplicação no norte de Minas Gerais e regiões circunvizinhas. *Anais do XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Campo Grande, 2005. 18 p. (CD).

RODET, M. J. *Étude Technologique des industries lithiques taillées du nord de Minas Gerais, Brésil* : depuis le passage Pléistocène/Holocène jusqu'au contact - XVIIIème siècle. 2006. 516 f. (Tese de doutorado em Arqueologia) – Université de Paris X (Nanterre), Paris. 2006.

RODET, M. J.; DUARTE, D.; CUNHA, A. C. R.; DINIZ, L.; BAGGIO, H. Os métodos de fatiagem sobre seixo de arenito/quartzito do Brasil Central. In: *Anais do Encontro da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Florianópolis. 2007. CD.

RODET, M. J. E DUARTE-TALIM, D. 2013. Crianças, aprendizes, impropriedades ou inabilidades: os acidentes de lascamento das indústrias líticas do Brasil Central (exemplo do norte do estado de Minas Gerais). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. Universidade de São Paulo, n. 23. p. 129-138.

RODET, M. J.; PROUSA, A.; MACHADO, J.; BASSI, L.F. Les industries des sites du haut rio São Francisco: outillage “simple”, ou “complexe”? Le cimetière de Buritizeiro et l’abri Bibocas de Jequitai. In: CURA, S. ; CEREZER, J.; GUROCA, M.; SANTANDER, B.; OOSTERBEEK, L.; CRISTÓVÃO, J. (Eds), *Technology and Experimentation in Archaeology* – BAR International Series 2657, vol. 10. Florianópolis: Archaeopress, 2014. p. 33-40.

RODET, M. J.; DUARTE-TALIM, D.; MAURITY, C.; TELES, C.; MAGALHÃES, M. P. O tratamento térmico da Ametista: Alto Bonito, Garimpo das Pedras, Carajás, Pará. *Revista Teoria e Sociedade*, vol. 24, nº 2. 2016. p. 55-75.

RODET, M. J.; DUARTE-TALIM, D.; SCHMITZ, P. I. *As indústrias líticas de Serranópolis (sítios GA-JA-08 e GO-JA-14)*. No prelo.

ROMANOWICZ, P. (Ed.) Preface. In: _____ (Ed.), *Child and childhood in the light of Archaeology*. Wrocław: Chronicon. 2013. p. 7-8.

ROUX, V. ; DAVID, E. Planning abilities as a dynamic perceptual-motor skill: an actualist study of different levels of expertise involved in stone knapping. In: ROUX, V. & BRIL, B. (Orgs), *Stone Knapping: the necessary conditions for a uniquely hominid behavior*. McDonald Institute for Archaeological Research. 2006. p. 91-108.

SCARANO, J. Criança esquecida das Minas Gerais. In: DEL PRIORE, M. (Org.), *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto. 1999. p. 107-136.

SCHANGER, N. Une technologie engagé: Marcel Mauss et l’étude des techniques dans les sciences sociales. In: _____ (Ed.), *Marcel Mauss – Techniques, technologie et civilisation*. Lorrain: Normandie Roto Impression s.a.s. 2012. p. 17-134.

SCHMITZ, P.I.; ROSA, A. O.; BITENCOURT, A. L. 2004. Arqueologia nos cerrados do Brasil Central -

Serranópolis III. *Pesquisas*, Antropologia. Unisinos, Rio Grande do Sul, nº 60. 287 p.

SHEA, L. J. Child's play: reflections on the invisibility of children in the Paleolithic Record. *Evolutionary Anthropology*, 15. 2006. p. 212–216.

STERNKE, F. ; SØRENSEN, M. The identification of children's flint knapping products in Mesolithic Scandinavia. *Mesolithic horizons: papers presented at the Seventh International Conference on the Mesolithic in Europe, Belfast 2005*. Oxford: Oxbow Books. 2009. p. 722-729. Disponível em https://www.academia.edu/8934817/The_identification_of_children_s_flint_knapping_products_in_Mesolithic_Scandinavia, acesso em 31/07/2018.

TIXIER, J. *Le campement préhistorique de Bordj Mellala Ouargla (Algérie)*. Avec la collaboration de F. Marmier et G. Trécolle. Paris: Éditions du Cercle de Recherches et d'Études Préhistoriques. 1976. 61 p.

TIXIER, J. (Org.) *Préhistoire et technologie lithique*. Journées du 11-12-13 mai 1979. Centre de Recherches Archéologiques du C.N.F.S., Valbone. 1980 [1984]. 59 p.

Brincando de panelinha... os potes Tupiguarani em miniatura e as vasilhas para treinamento

André Prous¹
Lilian Panachuk²
Camila Jácome³

Resumo. A análise de 128 vasilhas miniaturas em cerâmica Tupiguarani, comparada com algumas de outras origens, evidencia as seguintes categorias: artefatos produzidos por crianças menores; artefatos produzidos por crianças maiores, de 7 a 10 anos. Objetos feitos por adultos para crianças, e artefatos realizados em parceria por pessoas de habilidades desiguais. Enfim, vasilhas funcionais, destinadas a guardar substâncias preciosas ou a nutrir criancinhas. Para tanto observamos as técnicas utilizadas para fabricar os potes, assim como a regularidade da sua morfologia. Nas coleções, também observamos suportes maiores que as miniaturas, destinados ao treino de principiantes. Em vasilhas grandes e utilitárias normais, pinturas foram executadas por várias mãos (com um modelo, imitado de forma desajeitada), cada uma trabalhando em espaços específicos. A comparação entre as miniaturas produzidas nas regiões meridional (proto-guarani) e setentrional (proto-tupi) mostra diferenças semelhantes àquelas já observadas em nossos estudos de vasilhas maiores, traduzindo os valores éticos das sociedades. As categorias de habilidade que determinamos correspondem às faixas etárias Tupinambá sugeridas por crônicas, e cuja denominação aparece nas descrições de Évreux e no dicionário de Montoya. Da mesma forma que o estudo da cerâmica dá visibilidade arqueológica às mulheres indígenas do Brasil, as miniaturas nos informam sobre a educação das meninas e moças e suas relações com as adultas.

Abstract. This paper analyzes 128 miniaturized tupiguaranian archaeological pots from Brazilian coastal range. From physical children development, we think it is possible to discriminate among them some produced by little children; others, by children of ca. 7/10 years old; others made by adults for children, and some made in part by children and in part by grown people. There are also little functional containers to store precious substances or to feed infants. To separate these categories we first perused the way pots had been made and the regularity of their shape. Looking at the decoration, it has been possible to find some larger vessels used to train beginners, with a painted model and the attempts made by of untrained people. Last, large functional pots on which different portions have been decorated by two or three people of unequal dexterity. Comparison between miniatures made in the northern and in the southern part of Brazil shows the same regional differences we had previously noticed in functional tupiguaranian painted vessels and that express the different regional aesthetic values. The difference in motor capacity that we have observed are coincident with the age ranges recognized by tupian speaking Indians in the XVI and XVII centuries (found in Évreux,

¹ Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

³ Programa de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará.

Montoya's and others reports). The study of ceramics points to the world of woman, in eastern South America; so, the focus on miniatures informs on motherhood sensibility and girl education among the ancestors of Tupi and Guarani modern Indians.

Introdução

Sabe-se que, nas sociedades humanas onde existe uma forte separação das tarefas segundo o sexo, as crianças desde cedo copiam seus modelos adultos. Em princípio ao brincar, aos poucos participando de uma forma cada vez mais ativa de suas atividades específicas. Brinquedos educativos costumam ser recebidos dos parentes que as crianças aprendem a imitar. Não se trata exclusivamente de uma atividade lúdica e espontânea, mas também de uma aprendizagem das técnicas e das normas, encorajada pela sociedade.

Os cronistas dos séculos XVI (Staden 1974; Léry, 2007; Soares de Souza 2001; Thévet 1953) e XVII (Abbeville 2002; Cardim 1980; Évreux 2007; Montoya 1893; Salvador 2007) frisaram que, entre as comunidades de língua Tupi e Guarani, a fabricação e a decoração de vasilhas de cerâmica era confiada às mulheres e que as mais habilidosas tiravam prestígio deste trabalho. Esta relação entre mulher e cerâmica é inclusive generalizada entre as populações das terras baixas sul-americanas, onde a gestação de um pote costuma ser, de forma explícita ou implícita, assimilada àquela de uma criança (Lévi-Strauss 1985). Para Van Velthem (2003) e Santos-Granero (2009) haveria uma relação metafórica entre filhos e potes, ambos sendo construídos como artefatos, não sendo a criança apenas resultado de um instante de fecundação, mas produzida aos poucos.

Ao estudar a cerâmica Tupiguarani, os autores deste texto depararam-se com recipientes supostamente não funcionais, que poderiam inicialmente ser interpretados apenas como brinquedos; e com outros, aparentemente utilizáveis, que apresentam - principalmente em sua decoração - indícios de terem sido pelo menos parcialmente trabalhados por pessoas pouco habilidosas. Crianças e/ou aprendizes? Desde 2004, um de nós (Prous 2004a, 2004 b, 2005) apontava a existência de espaços de treinamento em vasilhas Tupiguarani, que poderiam refletir uma participação de crianças e principiantes relativamente maduras nos processos de produção, mas não mencionou possíveis brinquedos.

O presente estudo teve início em 2009, quando Tania Andrade Lima nos propôs preparar uma comunicação em simpósio sobre as marcas de atividades infantis em registros arqueológicos. Naquela época, A. Prous e C. Jácome decidiram usar como exemplo apenas as vasilhas miniaturas encontradas em sítios Tupiguarani; o resultado foi então apresentado no XV^o Congresso da SAB (Jácome e Prous 2009). Quase dez anos depois, se oferece a oportunidade de ampliar aquele trabalho inicial e L. Panachuk aceitou então participar desta empreitada. Sua situação de aprendiz em ateliês de cerâmica proporcionou uma excelente preparação, assim como sua inserção no Grupo de Estudo em Desenvolvimento e Aprendizagem Motora (GEDAM) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

Para este trabalho passamos a reunir uma documentação relativa a coleções antigas do Mato Grosso do Sul e do Paraguai consultadas por um dos autores (A. Prous), do Rio Grande do Sul (A. Prous e L. Panachuk) e aquela decorrente de escavações realizadas com a participação dos autores em Minas Gerais, Espírito Santo e no Pará. Aproveitamos também a bibliografia disponibilizada a partir da realização do catálogo de pinturas em cerâmica Tupiguarani (Prous, Chanoca, Panachuk, Jácome e Rocha, 2017).

Neste texto não nos limitamos às vasilhas miniaturas (algumas das quais, inclusive, podem não ser brinquedos, nem sequer ter relação com crianças). Também apresentamos exemplos de vasilhas maiores, mas nas quais aparecem mãos de crianças e/ou pessoas com diversos graus de habilidade motora e manual.

1. Revisão dos antecedentes

Presença das crianças e aprendizes

Depois da publicação (em 1960) e da tradução para o inglês do livro de P. Ariès, arqueólogos de vários países passaram a se interessar pelos rastros das atividades infantis nos vestígios arqueológicos.

A presença das crianças no registro arqueológico pré-histórico é discutida desde pelo menos os anos de 1980 a partir dos sítios magdalenenses da região de Paris (Bodu 1993), sendo o tema específico de um trabalho de G. Lillehammer (1989). Contudo, somente a partir deste milênio o tema se torna mais frequente na bibliografia internacional (Kamp et. al. 1999, Kamp 2000, 2010, Baxter 2005, 2010, Gilchrist 2007; Romero 2010, Park 2010, Miguel Ibáñez 2010, Wilkie 2010, Uziel, Avissar, 2013; Maret, Sidéra, 2015; Sidéra, Maret, 2015; Sidéra, Vornicu, 2016), a reboque da arqueologia de gênero. No Brasil, as referências a crianças e aprendizes (a diferença entre a produção de umas e de outras pode ser difícil de se reconhecer) são ainda muito raras. Para o período histórico podemos citar Lima (2012). Em relação aos tempos pré-históricos, atribuiu-se algumas peças líticas (Prous 1991: 255), tangas marajoara (Prous e Lima, 2011, Prous 2013), vasilhas e pinturas em cerâmicas a pessoas ainda inexperientes, e outras a adultos que proporcionariam a crianças brinquedos ou modelos a serem reproduzidos (Prous 2004b, 2005; Chmyz 2010, Jácome e Prous 2009; Panachuk e Carvalho 2010, Panachuk 2014, 2018). F. La Salvia e J. Brochado (1989), por sua vez, ilustraram várias miniaturas em seu livro sem, contudo, tecerem comentários a respeito. Atualmente a nossa equipe de pré-história do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais se interessa pelos gestos que marcam o desenvolvimento da habilidade técnica e motora em grafismos rupestres e na elaboração da cerâmica.

De qualquer forma, já existiam várias referências a vasilhas miniaturas em cerâmica na bibliografia que explícita ou implicitamente evocavam uma produção feita por ou para crianças (A. Mattos 1947, Blasi 1967, P. A. Mentz Ribeiro 1968; F. Silva 2000, F. Almeida 2008, I. Chmyz 2010, L. Garcia 2012, S. Caldarelli 2014). Não haveria nada estranho em se encontrar brinquedos em cerâmica nos sítios pré-históricos Tupiguarani - ou de outras tradições - já que estes objetos são amplamente documentados entre ceramistas indígenas do período histórico, seja na forma de bonecas (por exemplo entre os Karajá: Campos, 2007), seja de vasilhas (entre os Asurini: Polo Müller, 1993).

Desenvolvimento motor e aprendizagem

Sendo um dos objetivos deste trabalho tentar avaliar qual poderia ser a faixa etária dos autores das miniaturas, era preciso se informar sobre as capacidades motoras dos seus produtores. O desenvolvimento motor da criança se faz segundo um roteiro que parece ser constante entre todos os seres humanos, embora seu ritmo varie levemente de uma pessoa para outra. Pode, no entanto, haver discrepâncias em razão das práticas culturais. Os cronistas dos séculos XVI e XVII já tinham refletido sobre estas diferenças de costumes,

como Léry (op. cit.) ao comparar as criancinhas Tupinambá criadas soltas com as dos europeus, embrulhadas como múmias durante seu primeiro ano – supostamente para evitar que seus membros ficassem tortos. A tradição ocidental dos últimos séculos evita confiar tarefas “sérias” às crianças, pelo menos nas classes favorecidas, até o aparecimento dos jogos eletrônicos, que passaram a exigir novas habilidades no campo do divertimento. Esta situação contrasta com o que pode ser observado em sociedades camponesas e de países pobres: crianças de 4 anos trabalham na fabricação de tapetes no Afeganistão, pois seus dedos pequenos podem fazer nós mais finos que os dedos de pessoas mais crescidas. Em campo, entre as populações ribeirinhas do rio Amazonas, ou indígenas da Guiana brasileira, os autores deste texto estranharam ver crianças de quatro anos manejando o facão para descascar mandioca ou, sozinhas, levarem numa canoa de tronco seus irmãozinhos menores. Assim, não podemos ter certeza de que as idades propostas pelos atuais pesquisadores para o domínio de determinados gestos tenham sido válidas para as crianças das ceramistas Tupiguarani. Abbeville (op. cit.) já escrevia que as crianças indígenas não eram tão pueris quanto as europeias (o que pode ser entendido tanto do ponto de vista físico quanto psicológico). Mesmo assim, essas tentativas permitem aproximações úteis, sobretudo quando correspondem às categorias classificatórias propostas pelos Tupinambá históricos. Para isto recorreremos particularmente a Évreux (op.cit), que reporta as denominações dos indígenas da ilha de Maranhão no início do século XVII. As informações mais recentes de Chamorro (2009), falante de língua guarani e estudiosa de Montoya, reforçam a validade dessas classes de idade.

Segundo pesquisadores atuais e oleiras artesanais com as quais uma de nós (L. P.) trabalha em Belo Horizonte, as criancinhas urbanas de 4 anos são aptas a modelar de forma bastante controlada bolinhas de argila amassadas na mão; em meio favorável (filhos e filhas de oleiras) esta capacidade aparece ainda mais cedo. A aptidão para modelar roletes e um volume simples é adquirida por volta dos 6 a 7 anos nas crianças urbanas observadas em atividades lúdicas dirigidas. Poderia se desenvolver um pouco mais cedo entre os ceramistas Tupiguarani, em que todas as mães eram provavelmente oleiras. Nota-se que a lateralidade (hábito destro ou canhoto) se desenvolve por volta dos quatro anos fixando-se até a idade de sete anos (Gallahue, Ozmun, Goodway, 2013; Haywood, Getchell, 2016).

A capacidade de desenhar linhas acompanhando uma superfície curva para produzir a impressão visual de que as figuras são retas (em vez de traçar uma linha efetivamente reta) se desenvolve entre 6 e 10 anos em nossa cultura. Trata-se de aplicar um conceito plano a uma superfície curva. Infelizmente, não temos encontrado informações a respeito da percepção diferenciada da loxodromia e da ortogonia em outras tradições culturais.

Estas faixas etárias correspondem aproximadamente às categorias de idade que Évreux (op. cit.) atribui às moças Tupinambá: até os 6 anos, as *kugnantin myri* (mocinhas) amassam o barro e imitam a mãe fazendo potes; entre 7 e 14 anos de idade, as *kugnantin* (moças) aprendem os deveres de uma mulher. Segundo Évreux, esta aprendizagem seria feita junto de mulheres maduras (*uainuy*) e prestigiadas, que lhes ensinariam particularmente a tecelagem e a cerâmica. Segundo Thevet e Évreux, depois da menarca e da conseqüente escarificação, as moças passavam a ser treinadas pesada e intensivamente em todas as tarefas domésticas. Aos 15 anos, as *kugnamin mucu* dominavam as técnicas tornando-se aptas ao casamento.

Acreditamos que muitas vasilhas miniaturas ou de tamanho funcional encontradas

nas coleções e escavações incluem brinquedos feitos para crianças, outros executados por elas mesmas, e ainda modelos para treinamento. Assim teríamos ilustradas as diferentes categorias de idade acima mencionadas.

2. Brinquedos, folguedos, miniaturização e aprendizagem

Vamos considerar inicialmente as vasilhas miniaturas e, mais adiante, produções de tamanho maior - mas nas quais reconhecemos a atuação de crianças inábeis (*iecatú y mbae eté*), de aprendizes (*oñemboe rãm ubêe*) e de seus mestres (*tirey rehe ñanga requara*)⁴.

Miniaturas

Não é óbvio definir o que seriam *vasilhas em miniatura*, pois esta expressão sugere ao mesmo tempo um tamanho diminuto e uma inadequação funcional (pequenas demais para serem usadas na vida cotidiana). Assim, miniaturas teriam uma função apenas lúdica. Ora, as dimensões de uma mesma vasilha podem ser insuficientes para preparar ou conter uma refeição, porém suficientes para assegurar a preservação de uma substância medicinal, tóxica ou ritual, útil em pequena quantidade. Como não pudemos buscar eventuais vestígios químicos de utilização nas vasilhas analisadas, tínhamos duas possibilidades; a primeira era nos pautar por considerações técnicas e estilísticas, chamando de “miniaturas” as vasilhas pequenas que supostamente apresentariam características morfológicas e decorativas toscas. Esta escolha poderia de fato indicar objetos preparados por crianças, mas não contemplaria miniaturas feitas por adultos para servirem de brinquedo. Desta forma, decidimos nos guiar por critérios puramente métricos: seriam “miniaturas” os recipientes com diâmetro igual ou inferior a 11 cm, embora este limite proposto entre vasilhas consideradas “normais” ou “funcionais” seja, de fato, subjetivo (Figura 1). Nossa justificativa foi o fato de que a quase totalidade das vasilhas assim separadas apresenta anomalias em relação aos recipientes maiores. Poucas foram as vasilhas diminutas sem irregularidades de forma e de decoração que poderiam ser recipientes utilitários. Contudo, incluímos entre as miniaturas algumas *nhaetá* que medem um pouco mais de 12 cm, pois esta forma não é funcional neste tamanho, sendo significativamente maiores as demais vasilhas desta categoria. As *nhaetá* que consideramos nesta pesquisa não permitem preparar vegetais, mas são adequadas para oferecer alimentos a crianças muito pequenas.

Um indício importante para diferenciar miniaturas fabricadas por adultos daquelas produzidas por crianças seria a mensuração da largura das impressões de dedos infantis deixadas na pasta ainda não queimada dos artefatos. Observações sistemáticas já permitiram apurar e testar experimentalmente a confiabilidade deste método, elaborado por K. Kamp. Sua aplicação às cerâmicas arqueológicas do norte do Arizona deu resultados promissores (Kamp et al. 1999). Mostrou que as crianças da cultura Sinagua eram autoras da maioria das figurinhas modeladas, enquanto os adultos fabricavam as vasilhas. Contudo, não chegamos a analisar as peças brasileiras de forma sistemática sob este aspecto.

Observamos para este trabalho 128 miniaturas provenientes de sítios Tupiguarani. Para fim de comparação, também consideramos três dezenas de peças diminutas de outras

⁴ Termos compilados em Montoya (1640)



Figura 1. Comparação entre um *cambuchi* de tamanho “normal” e miniaturizado, na mesma escala. TG-135: Museu Comunitário Almiro Theobaldo Müller de Itapiranga, Santa Catarina. TG-315: Museu Júlio de Castilhos. Prancha: L. Panachuk.

origens (arqueológicas: Taquara, Sapucaí, Konduri, Marajoara; etnográficas: Waurá e uma peça amazônica).

Quarenta e três miniaturas foram vistas no Museu Arqueológico do Rio Grande do (MARSUL), a grande maioria das quais apresenta características claramente Tupiguarani (Figuras 2 e 8). Outras vinte e duas vasilhas foram consultadas no Museu Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, sendo vinte delas de origem provavelmente Tupiguarani (Figura 3). Outras duas são de origem etnográfica (século XIX): uma micro panela Waurá (Mato Grosso) e outra do Pará, usada para guardar curare (Figura 7, centro e esquerda). Ainda aproveitamos no estudo nove vasilhas e um aglomerado de micro roletes conservados no Instituto Anchieta de Pesquisas (Figura 4), e cinco do acervo da PUC-RS (Figura 5), sendo as peças de ambas as coleções provavelmente procedentes do Brasil meridional.

Consultamos também oito miniaturas do acervo do Museu Andrés Barbero (Assunção), provenientes da escavação de sítios Tupiguarani do Paraguai. Utilizamos duas miniaturas pintadas sob guarda do Museu Nacional, três do Museu Antropológico Doutor Pestana, uma do Museu do Colégio Mauá, outra da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, duas do Museu do Ceará, duas do Museu do Homem do Sambaqui Pe. João Alfredo Rohr (Figuras 12 e 13). Algumas dessas peças aparecem em nosso catálogo de pinturas em cerâmica Tupiguarani (Prous, Chanoca, Panachuk, Jacome e Rocha 2017).

Provenientes de escavações recentes, foram examinadas três miniaturas Aratu oriundas do sítio Hiulton, e duas Tupiguarani do sítio Bota Fora, escavadas em pesquisas preventivas coordenadas por L. Ribeiro no Espírito Santo (Jácome, 2009). Também incluímos 16 peças encontradas durante as pesquisas promovidas pela *Scientia Consultoria* com coordenação de L. Panachuk e D. Kern em sítios do sudeste paraense (sítios Marabá 9/10, Marabá 11/13, Marabá 14 e Marabá 25), no município epônimo (Caldarelli e Panachuk, 2013) (Figura 6). E, finalmente, 13 peças provenientes dos sítios Florestal 1 e 2, depositados no Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, após as pesquisas da equipe desta instituição (Panachuk et al. 2010).

Da bibliografia, aproveitamos uma miniatura do sítio Estirão Comprido (PR), pesquisado por O. Blasi (1967), e quatro peças das Fases *Tibagi* e *Sarandi* divulgadas por I. Chmyz (2010). Enfim, uma peça encontrada em sítio da tradição Aratu/Sapucaí em Belo Horizonte, publicada por A. Mattos (1947), e conservada no Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (Figura 7, à direita). Além das imagens publicadas por La Sálvia e Brochado (1989).

Tabela 1. Miniaturas Tupiguarani, analisadas para este estudo

Instituição de guarda	Quantidade
Museu Etnográfico Doctor Andrés Barbero	8
Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul	43
Museu Júlio de Castilhos	20
Universidade do Vale do Rio dos Sinos	10
Museu da Pontifícia Universidade Católica-RS	5
Museu Antropológico Diretor Pestana	3
Museu do Colégio Mauá	1
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	1
Museu do Homem do Sambaqui Pe. João Alfredo Rohr, SJ	2
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ES	2
Museu de História Natural e Jardim Botânico, UFMG	13
Museu Nacional, UFRJ	2
Museu do Ceará	2
Fundação Casa de Cultura de Marabá	16
Total	128

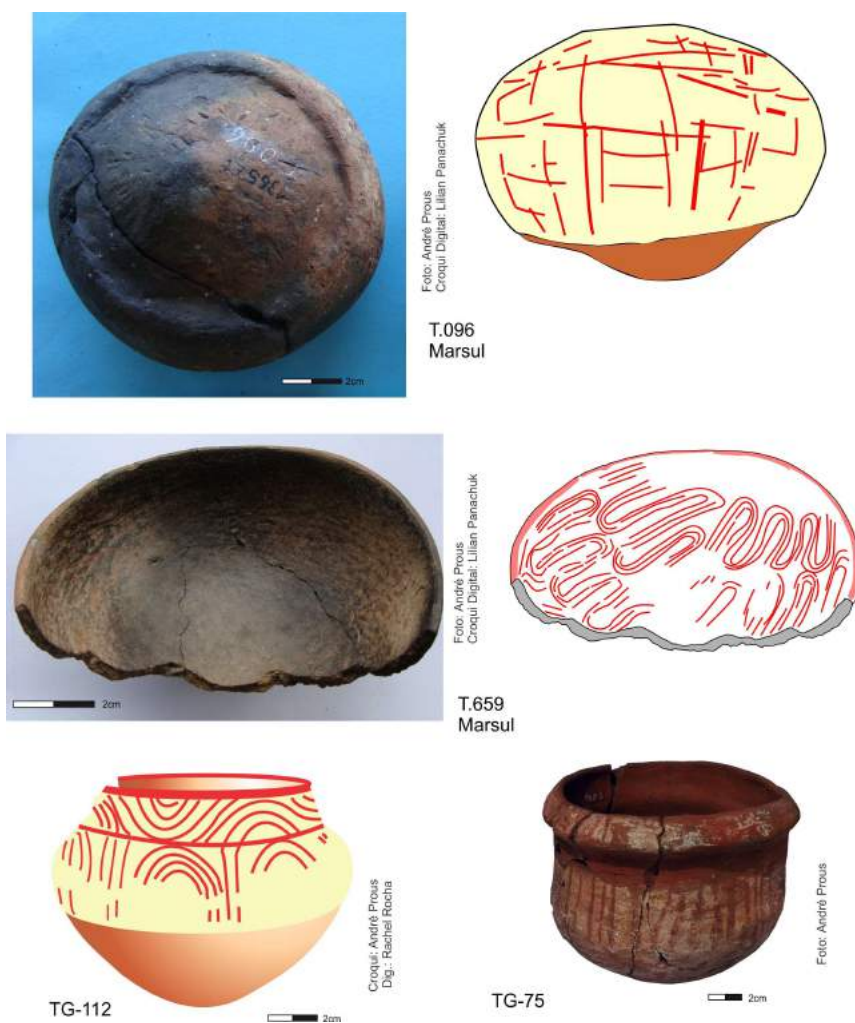


Figura 2. Coleção do Museu do Rio Grande do Sul (MARSUL), peças pintadas. T.096 vista da base externa e desenho do ombro externo (vista lateral). T.659: Pintura na face interna da pequena tigela oval. TG-112: *cambuchi* com decoração externa (vista lateral). TG-75: pintura na face externa (vista lateral). Prancha: L. Panachuk.

Consideramos que as miniaturas observadas nas coleções podem entrar em cinco categorias principais: a) “brinquedos” produzidos por crianças pequenas; b) “brinquedos” feitos por pessoas maiores e entregues prontos às crianças. c) “brinquedos” feitos parcialmente por pessoas mais crescidas, mas entregues para as crianças antes de totalmente prontas (por ex., antes da queima, ou incompletamente decoradas) para que estas possam participar da sua elaboração. d) vasilhas funcionais para uso pelos adultos, destinadas a conter



Figura 3. Alguns exemplares da coleção Museu Júlio de Castilhos. Prancha: L. Panachuk.

substâncias úteis ou preciosas em pouca quantidade. e) acrescentamos ao nosso estudo algumas vasilhas funcionais abertas, um pouco maiores, possivelmente concebidas para servir a comida destinada a criancinhas.

- Propomos identificar como brinquedos de **produção infantil elementar** (Figura 8) onze vasilhas cuja morfologia simplíssima e execução tosca não necessitaram muita coordenação motora; apresentam uma forma aproximada de dedal (esférico ou ovoide) e não receberam nenhuma decoração (com exceção da peça T.093⁵ com marcas anárquicas de unhas).

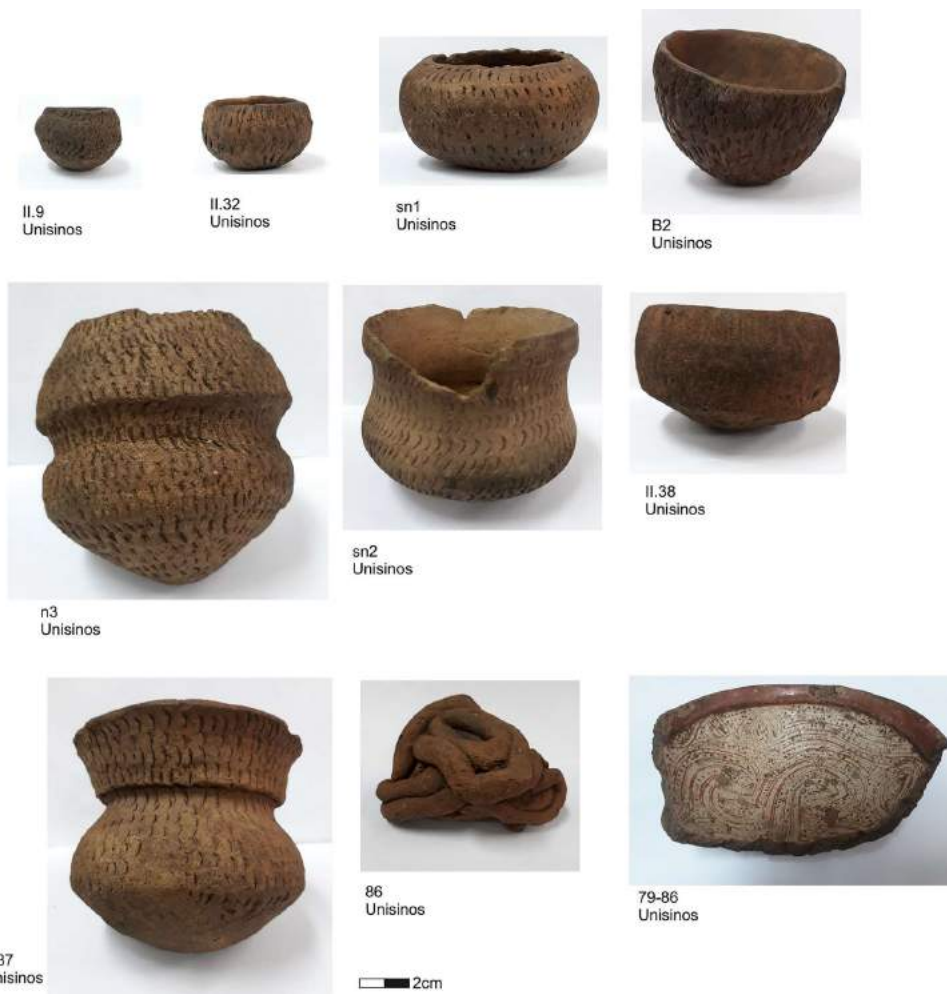


Figura 4. Conjunto de miniaturas da UNISINOS: coleções meridionais, preponderância de decoração plástica, diversos tamanhos e categorias. Peça 86: micro-roletes possivelmente feitos por crianças, destinados à fabricação de vasilhas? Peça 79-86: proveniência, Itapiranga-SC. As demais peças foram encontradas no Rio Grande do Sul. Fotos e plancha: Lílian Panachuk.

⁵ Sobre a numeração das peças: TG. ***: numeração atribuída às peças em nosso catálogo de pinturas em cerâmica Tupiguarani (Prous, Chanoca, Panachuk, Jacome e Rocha 2017). As outras siglas e numerações (utilizadas na descrição das miniaturas) são aquelas de registro das vasilhas dos museus: T***: Museu de Taquara e de Júlio de Castilhos. I***, IB***, ID***: Museu Andrés Barbero. As peças guardadas na Fundação Casa de Cultura de Marabá são identificadas por MA ***.

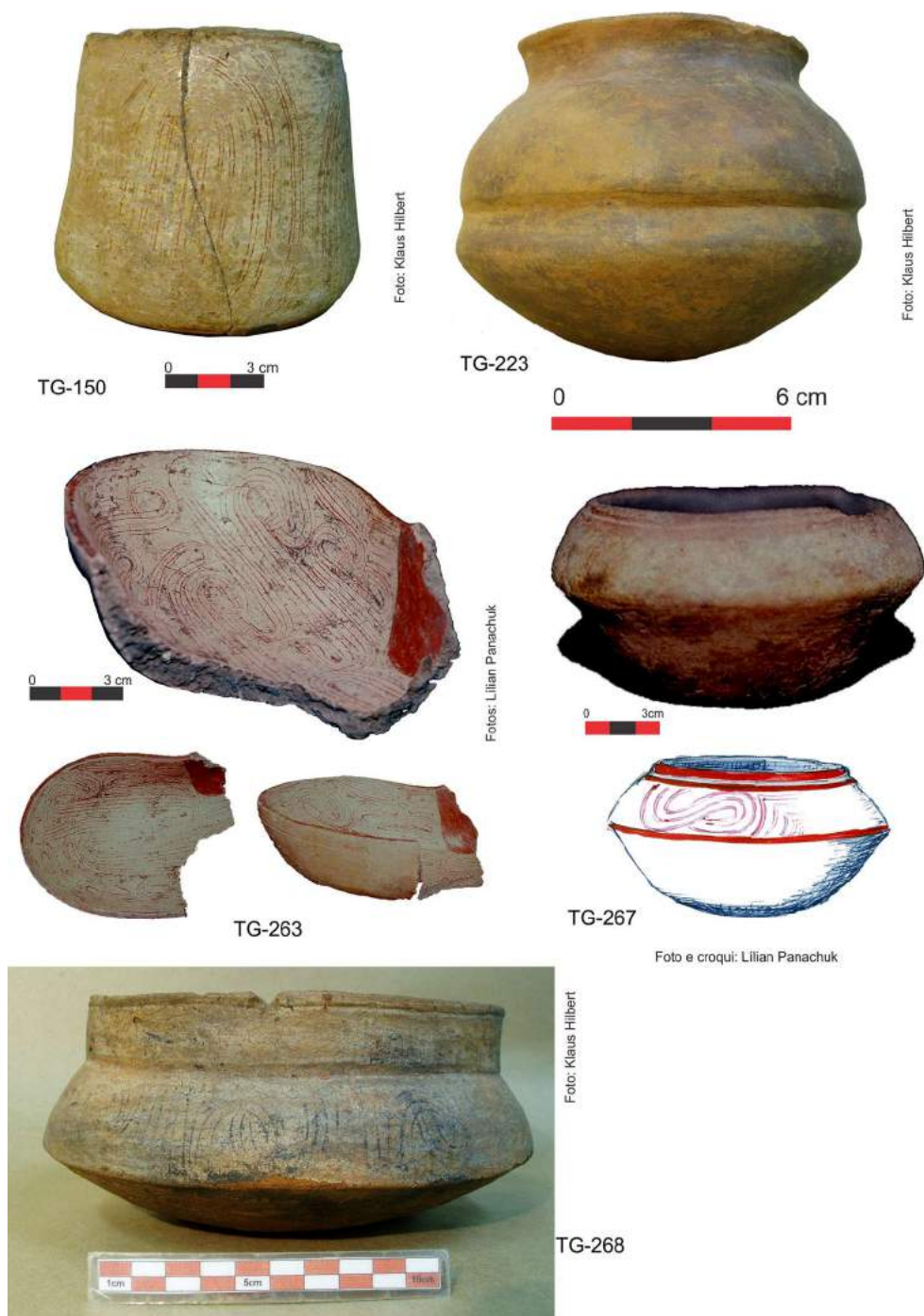


Figura 5. Coleção do Museu da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Prancha: L. Panachuk.

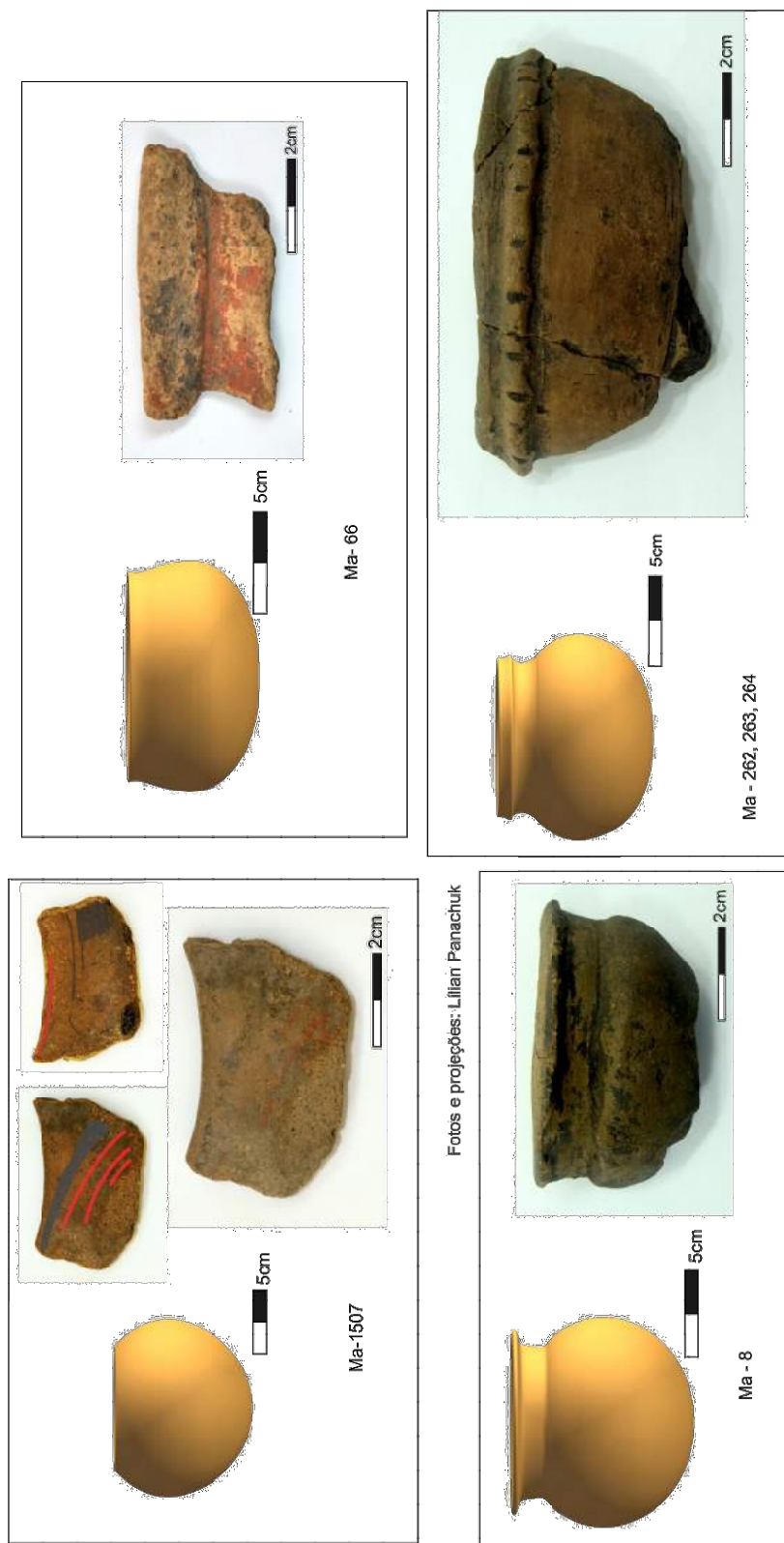


Figura 6. Exemplos amazônicos escavados pela Scientia Consultoria Científica, depositados na Fundação Casa de Cultura de Marabá, escala única para projeções e outra para as fotos. Ma-1507: face interna e externa com pintura vermelha e preta. Ma-66: face externa com engobo vermelho e inciso no gargalo. Ma-8: miniatura pela metade com incisões lineares no gargalo. Ma-262, 263, 264: meia vasilha com decoração plástica em filete e estocado. Prancha: L. Panachuk.

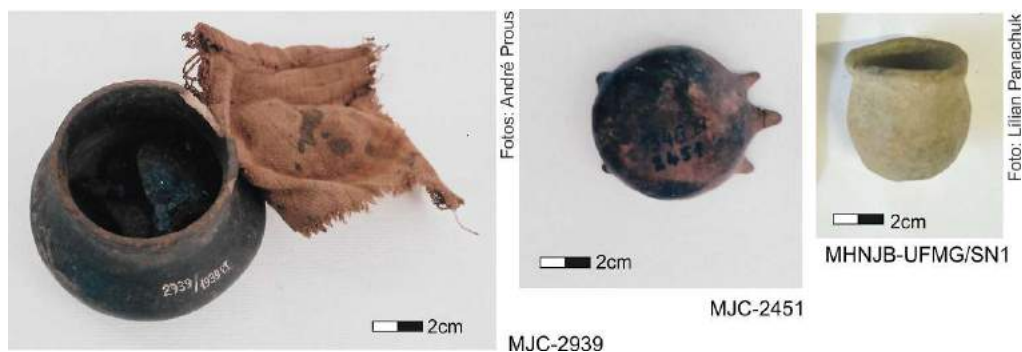


Figura 7. Vasilhas miniatura não Tupiguarani. MJC-2939: recipiente para curare amazônico. MJC-2451: exemplar Waurá, provavelmente do século XIX, Mato Grosso. MHNJB-UFGM/SN1: Tradição Sapucaí, sítio Horto Florestal. Prancha: L. Panachuk.



Figura 8. Exemplos de manufatura do tipo dedal depositadas no Museu do Rio Grande do Sul (MARSUL). Notar que a peça T.718 (vista da base externa - assento) parece ter sido inicialmente um dedal, sendo este revestido posteriormente por uma camada de argila, na qual foram feitas caneladuras. Fotos: André Prous. Prancha: L. Panachuk.

São apenas bolas de argila nas quais foi inserido um dedo ou uma vareta para criar a cavidade interna; não se nota alisamento da superfície. São as menores de todas as miniaturas (2,6 a 4,3 cm de maior diâmetro, com uma única exceção de 6cm).

- Consideramos **brinquedos infantis relativamente elaborados** uma dezena de vasilhas de morfologia irregular, mas cuja parede foi levantada progressivamente, delimitando aos poucos a concavidade central. Acreditamos que os roletes em miniatura preparados que pudemos ver no Instituto Anchieta de Pesquisas poderiam ter sido destinados à fabricação destes brinquedos manufaturados por acordelamento (Figura 4). A maioria destas miniaturas procura imitar a forma de vasilhas utilitárias Tupiguarani: são geralmente tigelas muito abertas ou hemisféricas; em três casos, *yapepó* (ou panelas) e um *cambuchí*. Cinco delas

apresentam unhas ou pseudo-ungulações pouco organizadas. Outra apresenta acréscimo de apliques laterais que possivelmente pretendiam evocar um efeito de acanelado, terminados na parte inferior por um quase corrugado (Júlio de Castilhos T.718). Uma peça roletada de morfologia relativamente regular apresenta até uma camada de argila fina, sobre a qual se notam relevos e unguilações esparsas (T.44). Duas miniaturas (T.096 e TG-233) apresentam decoração pintada que ostenta na face externa linhas retas traçadas no suporte sem acompanhar a dupla convexidade do bojo, o que produz uma desconformidade visual. Este procedimento demonstra que a pintora ainda não tinha entendido como executar traços curvos que parecessem retos ao observador (conflito entre ortodromia e loxodromia) (Figura 3- superior; Figura 9, TG-233).

- Propomos identificar como brinquedos de **elaboração compartilhada** duas dezenas de vasilhas cuja modelagem (ou construção por roletes, em poucos casos) necessitou certa habilidade técnica, mas cujo tratamento final de superfície (geralmente uma decoração plástica) é muito desajeitada. Uma delas (Museu Júlio de Castilhos, s/nº1) é bastante singular, pois parece ter sido inicialmente um dedal similar às peças da primeira categoria que descrevemos; contudo, a esta base foram acrescentados dois anéis que transformaram a peça em uma micro *yapepó* de base globular rugosa e parte superior roletada e alisada. Outras duas vasilhas apresentam uma forma simples subcilíndrica que não garante uma origem Tupiguarani; uma delas foi estriada e a outra, estocada (T.039 e T.367), ambas de forma muito superficial e irregular; acreditamos que foram feitas por uma criança ainda muito pequena. Entre estas peças de elaboração compartilhada, assim como na categoria anterior, equilibra-se o número de potes em forma de *nhaetá* e de *yapepó*. A decoração exclusiva, sempre realizada antes da queima, é de unguilações e pseudo-ungulações. É interessante notar a variedade de aplicações dessas marcas: por vezes em sua maioria bem-dispostas e feitas por uma pessoa habilidosa, que deixou uma mão infantil atuar em apenas um pequeno setor. Por exemplo T.094, e II.9, nas quais parte das “unhas” é bem alinhada, enquanto outra parte é disposta de forma anárquica. Em outros potes, as (pseudo)ungulações podem ser totalmente anárquicas ou aplicadas de forma relativamente homogênea, mesmo quando se notam mudanças de orientação, como se tivessem sido produzidas por uma única criança (T.063). Em outras, ainda, notam-se grupos de marcas de execução de aspecto variado, todas evidenciando falta de controle motor fino (T.040, T.108); isto sugere que várias crianças teriam participado da decoração do mesmo suporte (Figura 14).

- Consideramos **brinquedos feitos por adultos** e/ou jovens, com uma experiência razoável, as vasilhas que apresentam morfologia regular ao imitar as formas Tupiguarani “clássicas”, e bom acabamento de superfície (alisamento e/ou decoração cuidada). Totalizam 47 peças geralmente com mais de 8 cm – ou seja, são as maiores dentre as que consideramos “miniaturas”. Várias possuem uma borda diferenciada do bojo. Algumas são lisas; as que são decoradas, sobretudo aquelas do Instituto Anchieta (Figura 4), apresentam uma variedade maior de decoração que as categorias anteriores. A maioria das peças é unguilada ou estocada, mas várias são corrugadas - uma fórmula que devia ser difícil de ser realizada pelas crianças, já que falta nas categorias anteriores (T.051; T.342). A decoração pintada, praticamente ausente nos agrupamentos precedentes, é também bastante presente em várias coleções. Três miniaturas do Museu Júlio de Castilhos apresentam uma versão simples: uma tigelinha recebeu um engobo vermelho interno; um micro *cambuchi* (com apenas 8,5 cm de diâmetro) tem uma banda vermelha no pescoço e um zigzague vermelho pintado na borda, enquanto o ombro recebeu um engobo branco. Um *caguâba mirim* da PUC-RS apresenta uma forma regular com

uma pintura de traços duplos vermelhos sobre engobo claro, que reproduz com precisão uma temática clássica da região meridional: laços alternando com retângulos de lados encurvados (Figura 5, TG-267).

Uma peça do Museu Andrés Barbero (proveniente de Puerto Aurora, na fronteira do Brasil com o Paraguai) de bojo esférico apresenta uma decoração incisa de ondas e palmetas no pescoço e na borda (I.655); nota-se que estes motivos são normalmente pintados nas vasilhas de tamanho maior. Três das vasilhas supostamente feitas por adultos apresentam furos que poderiam ter servido para passar uma pequena alça vegetal.

Pequenas **vasilhas funcionais**: nem toda miniatura é um brinquedo ou precisa obrigatoriamente ser relacionada a crianças. Bom exemplo é a peça etnográfica amazônica para curare conservada no Museu Júlio de Castilhos (Figura 7, esquerda); com 8 cm de boca e cerca de 10 de diâmetro, tem forma globular; sua parede enegrecida externa é polida; vem acompanhada de um pequeno fragmento de tecido que serviria de tampa (2939/1939 ET). Se a finalidade não fosse indicada no registro do acervo, poderia ser perfeitamente identificada como brinquedo feito por uma pessoa capaz de modelar uma esfera perfeita.

Não seria de todo impensável que algum adulto – masculino ou feminino – tenha feito um dedal tosco para incentivar uma criança pequena a imitar os gestos simples. Contudo, isso parece contrário à etno-educação Tupi-guarani histórica, segundo a qual a criança não é considerada incapaz e incompleta em relação ao adulto, mas deixada livre para fazer o que corresponde ao seu ser (Schaden, 1974; Baldus, 2010, Cohn, 2013). Como indicou Salvador, uma tarefa é proposta “se eles a querem aprender, que se não querem não os constroem” (2007:64; manuscrito de 1627).

- Hesitamos um tempo antes de inserir na categoria das miniaturas de vasilhas abertas aquelas um pouco maiores (entre 11 e 15 cm) em forma de *nhaetá*. Por um lado, elas excedem a dimensão que fixamos para os recipientes (semi)fechados que nos pareceram pequenos demais para serem usados no cotidiano. Por outro, elas são raramente mencionadas na bibliografia e são muito menores que as *nhaetá* “comuns” que geralmente têm entre 35 e 60cm de diâmetro. Ora, os indígenas Kaji e Tamuwa Waurá (comunicação pessoal) nos informaram que, em sua comunidade, fabricavam vasilhas para servir as papinhas destinadas às criancinhas. Tal poderia ser a finalidade da dezena de micro *nhaetá* pintadas, encontradas em vários sítios Tupiguarani de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio Grande do Sul (Figura 2, T.659; Figura 4 79-86, Figura 12 TG-304).

Vasilhas de treino

Existe um treino muito preliminar que consiste em deixar a criança se expressar livre e espontaneamente, brincando com a argila, por exemplo. Neste caso, pode-se até despertar seu interesse, como vimos no caso dos brinquedos. Já em relação a pessoas mais amadurecidas em sua sensório-motricidade (provavelmente as *kugnantin*), pode-se propor tarefas sistemáticas que as preparam a se tornarem competentes – no caso que nos interessa aqui, na elaboração e na decoração das vasilhas.

Apresentaremos agora vasilhas maiores, que não são brinquedos. Algumas são potes relativamente pequenos (menos de 20 cm de diâmetro) de forma bem irregular; poderiam ter sido levantados por principiantes ou até por adultos apressados (que sabiam não ser necessária uma forma regular). Eram destinadas a servir de suporte a exercícios de novças em pintura. Outras são vasilhas maiores, de qualidade morfológica razoável ou até excelente,

que eram provavelmente funcionais; contudo, apresentam uma decoração pintada – pelo menos em certas partes – que não é condizente com a habilidade da oleira que modelou o suporte.

Entre as vasilhas que parecem ter sido feitas **especificamente para treinar aprendizes**, selecionamos uma aberta (TG-43 - UFBA), de morfologia externa muito tosca que, no entanto, apresenta uma superfície plana no fundo interno, adequada para pintar. Uma pintora experiente traçou nele, com mão firme, um desenho-guia com segmentos retos. Outros traços, curvos, são acompanhados em metade do espaço disponível por um feixe de linhas equidistantes e paralelas entre si. Na outra metade do mesmo campo decorativo, uma pessoa com menor habilidade imitou o modelo proposto, sem conseguir acertar com a mesma precisão a equidistância e o paralelismo entre as linhas (Figura 9, superior).

Vejam agora exemplos de vasilhas **funcionais** utilizadas **para treinar** pintoras principiantes. Uma vasilha aberta de Vila Flor, com boca circular (TG-33 - IPHAN), apresenta um formato de regularidade perfeita; seu campo principal (o fundo) apresenta um desenho de estrutura “clássica” e traçado de alta complexidade executado com maestria. Contudo, a borda apresenta um tema inédito, com traços cruzando-se em ângulo reto e reforçados por pontos nas interseções. Ao longo do friso, parece haver três níveis de qualidade na elaboração do tema: uma mão experiente (que teria proposto o modelo), uma execução um pouco simplificada (consequindo, contudo, manter os ângulos retos entre as linhas) e uma terceira, ainda mais simplificada e com ângulos menos precisos. Neste campo decorativo secundário, periférico, vemos o trabalho de três pessoas com graus de habilidades distintos (Figura 10, superior).

A vasilha TG-26 (UFRN) ilustra um caso diferente. Trata-se de uma *nhaetá* de formato quadrangular e bem elaborada, cujo campo principal foi confiado inteiramente a uma pessoa de pouca prática. O fundo interno foi compartimentado por várias linhas pintadas, em seções grosseiramente quadrangulares; os espaços assim delimitados foram preenchidos com linhas quebradas, cujos segmentos deveriam formar ângulos retos; contudo, o resultado deixa a desejar. Não se trata de uma estrutura nem de um tema que se encontre em vasilhas “normais”, e a execução da meta é obviamente medíocre (Figura 9, inferior).

Um fragmento (TG-61 - IAB-RJ) de vasilha aberta também pertence a um recipiente elaborado com cuidado, que apresenta um campo decorativo interno usado para treinamento. Uma mão competente executou, com traços finíssimos, uma estrutura-guia com traços paralelos entre si formando uma espécie de fita serpentiforme. Trata-se, desta vez, de um elemento recorrente no litoral carioca, embora executado de forma rápida (as pinceladas não procuram se articular de forma perfeita), que uma principiante foi encarregada de completar traçando linhas pontilhadas entre as “fitas”, um procedimento decorativo clássico na região. A execução desta tarefa, embora fosse muito mais simples que aquela de realizar as delicadas sinuosidades, é extremamente tosca. Os pingos são de tamanho errático (e grossos demais em relação ao que se observa nas vasilhas “normais”) por falta de controle da quantidade de tinta; por outro lado, o alinhamento dos pontos é muito irregular.

Um grande *cambuchi* de Itapiranga (TG-142 - MHS) recebeu uma decoração por losangos no ombro. Nota-se claramente que duas mãos de habilidade desigual executaram a pintura, cada uma decorando uma metade da circunferência. Uma das pintoras formou os losangos a partir de triângulos opostos, enquanto a outra os criou a partir de um hachurado (Figura 10, inferior).

Desta forma, fica clara a existência de equivalentes dos nossos cadernos escolares

para crianças em fase de alfabetização, só que em cerâmica e não em papel. Nela treinavam a execução de linhas retas, curvas, paralelas, ângulos retos, pontos, assim como a realização de desenhos concebidos em duas dimensões numa superfície tridimensional.

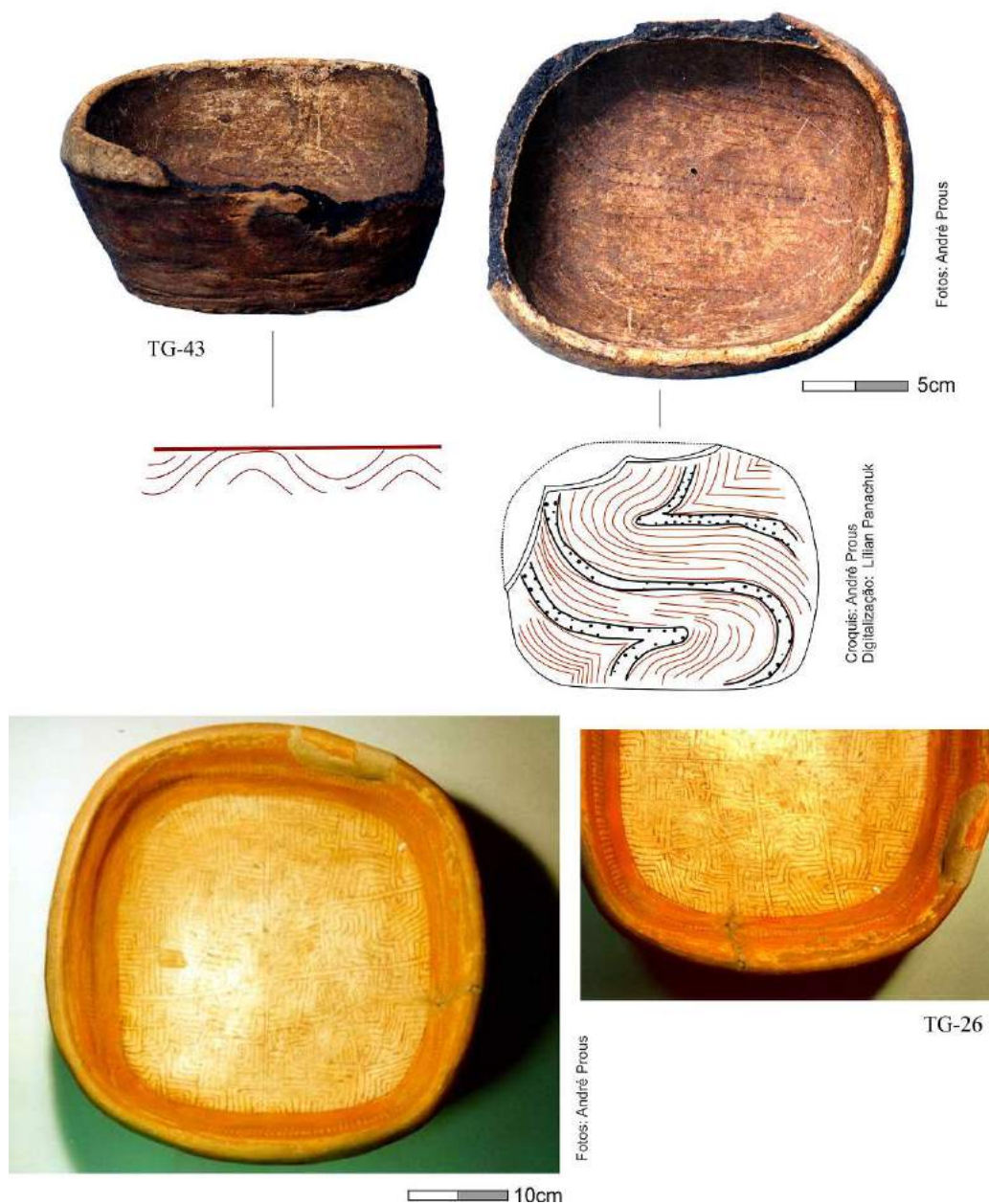
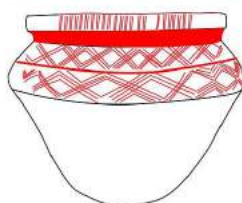


Figura 9. Exemplos de vasilhas de treino, Bahia (TG-43) e Rio Grande do Norte (TG-26). TG 43: vasilha pequena e de forma grosseira elaborada especialmente para oferecer um suporte a um treino de pintura. TG 26: vasilha de tamanho “normal” e razoavelmente bem elaborada, porém pintada por pessoa pouco habilidosa. Prancha: L. Panachuk.



TG-142

Foto: Jefferson Garcia
Croqui: Lillian Panachuk

Figura 10. Exemplos de vasilhas de tamanho normal e boa feitura, mas com campos decorativos utilizados para treino, Vila Flor (TG-26) e Santa Catarina (TG-142). TG 33: campo central (principal) pintado por pessoa experiente, enquanto a borda foi decorada, a partir de um modelo bem elaborado, por outras duas pessoas de habilidade desigual. TG 142: os losangos pintados nos dois registros do ombro foram executados de modo diferente, por pessoas distintas. Prancha: L. Panachuk.

Vasilhas de função nem alimentar nem lúdica

É importante ter em mente a possibilidade de que certas vasilhas, cuja morfologia e decoração parecem desajeitadas, possam ser disformes voluntariamente e não em consequência de uma falta de habilidade da oleira e/ou da pintora. Com efeito, R. Polo Müller (1993) relata que, entre os Asurini, os desenhos feitos em vasilhas destinadas a entidades sobrenaturais são obrigatoriamente imperfeitos em relação ao que se observa nos recipientes do cotidiano.

3. Discussão sobre as coleções e vasilhas estudadas

O universo que pesquisamos pode sugerir que ceramistas Tupiguarani meridionais (“proto-guarani”) teriam produzido muito mais miniaturas que os do litoral central, nordeste e da Amazônia oriental (“proto-tupi”). Esta impressão, contudo, é provavelmente equivocada. Isto porque os colecionadores rio-grandenses foram numerosos e sistemáticos em suas coletas desde o século XIX, enquanto as pesquisas em regiões mais setentrionais são mais recentes; restos de miniaturas podem estar, provavelmente, “perdidos” no meio dos acervos e dos relatórios provenientes de escavações arqueológicas. De fato, as pesquisas das quais participaram os autores deste trabalho permitiram observar a presença de potinhos em muitos dos sítios proto-tupi estudados, seja no Espírito Santo (pesquisas preventivas coordenadas por L. Ribeiro), no Pará (pesquisas da Scientia Consultoria coordenada por S. Caldarelli, L. Panachuk e D. Kern) ou no vale do Rio Doce (sítios Florestal I e II). Uma comparação entre o número mínimo de recipientes de tamanho “normal” e de vasilhas miniaturizadas a partir dos fragmentos coletados durante as intervenções em sítios Tupiguarani seria provavelmente instrutiva sobre a importância destes “brinquedos” na vida cotidiana das crianças. De qualquer forma, muitos potes pequenos devem ter sido modelados ou montados sem serem finalmente queimados, como se verificou quando a menina Waurá, Renata (6 anos), teve uma produção intensiva durante as demonstrações feitas por seus pais na oportunidade de um curso de fabricação de cerâmica realizando em Belo Horizonte. Contudo, suas modelagens foram recicladas para se reaproveitar o barro, não deixando vestígios materiais.

A comparação inter-regional das fórmulas decorativas que propomos a seguir é infelizmente fragilizada pelo fato de que as miniaturas são pouco numerosas fora dos estados meridionais e do Paraguai. Mesmo assim, decidimos correr o risco, esperando que o pouco material disponível nas outras regiões seja representativo de um universo maior. De fato, esperávamos que nossas observações seriam amparadas pelo que já sabemos das diferenças regionais entre as vasilhas de tamanho “normal”, caso elas coincidissem.

Agrupamos os três estados meridionais do Brasil em uma única categoria (Sul), os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Ceará em outro conjunto (“centro-nordeste), enquanto outros dois correspondem respectivamente ao Paraguai e ao sudeste do Pará. As vasilhas cuja origem era desconhecida (por exemplo, a peça TG-63 do Museu Nacional – provavelmente meridional) não foram computadas nesta análise (Gráfico 1).

Os resultados mostram que a decoração plástica predomina no Sul e no Paraguai (56% de fórmulas plásticas, 27 % de pintadas, e 16% de miniaturas sem decoração no Sul; 87,5% de decoração plástica e 12,5% de potes sem decoração no Paraguai).

No centro-nordeste, ao contrário, a decoração pintada é mais expressiva (71%) sendo a decoração plástica minoritária (18%); ainda mais raras (12%) são as peças não decoradas (Figura 11).

No sudeste do Pará encontra-se a totalidade das miniaturas que possuem um sulco periférico inciso, e a única peça decorada com filete (Figura 6). Por outro lado, as decorações plásticas e pintadas se equilibram (38% cada), havendo um quarto das peças sem decoração (24%).

Nota-se que no sul do Brasil e no Paraguai a decoração plástica é majoritariamente (pseudo)ungulada ou estocada, sendo o corrugado menos abundante - provavelmente porque é bem mais fácil fincar unhas ou estecas curvas do que produzir um corrugado em peças tão pequenas. De fato, muitas unguilações desordenadas foram feitas até em peças muito toscas - provavelmente por crianças - enquanto as corrugações costumam ser encontradas em peças de morfologia mais elaborada.

Museu do Ceará



Fotos: Marcelia Marques

Museu Nacional, UFRJ



Fotos: André Prous

Figura 11. Coleções de instituições do centro-nordeste, sendo TG-63 provavelmente proveniente de Osório, Rio Grande do Sul. Prancha: L. Panachuk.

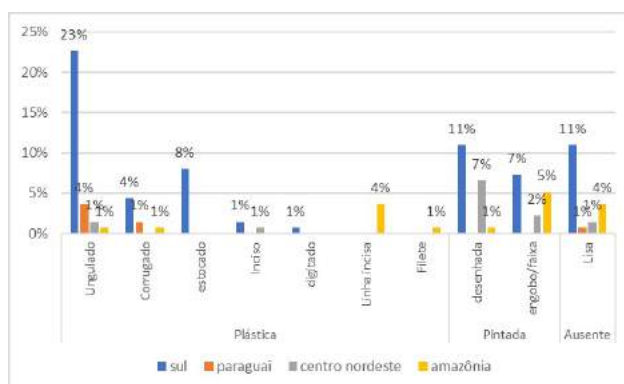


Gráfico 1. Presença e ausência decorativa, por região

Ora, estes resultados confirmam as observações anteriores sobre as coleções de peças de tamanho “normal”: as oleiras meridionais investiam muito mais em decorações plásticas, particularmente em vasos de forma fechada, enquanto suas colegas do centro e do Nordeste decoravam com pintura muito mais as vasilhas abertas. Quanto ao sudeste do Pará, a região se distingue, entre outras coisas, pelo uso de incisões; e a peça com filete remete a um tipo de decoração amazônica, embora não Tupiguarani (Figura 6).

Notemos que as poucas miniaturas meridionais que apresentam uma decoração pintada mais elaborada são provenientes do extremo oeste catarinense (Itapiranga e Palmitos), onde já frisamos, em publicações anteriores, um parentesco grande da pintura em tigelas com a produção pintada do litoral de Rio de Janeiro (Figuras 10 e 11).

Destes dados decorre que o conceito de vasilha em cerâmica parece comportar quase que obrigatoriamente uma decoração. Apenas 16% dos potinhos não apresentam esse tratamento, e são principalmente aqueles que parecem produzidos por crianças menores (dedais e modelados à mão livre). O estado do Pará se destaca por ter a maior porcentagem de vasilhas de tamanho “normal” sem decoração, o que reitera sua função como vasilhas do cotidiano, raramente decoradas (Gráfico 2).

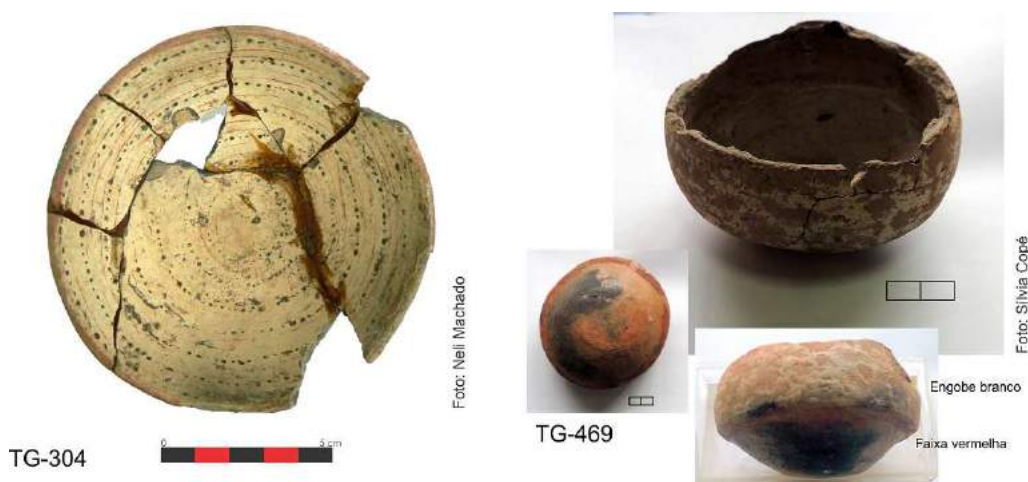


Figura 12. Diferentes coleções meridionais: miniaturas pintadas. TG-304 (Colégio Mauá): *nhaetá* pequeno, com presença de engobe branco, linhas vermelhas concêntricas equidistantes e sempre finas, mas pontos pretos de diâmetro irregular. TG-469 (Universidade Federal do Rio Grande do Sul): engobe branco na porção superior, banda vermelha na meia altura. Prancha: L. Panachuk.

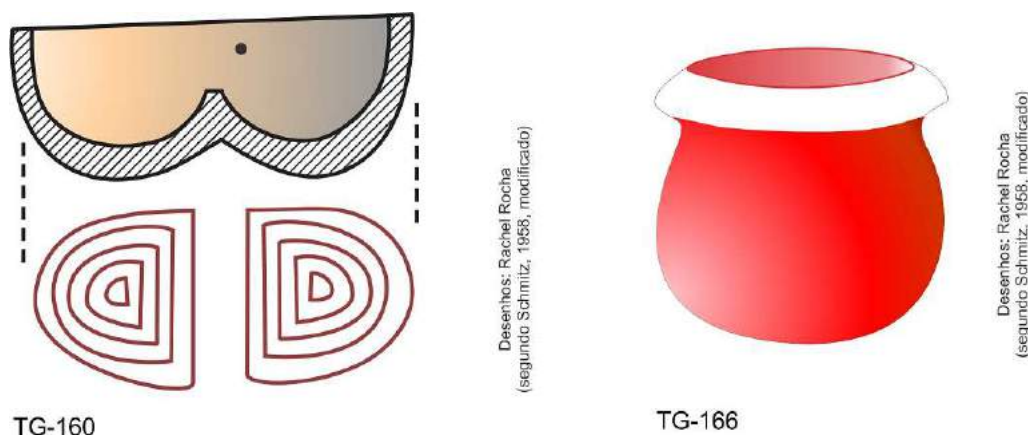


Figura 13. Coleção do Museu do Homem do Sambaqui Pe. João Alfredo Rohr SJ, decoração pintada. Prancha: L. Panachuk.

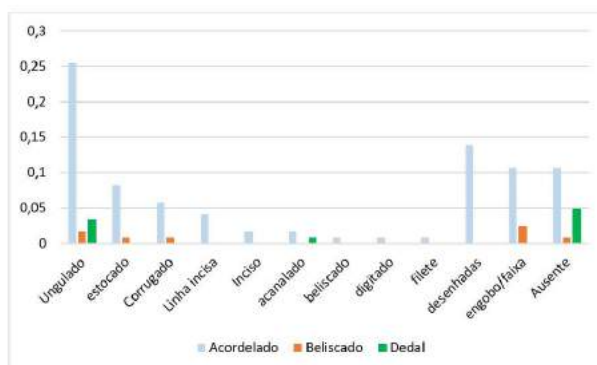


Gráfico 2. técnica de manufatura x ausência decorativa, em toda coleção

Conclusão

Até recentemente, houve pouco interesse em observar e registrar as atividades infantis e educativas entre os ceramistas Tupiguarani. A maior parte do material ao qual tivemos acesso era de coleções antigas, que já selecionavam e agrupavam as miniaturas; estas datam do século XIX ou dos dois primeiros decênios do século XX. De qualquer forma, verificamos que é possível atribuir as miniaturas a várias categorias de idade: produção de crianças com cerca de 4/7 anos de idade, produção de crianças com 7/10 anos de idade, vasilhas elaboradas por crianças mais velhas, vasilhas feitas para crianças por pessoas já experientes.

Neste último caso, foi interessante ver como alguns adultos ou subadultos tinham modelado os potinhos, mas deixado sua decoração – ou parte dela - aos cuidados de uma criança. O fato de que entre os indígenas – assim como entre nós - existam indivíduos mais ou menos habilidosos que a média (Vidal, 2000) não invalida nossa proposta que considera faixas etárias relativamente amplas (Figura 14).

O material estudado nos remete à educação informal dos Tupinambá indicada por Florestan Fernandes (1975:56), que faz com que a criança receba o “poder nascido do uso conjugado das energias materiais e mentais de todos”. Para certas comunidades indígenas seria mais um despertar que um ensino pois “as crianças tudo sabem porque tudo veem e nada sabem porque são crianças” (declaração de um indígena Xikrin, reproduzida in Cohn, 2013:225).

Finalmente, mostramos que vasilhas de tamanho “normal” e certamente destinadas a serem utilizadas na vida cotidiana apresentavam alguns setores utilizados para treinar a habilidade decorativa das jovens aprendizes. Neste caso, não estamos mais no campo lúdico (lembrando que este sempre proporciona também resultados na formação de habilidades), mas no âmbito da didática. Nas diversas regiões consideradas, a coincidência entre as preferências decorativas observadas em vasilhas normais e em miniaturas confirma que a educação, mesmo informal, reitera os valores culturais de cada comunidade oleira (Fernandes, 1975, 1989).

Não abordamos o aspecto emocional que as miniaturas poderiam evocar. Sabemos que pelo menos algumas delas eram colocadas em urnas (Chmyz 2010); contudo conteriam estas o corpo de uma criança? Não dispomos ainda de informações suficientes para tratar este tema. Outra miniatura (I.655) possui dois furos de suspensão e contém pedrinhas brancas. Poderia ter funcionado como um chocalho? Entre os Waurá há chocalhos dedicados exclusivamente a acalmar criancinhas (Kaji e Tamuwa Waurá, comunicação pessoal).

De qualquer maneira, se estudar a cerâmica Tupiguarani é dar a palavra às mulheres, valorizar as miniaturas significa, sem dúvida, abrir os olhos para as crianças – e, mais provavelmente, sobretudo para as meninas.

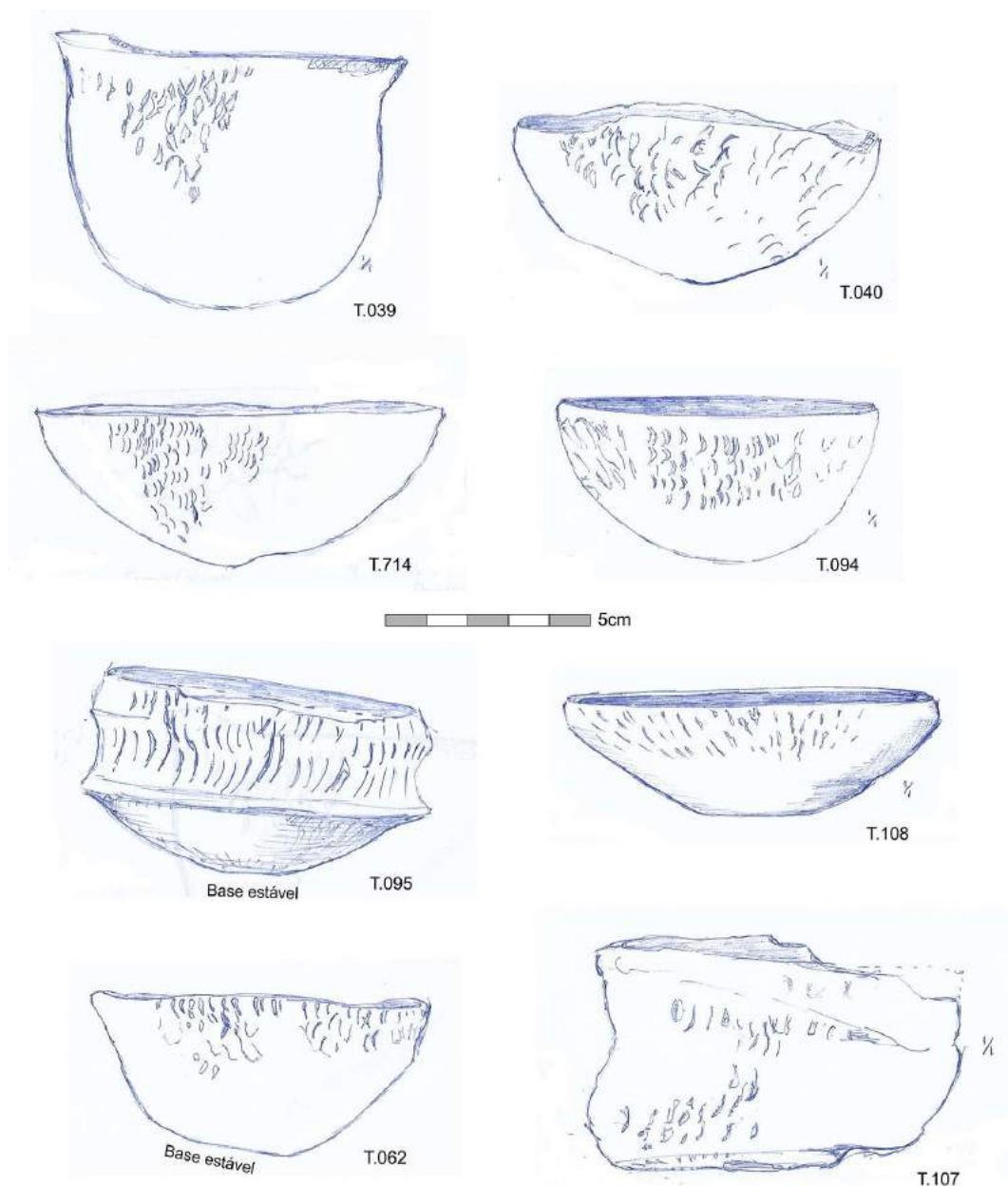


Figura 14. Croquis (André Prous) aproximativos para destacar os diferentes graus de habilidade motora nos alinhamentos e impressão de unguilações e pseudo-ungulações. Verifica-se a presença de duas pessoas na realização da decoração plástica em T.094. Notar a morfologia disforme em T.107. Diferença angular entre o fundo e a boca em T.040, T.095 e T.062. Prancha: L. Panachuk.

Agradecimentos

Agradecemos os sucessivos Diretores do MARSUL, André Jácobus (in memoriam) e Jeferson Dias, que nos abriram suas reservas e facilitaram nossa estadia em Taquara. Clarissa Alves, do Museu Júlio de Castilhos; Adelina Pussinelli e Ariel Mencia, do Museu Andrés Barbeiro de Asunción; P. I. Schmitz e M. Mattos, do Instituto Anchietano de Pesquisas; Solange Caldarelli e Loredana Ribeiro, que autorizaram a utilização dos dados provenientes das pesquisas sob sua responsabilidade; Tania Andrade Lima e Angela Rabelo, que nos guiaram na pesquisa das coleções antigas Tupiguarani do Museu Nacional.

Agradecemos à equipe do GEDAM-EEFFTO-UFMG, pelas conversas sobre faixas etárias e controle motor, e à ceramista Laila Kierulff por dividir informações sobre a vivência em ateliê de arte para crianças. Aos indígenas Atapuwalu, Tamuwa, Renata e Kaji Waurá, que ministraram um curso de produção cerâmica em Belo Horizonte, no qual partilharam saberes profundos e tradicionais.

Referências

ABBEVILLE, Claude d'. *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças*. São Paulo: Siciliano, 2002.

ALMEIDA, Fernando Ozório. *O complexo Tupi da Amazônia Oriental*. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ARIÈS, Philippe. *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Paris: Plon, 1960.

BALDUS, Herbert. Ciclo de vida dos Tapirapé. In LEITE, Dante (Org.), *O desenvolvimento da criança*. São Paulo: Unesp, 2010, p.73-92.

BAXTER, Jane Eva. Los niños como actores culturales en las interpretaciones arqueológicas:grafitis del siglo XIX en San Salvador, Bahamas. *Complutum*. Infância e cultura material na arqueologia. 21(1): 181 -196, 2010.

BAXTER, Jane Eva. *The Archaeology of Chilhood*. Children, gender and material culture. Walnut Creek, CA: Alta Mira Press, 2005.

BLASI, Oldemar. O sítio Arqueológico de Estirão Comprido, Rio Ivaí, Paraná. *Estudos Complementares. Arquivos do Museu Paranaense*, 3: 1-59, 1967.

BODU, Pierre. Les Magdaléniens de Pincevent: chasseur de rennes et tailleurs de pierre. *Actes de séminaires publics d'Archéologie Matières à faire*, p. 20-27, 1993.

CALDARELLI, Solange. A arqueologia do interior maranhense no traçado de duas linhas de transmissão. In BANDEIRA, Arkley; BRANDI, Rafael (Orgs), *Nova luz sobre a arqueologia do Maranhão*. São Luís: Brandi & Bandeira Consultoria Ambiental Ltda, 2014, p.149-184.

CALDARELLI, Solange; PANACHUK, Lilian. 2013. *Resgate dos sítios arqueológicos identificados na área da empresa Aços Laminados do Pará/PA*. Relatório final de laboratório e educação patrimonial. Relatório Técnico IPHAN. Belém: Scientia Consultoria Científica/ IPHAN, 2013.

CAMPOS, Sandra Maria. *Bonecas Karajá: modelando inovações, transmitindo tradições*. Tese de Doutorado. Departamento de Ciências Sociais e Antropologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ Edusp, 1980.

CHAMORRO, Graciela. *Decir el cuerpo*. Historia y etnografía del cuerpo em los Guarani. Asunción, Paraguay: Fondec, 2009.

COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias. Um estudo da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas*, 13(2): 221-244, 2013.

CHYMZ, Igor. Modelagens cerâmicas em sítios Tupiguarani do Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul. In PROUS, André; LIMA, Tania Andrade (Eds), *Os ceramistas Tupi*. Volume II, elementos decorativos. Belo Horizonte: Iphan/Sigma, 2010, p. 89-112.

DE MIGUEL IBÁÑEZ, Maria Paz. Una visión de la infancia desde la osteoarqueología: de la Prehistoria reciente a la Edad Media. *Complutum*. Infância e cultura material na arqueologia. 21(2): 135-154, 2010.

ÉVREUX, Yves d'. *História das coisas mais memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 e 1614*. Brasília: Edições do Senado Federal. Volume 94, 2007.

FERNANDES, Florestan. *Investigação etnológica no Brasil e outros ensaios*. Petrópolis: Vozes, 1975.

FERNANDES, Florestan. *A organização social dos Tupinambá*. São Paulo/Brasília: Hucitec/UnB, 1989.

GALLAHUE, David; OZMUN, John, GOODWAY, Jacqueline. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. Porto Alegre: ARTMED, 2013.

GARCIA, Lorena. *Arqueologia na região dos interflúvios do Xingu-Tocantins*. A ocupação Tupi no Cateté. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

GILCHRIST, Roberta. Archaeology and the life course: a time and age for gender". In: MESKELL, Linn; PREUCCEL, Robert W (Eds), *A companion of social archaeology*. United Kingdom: Blackwell Publishing Ltda, 2007, p.142-160.

HAYWOOD, Kathleen; GETCHELL, Nancy. *Desenvolvimento motor ao longo da vida*. Porto Alegre: ARTMED, 2016.

JÁCOME, Camila; PROUS, André. Brincando de panelinha: o aprendizado da cerâmica Tupiguarani entre crianças e aprendizes. *XVº Congresso da Sociedade Brasileira de Arqueologia*, Belém, 2009.

JÁCOME, Camila. O geral e o particular na olaria Tupiguarnai no sul capixaba: marcas de uso, forma e função e formas exótica. In RIBEIRO, Loredana (Coord.), *Ocupações Humanas Pré-Coloniais no Litoral Sul do ES e na Região Serrana ES/MG: resultados das análises arqueológicas*. Relatório de Atividades do Programa de Prospecção e Resgate do Patrimônio Arqueológico das áreas atingidas pela instalação da segunda linha do Mineroduto Samarco. Belo Horizonte: Cooperativa Cultural, 2009, p. 36-49.

KAMP, Kathryn. Entre el trabajo y el juego: perspectivas sobre la infancia en el suroeste norteamericano. *Complutum*. Infância e cultura material na arqueologia: 21(1): 103-120, 2010.

KAMP, Kathryn. Have all the Children gone? The archaeology of Childhood. *Journal of Archaeological Methods and theory*, 8(1): 1-34, 2000.

KAMP, Kathryn et al. Discovering Childhood: using finger prints to find Children. *American Antiquity*, 64(2): 309-315, 1999.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proença. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

- LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 2007.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *A oleira ciumenta*. Portugal: Edições 70, 1985.
- LILLEHAMMER, Grete. A child is born: the child's world in an archaeological perspective. *Norwegian Archaeological Review*, 22(2): 89-105, 1989.
- LIMA, Tania Andrade. The dark side of toys in Nineteenth-Century Rio de Janeiro, Brazil. *Historical Archaeology*, 46(3): 63-78, 2012.
- MARET, Pierre de; SIDÉRA, Isabelle. Poupées sur métapode de ruminant. *Afrique Archéologie Arts*, 11: 9-20, 2015.
- MATTOS, Aníbal. *Arqueologia de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1947.
- MENTZ-RIBEIRO, Pedro Augusto. *Os Sítios Arqueológicos do Vale do Rio Cai. Anais do II Simpósio de Arqueologia da Área do Prata. São Leopoldo: IAP/Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São Leopoldo. Pesquisas, Antropologia, nº 18, 1968. p. 153-169.*
- MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Arte y vocabulario de la lengua Guaraní*. Asunción, Paraguay: Centro de Estudios Paraguaios Antonio Guasch/ Litocolor SRL, 2002.
- MÜLLER, Regina Pólo. *Os Asuriní do Xingu*. História e Arte. Campinas, São Paulo: Unicamp, 1993.
- PANACHUK, Lilian. Habilidade na variabilidade gráfica: comportamento motor das oleiras Borda Incisa (Parintins/AM). *Arquivos do Museu de História Natural UFMG*, 23(1): 135-177, 2014.
- PANACHUK, Lilian. As Ceramistas e a Arqueóloga: A argila na construção de corpos distintos. *Revista Habitus*, 16(1): 28-53, 2018.
- PANACHUK, Lilian; CARVALHO, Adriano. Modelagens de barro em sítios Tupiguarani. In PROUS, André; LIMA, Tania Andrade (Eds), *Os ceramistas Tupi*. Volume II, elementos decorativos. Belo Horizonte: Iphan/Sigma, 2010, p. 57-88.
- PANACHUK, Lilian et al. 2010. Reflexões sobre as aldeias Tupiguarani: apontamentos metodológicos. In PROUS, André; LIMA, Tania Andrade (Eds), *Os ceramistas Tupi*. Volume III, eixos Temáticos. Belo Horizonte: Iphan/Sigma, 2010, p. 77-114.
- PARK, Robert. Descubriendo la infancia em el registro arqueológico del Canadá ártico. *Complutum*. Infância e cultura material na arqueologia, 21(2): 121-134, 2010.
- PROUS, André. Os instrumentos lascados. *Arquivos do Museu de História Natural UFMG*, XII: 229-273, 1991.
- PROUS, André. Du Brésil à l'Argentine, La Céramique Tupiguaranie. *Archeologia*, 408: 52-65, 2004a.
- PROUS, André. Pintar para os mortos? Um olhar sobre as mulheres tupiguarani. Anais do 4º Workshop Arqueológico de Xingó, Aracaju, *Museu Arqueológico de Xingó*, p. 33-54. 2004b.
- PROUS, André. A pintura Tupiguarani em cerâmica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Anais da I Semana de Arqueologia, Suplemento 8: 11-20, 2005.
- PROUS, André. A pintura na cerâmica Tupiguarani. In PROUS, André; LIMA, Tania Andrade (Eds), *Os ceramistas Tupi*. Volume II, elementos decorativos. Belo Horizonte: Iphan/Sigma, 2010, p. 113-216.
- PROUS, André. Tangas of the Marajó (Brazil): ornamental pubic covers, their typology and meaning. *Antiquity*, 87: 815-828, 2013.

PROUS, André et al. Catálogo das pinturas em cerâmicas Tupiguarani. In PROUS, André; LIMA, Tania Andrade (Eds), Belo Horizonte: Iphan/Sigma. Reedição. DVD Extra, 2017.

PROUS, André; LIMA, Angelo Pessoa. De cobras e lagartos: as tangas marajoaras. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 21: 231-263, 2011.

SALVADOR, Frei Vicente de. *História do Brasil (1500-1627)*. Curitiba: Juruá, 2007.

SÁNCHEZ ROMERO, Margarita. Esto no se toca! Infancia y cultura material em arqueologia. *Complutum*. Infância e cultura material na arqueologia, 21(2): 9-14, 2010.

SANTOS-GRANERO, Fernando (Org.). *The occult life of things: native Amazonian theories of materiality and personhood*. Tucson: The University of Arizona Press, 2009.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: EDUSP, 1974.

SIDÉRA, Isabelle; DE MARET, Pierre. An ideal bone for traditional dolls. Ruminants metapodia figurines: archaeological and ethnographical examples from Africa and Europe. In: VITEZOVIC, Selena (Ed.), *Close to the bone: current studies in bone technologies*. Belgrade: Institute of Archaeology, 2015. p. 315-323.

SIDÉRA, Isabelle; VORNICU, Andrea. The archaeology of games. Playing with knucklebones in the Early Chalcolithic of the Balkans. In BACVAROV, Krun; GLESSER, Ralf. *Southeast Europe and Anatolia inabelle Prehistory*. Essays in honor of Vassil Nikolov on his 65th anniversary. Bonn: Universitäts forschungen zur prähistorischen archäologie 293, GMBH, 2016, p. 379-388.

SILVA, Fabiola Andrea. *As tecnologias e seus significados. Um estudo da cerâmica dos Assurini do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva da etnoarqueológica*. Tese de doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. Belo Horizonte: Itatiaia. Volume 221, 2001.

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1974.

THEVET, André. *La Cosmographie Universelle*, Paris: PUF, 1953.

UZIEL, Joe; AVISSAR LEWIS, Rona S. The Tel Nagila Bronze Age homes. Studying households and identifying children in the archaeological record. *Palestine Exploration Quaterly*, 145(4): 268-293, 2013.

VAN VELTHEM, Lucia Hussak. *O Belo é a fera*. A estética da produção e da predação entre os Wayana. Lisboa/Rio de Janeiro: Assírio & Alvim/Museu Nacional de Etnologia, 2003.

VIDAL, LUX. 2000. A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Cateté. In VIDAL, LUX (Org.), *Grafismos Indígenas*. Estudos de antropologia estética. São Paulo: EDUSP, 2000, p. 143-190.

WILKIE, Laurie. Infancia em blanco y negro: La experiencia de la crianza em Estados Unidos a principio del siglo XX. *Complutum*. Infância e cultura material na arqueologia. 21(2): 197-214, 2011.

Brinquedos subliminares: doutrinação de crianças e introjeção de papéis sociais no Rio de Janeiro oitocentista¹

Tania Andrade Lima²

Resumo: Investigações conduzidas em sítios históricos do Rio de Janeiro vêm pesquisando diferentes domínios da cultura material do século XIX, com o objetivo de analisar um fenômeno peculiar da formação social brasileira, a introdução de um modo de vida burguês, próprio das sociedades capitalistas, em plena ordem escravista. Essa ambiguidade gerou confusas misturas de modernidades e arcaísmos, mesclando novas formas de comportamento com a velha visão de mundo colonial, fortemente escatológica e profundamente entranhada nas mentalidades. Entendendo que os brinquedos constituem um domínio privilegiado para a observação das formas engendradas por um sistema sociocultural para a sua própria perpetuação, foram examinados, nessa circunstância de transição, os valores morais inculcados subliminarmente nas crianças através desses poderosos veiculadores de mensagens não-verbais, ao longo do processo de socialização. As formas como as crianças reagiram a essa doutrinação, visíveis nas suas brincadeiras (e não nos seus brinquedos), não foram observadas no registro arqueológico.

Abstract: Investigations have been conducted at historical sites in Rio de Janeiro examining different domains of 19th-century material culture. The major goal of this research consists of analyzing a phenomenon peculiar to the formation of Brazilian society, namely the introduction of a bourgeois lifestyle, typical of capitalist societies, amid the slavery system that was still fully in force in the country. This ambiguity generated mixtures of modernities and archaisms, blending new forms of behavior with the traditional worldview of the colonial system. Powerful conveyors of nonverbal messages, toys are a type of material culture that constitutes a key domain for observing the forms engendered by a sociocultural system to ensure its own perpetuation. Through toys, it is possible to examine the moral values and social roles subliminally instilled in children. However, the ways in which children reacted to this indoctrination—mostly visible in their games but not in their toys—are more difficult to observe in the archaeological record.

Introdução

O interesse por crianças como tema de investigação é antigo na Antropologia, com os trabalhos pioneiros de Malinowski, nas Ilhas Trobriand (1927), e de Mead (1928a,b), em Samoa. Na História ele surgiu mais tarde com Ariès (1960), porém foi somente nas duas últimas décadas que a Arqueologia começou a despertar para esse tema, e uma crescente literatura vem surgindo, desde que Lillehammer publicou, em 1989, seu artigo seminal sobre

¹ Traduzido com permissão da Springer Nature: *Historical Archaeology* 46(3), p.63–78, The Dark Side of Toys in Nineteenth-Century Rio de Janeiro, Brazil, T. A. Lima, © 2012 Society for Historical Archaeology.

² Departamento de Antropologia do Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. E-mail talima8@gmail.com.

o mundo da infância. Alguns pesquisadores preocupados com essa omissão começaram a chamar a atenção para o desinteresse por crianças na pesquisa arqueológica, não obstante se tratar de um segmento onipresente em qualquer grupo humano (Kamp 2001, 2005; Baxter 2005) e, por conseguinte, em grande parte dos registros arqueológicos.

Entre as razões frequentemente aventadas para a invisibilidade a que elas foram relegadas estão a perspectiva androcêntrica por muito tempo dominante na disciplina, que as considera pouco importantes por serem economicamente dependentes, biologicamente imaturas, e, nessa condição, desinteressantes, além da alegada dificuldade para o reconhecimento dos seus vestígios em sítios arqueológicos (ver Sofaer Derevenski 1997).

Atualmente, contudo, não só o androcentrismo na arqueologia vem se situando em um passado cada vez mais distante, como a participação das crianças em atividades econômicas, sociais, religiosas e políticas, nas mais diferentes culturas, está bem demonstrada etnograficamente (Bird & Bird 2007; Rosen 2007, entre outros; ver Bugarin 2005:14 e Sofaer Derevenski 2000:11). Resta a questão da sua baixa visibilidade arqueológica, mas este é um problema que não está restrito a elas e atinge outros segmentos, sobretudo os minoritários e marginais. Na verdade, ela resulta tanto do direcionamento do olhar dos pesquisadores para outras direções, quanto dos limites impostos pela natureza do registro arqueológico e pelas formas de abordá-lo. Mas sem dúvida é necessário apurar a sensibilidade e os instrumentos para reconhecer as assinaturas que crianças deixaram para trás nos registros arqueológicos. Isto implica decerto não apenas um olhar mais aguçado e penetrante para a interpretação de evidências nem sempre óbvias, mas também é fundamental a existência de bons contextos.

Na arqueologia histórica, os marcadores materiais das crianças têm uma visibilidade considerável, em especial a partir do século XIX, o século por excelência da especialização. Se anteriormente, como procurou demonstrar Ariès (op. cit.), as crianças eram entendidas como proto-adultos, as mudanças dramáticas introduzidas no mundo ocidental pelo processo de industrialização alteraram radicalmente essa percepção. A separação das esferas doméstica e do trabalho determinou o declínio da casa como uma entidade produtiva, favorecendo a demarcação das fronteiras entre público e privado e a construção da domesticidade burguesa. Os espaços foram progressivamente segmentados e especializados, assim como a cultura material que os preenchia. Não obstante a valorização do individualismo, as mudanças operadas na estrutura da família a tornaram mais importante que o indivíduo, como apontou Hamlin (2003), já que para a burguesia em ascensão indivíduos sem família eram simplesmente inconcebíveis.

Nessa nova conjuntura, mudaram as atitudes em relação às crianças, que ganharam importância e passaram a ocupar cômodos concebidos e destinados apenas a elas nas unidades domésticas, com mobiliário e artefatos igualmente exclusivos, estimulados pela eclosão do universo material propiciada pela industrialização. Exemplificando o destaque dado às crianças a essa época, foram concebidas cadeiras altas para suas refeições, conferindo-lhes uma maior visibilidade não só física, mas também simbólica (Slyck 2004). Pratos e talheres passaram a ser desenhados especialmente para elas, e não raro, nomes eram impressos nesses objetos, individualizando-os (Figura 1). Sua louça se tornou um suporte para mensagens com exortações ao bom comportamento, como a inscrição “for a good boy” impressa em uma caneca encontrada em um sítio histórico em Sacramento (Praetzelis & Praetzelis 1992:90).

Multiplicaram-se os objetos com novas especializações, formas e funções, produzidos

em série e impulsionados pelo consumo de massa, entre eles os brinquedos, uma importante ferramenta para a sustentação do ideal de domesticidade (Hamlin, op. cit.). Uma das mais fortes evidências da presença de crianças no registro arqueológico, por se tratar do segmento da cultura material mais diretamente associado a elas (Brookshaw 2009), os brinquedos de fato aparecem de forma expressiva nos sítios desse período, sobretudo na segunda metade do século, sinalizando produção e venda em larga escala.

Esses brinquedos foram concebidos, fabricados, comercializados e adquiridos exclusivamente por adultos, a partir de seus próprios valores, de suas concepções sobre o que era ou o que deveria ser a infância, e de suas expectativas para o futuro. Ao idealizá-los, a sociedade materializava neles as suas mais caras aspirações, já que através dos brinquedos as crianças deveriam introjetar os papéis sociais que se desejava e esperava que elas viessem a exercer quando crescessem. Como disse Benjamin (1984:73), é um equívoco supor que são as crianças que determinam seus brinquedos. Eles não resultam do confronto delas com os adultos, mas do inverso.

Poderosos veiculadores de mensagens não-verbais, e, nessa condição, estratégicos para a socialização de crianças, brinquedos foram ativamente manipulados para incutir nelas valores morais, regras de civilidade e formas apropriadas de comportamento, mas, sobretudo, para assegurar a reprodução social. A instilação dessas normas, como bem mostrou Bourdieu (2002), é feita ao longo do processo de socialização, através de injunções cotidianas e aparentemente insignificantes, mas que forjam de modo decisivo o indivíduo para a vida social. Através dos brinquedos, instrumentos de socialização, os adultos transmitem às crianças qual deve ser seu lugar no mundo. Por outro lado, é da mesma forma através dos brinquedos que as crianças se iniciam na compreensão do seu universo social.

Contudo, se o domínio dos brinquedos é fortemente controlado pelos adultos, o das brincadeiras é o território livre das crianças. Lugar de agência, as brincadeiras são amplamente utilizadas por elas na negociação social. As figuras dos adultos detêm poder e representam a autoridade à qual elas estão submetidas. Essa autoridade é frequentemente mimetizada, sem dúvida, mas também pode ser contestada e subvertida em brincadeiras que desafiam a ordem vigente através de transgressões aos papéis que lhes são impostos. Longe portanto de serem os receptáculos passivos que os adultos esperam que elas sejam (Wileman 2005; Bluebond-Langner & Korbin 2007), as crianças são participantes ativas da vida social, capazes agenciá-la em muitos aspectos, utilizando e interpretando a cultura material a sua própria maneira, como frisaram Gutman & Coninck-Smith (2008).

Figura 1. Pratos feitos especialmente para crianças, em Caldas da Rainha, Portugal. Recuperado na Fazenda da Mandioca, Rio de Janeiro. Esse exemplar foi individualizado com a impressão de um nome próprio.



Equivocadamente entendido por alguns como unidirecional, do adulto para a criança, o processo de socialização na verdade é uma arena interativa (Smith 2005, Schwartzman 2005) onde tanto adultos quanto crianças se engajam em contínuas negociações, em decorrência das tensões aí existentes. De um lado, adultos impõem papéis sociais - aberta ou veladamente, direta ou indiretamente - controlando comportamentos. De outro, crianças reagem a essa doutrinação, na delicada circunstância de ter que aprender a ser um adulto responsável e ao mesmo tempo assegurar sua liberdade de escolha e sua vontade, igualmente importantes para sua construção como pessoa. Assim, tanto as crianças acatam e acolhem, quanto rejeitam e contestam o que lhes é transmitido, negociando todo o tempo suas posições perante as outras crianças, os adultos, e o universo mais amplo a sua volta. Suas brincadeiras são práticas sociais, e, como tal, estão embebidas em relações de poder. Nunca neutras nem frutos do acaso, estão sempre carregadas de significados.

Por se apoiar fortemente na cultura material, esse processo se torna passível de ser observado no registro arqueológico. No mundo físico criado para as crianças, os brinquedos constituem sem dúvida um campo particularmente fecundo para esse tipo de observação, o que faz dele um tópico de interesse na investigação arqueológica de processos socioculturais.

Um sistema sociocultural em transição no Rio de Janeiro oitocentista

Brinquedos vêm sendo encontrados em sítios históricos do século XIX no Rio de Janeiro, no âmbito de um projeto mais amplo que investiga um fenômeno ocorrido a essa época: a contraditória penetração de um modo de vida burguês em plena vigência da ordem escravista.

Colonizado no século XVI por Portugal, o Brasil foi ceceado pelas práticas monopolistas da metrópole até o final do século XVIII e isolado economicamente do resto do mundo. Esse quadro se transformou, contudo, quando a Família Real e a corte portuguesa, recuando estrategicamente do avanço das tropas de Napoleão sobre Portugal, se transferiram para o Brasil, sua principal colônia, em 1808. O Rio de Janeiro se tornou, da noite para o dia, a capital do reino português, e os portos brasileiros foram finalmente abertos ao comércio internacional.

A cultura material produzida pelos países industrializados – em especial pela Inglaterra – em busca da ampliação dos mercados para seus produtos começou a ser profusamente despejada na velha cidade barroca. Em seu avanço sobre as nações periféricas, os centros produtores não economizaram estratégias nem mecanismos para a introdução maciça desses bens no mundo colonial. Entre eles, a infiltração de idéias e valores que não eram próprios dessas sociedades, nem de longe preparadas para recebê-los, porquanto desvinculadas das forças que os produziam.

No caso brasileiro, esses novos valores não surgiram naturalmente das condições internas da sociedade brasileira, como um realinhamento de suas próprias tensões, mas foram introduzidos por pressões externas, exercidas pelos interesses do capital já àquela altura se internacionalizando. Foi essa introdução prematura que preparou o terreno para a adoção incondicional de toda essa cultura material, assegurando a rendição, a subordinação e a dupla dependência - ideológica e econômica – das sociedades não-industrializadas, na medida em que o poder de atração desses bens sobre elas foi esmagador. Os objetos assumiram múltiplos significados em suas histórias sociais particulares, atribuídos pelos segmentos sociais que deles se apropriaram em diferentes circunstâncias e nos diferentes contextos em que penetraram, no lento processo de gestação do capitalismo no Brasil. Polissêmica, essa cultura material foi utilizada ora como instrumento de

dominação, ora de resistência.

Embora o império escravista tenha sido abolido 80 anos depois da transferência da corte portuguesa – uma vez decretados o fim da escravidão (1888) e o advento da república (1889) - a instalação de fato da nova ordem capitalista só se consumaria bem mais tarde, na década de 1940, com a implantação e consolidação das indústrias de base. Nessa longa trajetória de transição do império escravista para a república progressivamente capitalista ao longo de todo o século XIX, além das necessárias condições econômicas, sociais, políticas e jurídicas para essa transformação, foram fundamentais ‘novos modos de ser, pensar e agir socialmente’ (Fernandes 1987).

Para o entendimento desse processo, marcado pela adoção de novas formas de comportamento, a investigação arqueológica foi direcionada para o estudo da cultura material recuperada em escavações realizadas em unidades domésticas e de produção, rurais e urbanas, e também em espaços públicos do século XIX. Valorizando as pequenas ações da vida cotidiana, rotineiras e anônimas, entendidas como estreitamente conectadas a esse processo social mais amplo, diferentes domínios da cultura material oitocentista vêm sendo examinados no âmbito de um projeto de Arqueologia Histórica no Rio de Janeiro, desde a década de 1990. Foram desenvolvidos uma investigação em uma *plantation* de café, com foco nos remanescentes da sua senzala, em busca de possíveis vestígios de estratégias de resistência dos seus escravos (Lima 1993); um estudo de identidade e mobilidade social através das representações da morte em lápides tumulares de cemitérios urbanos (Lima 1994); um estudo das concepções sobre o corpo e seu funcionamento, estabelecendo uma analogia entre ordem corporal e ordem social (Lima 1996a); uma análise da estrutura marcadamente dual da sociedade escravista, fundada em pares de oposições rigidamente fixados, através do equipamento e das maneiras à mesa (Lima 1996b); a incorporação do ritual do chá, no clima tropical do Rio de Janeiro, como uma bem sucedida estratégia de liberação feminina na patriarcal e opressora sociedade escravista (Lima 1997); um balanço desses trabalhos como uma arqueologia do capitalismo (Lima 1999); uma análise do aspecto simbólico dos sapatos entre escravos sapateiros proibidos de se calçarem no Brasil, fazendo uma arqueologia dessa humilhação (Lima 2008); além de um estudo sobre a construção de paisagens panópticas como estratégia de controle em *plantations* de café (Lima 2011).

Essas investigações mostraram, em diferentes domínios da vida social, que elementos da cultura material, aparentemente desconectados entre si – como lápides tumulares, escarradeiras, paisagens, sanguessugas, louças, sapatos, clisteres, entre outros – na verdade estão fortemente interligados como parte de um mesmo e único processo. Subjacente a todos eles, foi constatada uma mesma visão de mundo, profundamente escatológica, ordenando todas as práticas sociais da sociedade escravista, organizada dualmente sob um regime tirânico de opressão e coerção explícitas.

Com o objetivo de examinar arqueologicamente, pela via da cultura material, em que medida essa visão de mundo foi transmitida e inculcada nas crianças, futuros cidadãos, a pesquisa foi orientada agora para um novo domínio, o do processo de socialização, visibilizado nos sítios históricos oitocentistas através dos brinquedos.

O que aparece no registro arqueológico

Foram analisados brinquedos provenientes de lixeiras domésticas e áreas de aterro de alguns dos sítios históricos escavados, como se segue:

- a. Sede da Fazenda da Mandioca, originalmente, no início do século XIX, uma unidade produtiva rural. Após a década de 1830, foi vendida para o Estado, que lá implantou uma fábrica de pólvora. A sede da antiga fazenda tornou-se provavelmente uma residência reservada aos oficiais militares, superintendentes da fábrica, que se sucederam ao longo do século. Foi escavada a lixeira dessa unidade doméstica.
- b. Solar Grandjean de Montigny, originalmente uma chácara implantada na periferia da cidade nas primeiras décadas do século XIX. Com o avanço gradual da urbanização, ao final do século ela já estava integrada à cidade, tendo tido diferentes moradores nesse intervalo de tempo. Foram escavadas áreas de despejo de lixo.
- c. Um solar urbano construído em meados do século XIX, transformado em colégio para meninos em 1869, e que lá permaneceu por quinze anos. Com a sua transferência para outro local em 1886, o prédio foi ocupado a partir de então por um orfanato destinado a meninas desamparadas, mantido pelas classes dominantes, denominado Imperial Sociedade Amante da Instrução. Com a república passou a chamar-se apenas Sociedade Amante da Instrução e sobrevive até hoje, agora ocupando-se do que designa como órfãos sociais. Foi escavada uma área externa, identificada como aterro feito à época para nivelamento do terreno.
- d. Fazenda dos Macacos, uma propriedade rural desde 1844 até 1875, quando se tornou o Asilo Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. Foi escavada uma área interna da sede, identificada como aterro feito à época para nivelamento do terreno.
- e. Amostras de superfície de dois sítios oitocentistas em área urbana e um em área rural.

Nesses sítios foi recuperada uma abundante cultura material relativa às atividades cotidianas dos seus sucessivos ocupantes ao longo do século XIX. Os brinquedos encontrados emitem mensagens claras sobre relações de gênero, sinalizando de forma cristalina uma forte partição dual em masculino e feminino, acompanhando a dualidade estrutural da sociedade oitocentista. Meninas e meninos eram socializados não apenas como crianças, mas como bem diferenciadas categorias de gênero, sendo ambos programados para papéis distintos, culturalmente determinados.

◆ Os brinquedos destinados às meninas

Os brinquedos destinados às meninas, diretamente relacionados às funções biológicas de procriação e nutrição, são os que têm maior visibilidade nos registros arqueológicos. Os que aparecem com maior popularidade são as bonecas de porcelana, com toda a certeza em decorrência da alta durabilidade desse tipo de material. Muito frequentes são as cabeças de bonecas de *biscuit*, ou seja, de porcelana fosca, sem vidrado (Figuras 2, 3 e 4). Seu tom de pele é naturalmente rosado e suas feições são delicadas, com olhos de vidro e cabelos naturais ou de *mohair*. Algumas apresentam detalhes anatômicos, como cílios e dentes (Figuras 5 e 6). O corpo e os membros raramente eram feitos de *biscuit*, em função da fragilidade desse material, sendo quase sempre de tecido ou pelica. Embora intensificadas somente a partir de 1860, elas começaram a ser produzidas desde a década de 1840, na França, por Pierre-François Jumeau, e posteriormente por Léon-Casimir Bru, os maiores expoentes franceses na fabricação desse tipo de boneca, entre outros (Tosa 1989, Whitton 1980). Logo sua produção estendeu-se à Alemanha, sendo fabricadas em quantidades impressionantes, por terem se tornado muito populares nas décadas finais do século.



Figuras 2, 3 e 4. Fragmentos de cabeças de bonecas de *biscuit*. Acervo recuperado na Imperial Sociedade Amante da Instrução.



Figura 5. Fragmento de boneca com cílios. Imperial Sociedade Amante da Instrução.



Figura 6. Boneca de *biscuit* com detalhes anatômicos, como cílios e dentes. Disponível em <https://www.pinterest.fr/pin/353673376977951336/>

Algumas apresentam siglas incisas compostas por letras e números, que pouco valem para a identificação da procedência e menos ainda da cronologia da boneca, pois em geral correspondem à numeração do molde utilizado para a sua confecção. São portanto pouco informativas, como é o caso das encontradas nas bonecas recuperadas na Imperial Sociedade Amante da Instrução (Figura 7). Já os grandes fabricantes, como Jumeau, marcavam



Figura 7. Siglas alfanuméricas incisas na parte posterior de cabeças de *biscuit*, pouco informativas. Provavelmente correspondem à numeração do molde utilizado para a sua confecção. Imperial Sociedade Amante da Instrução.



Figura 8. Cabeça de boneca produzida por Pierre-François Jumeau. Disponível em <https://cn.expertissim.com/bebe-jumeau-french-doll-12195204>. Acesso em 09/09/2018.

ostensivamente sua produção (Figura 8).

Imbatíveis e onipresentes, no entanto, com alta frequência em grande parte dos sítios da segunda metade do século XIX, são as pequenas bonecas de louça branca vidrada, maciças, feitas em moldes, com braços e pernas sem mobilidade, conhecidas nos Estados Unidos como *Frozen Charlottes* (ver Pritchett & Pastron 1980) (Figuras 9 a 12). Esse nome é derivado de um poema e uma balada vitoriana muito populares em meados do século XIX, que contam a história de uma linda jovem que saiu com seu namorado de trenó, em uma noite gelada, para irem a um baile. Embora sua mãe a tivesse advertido para que se agasalhasse bem, Charlotte, muito vaidosa, não quis que seu belo vestido ficasse encoberto pelos agasalhos. Como resultado, morreu de frio, totalmente congelada.

Brancas como a neve, essas bonecas mediam entre 2 e 15 cm, em média, e o forte vidro que as recobria remetia ao congelamento pelo frio, tal como seus braços e pernas sem mobilidade. As *Frozen Charlottes* tinham um fundo claramente didático: ensinavam, infundindo terror, que as meninas deviam obedecer as suas mães e se agasalharem devidamente no inverno, caso contrário morreriam, o maior castigo para a desobediência. Mais ainda, mostravam no que resultavam a futilidade e o excesso de vaidade. Esse caráter pedagógico,



Figura 9. *Frozen Charlottes*. Fazenda da Mandioca



Figura 10. *Frozen Charlottes* fragmentadas. Fazenda da Mandioca, Solar Grandjean de Montigny, Imperial Sociedade, Ilha do Fundão

entretanto, nunca chegou ao Brasil, por conta da tropicalidade do nosso clima.

Fabricadas na Alemanha, o principal produtor de brinquedos à época (Hamlin 2007; Ganaway 2008), elas também raramente portam marcas. Quando aparecem, se resumem a números referentes ao seu tamanho ou ao número do molde utilizado. Muito baratas, elas custavam apenas alguns *pennies*, o que explica sua notável disseminação. Eram também chamadas de bonecas de banho, porque podiam ser molhadas à vontade enquanto as crianças se lavavam. Em algumas o vidrado foi aposto apenas na porção anterior do corpo, enquanto



Figura 11. *Frozen Charlotte*, com a porção anterior do corpo vidrada e a posterior fosca



Figura 12. *Frozen Charlotte* com rosto, cabelos e sapatos pintados. Disponível em <http://husheduphistory.com/post/139217480858/>. Acesso em 04/09/2018.

a anterior foi mantida fosca (Figura 11).

Além das *Frozen Charlottes*, são também muito frequentes nos sítios pequenas bonecas articuladas (*jointed dolls*), também de louça vidrada, com mobilidade das pernas, braços e pescoço. Foram produzidas principalmente na Alemanha, de 1850 em diante. Representavam mulheres jovens, eventualmente com bochechas rosadas, lábios vermelhos e sobrancelhas pintadas (Figuras 13 e 15). Apenas cabeças, pernas e braços eram de louça, atados ao corpo de tecido ou pelica por elásticos, arames, ou então costurados (Figuras 16 e 17). Essas partes são as que se preservaram no registro arqueológico.

Uma variante eram as cabeças com ombros (*shoulder head dolls*), sendo que neste caso apenas elas eram de louça (Figura 14). Tronco e membros superiores e inferiores eram de



Figura 13. Cabeças de bonecas. A primeira, à esquerda, tem vestígios de pintura no rosto e cabelo. Fazenda da Mandioca.

Figura 14. Cabeças de bonecas. A última, à direita, tem ombros (*shoulder head doll*). Fazenda da Mandioca.



Figura 15. Cabeças de bonecas. A primeira, à esquerda, tem vestígios de pintura no rosto e cabelo. Fazenda da Mandioca.



Figura 16. Pernas de bonecas articuladas. Fazenda da Mandioca, Solar Grandjean de Montigny.

Figura 17. Braços de bonecas articuladas. Fazenda da Mandioca, Imperial Sociedade.



tecido ou pelica.

Pritchett & Pastron (1980) consideram o penteado e os sapatos dessas bonecas como possíveis indicadores cronológicos, já que eles variaram de acordo com a moda da época em que elas foram fabricadas. Botinhas com salto apareceram apenas em torno de 1880, sendo as solas planas anteriores. Mãos retas, por exemplo, são mais antigas, enquanto as em concha são mais recentes.

Também com alta frequência nos registros arqueológicos, da mesma forma em decorrência da durabilidade do material, aparecem as miniaturas das louças domésticas utilizadas na ritualização das refeições, tão cara à vida cotidiana burguesa (Lima 1996b e 1997). Objetos miniaturizados foram intensamente produzidos para crianças, entendidas como miniaturas de adultos, sobretudo aqueles relacionados ao universo feminino. Esses brinquedos atestam o empenho da sociedade escravista em inculcar nas meninas, desde a mais tenra idade, o ideal da domesticidade, exortando-as ao cumprimento do seu papel biológico como futuras mães e aos cuidados com o núcleo familiar, estimulando-as a

Figura 18. Boneca com cabeça e os ombros de louça (*shoulder head doll*), tronco e membros inferiores e superiores em

tecido. Disponível em <http://www.antiquechild.com/china-doll-body/>. Acesso em 05/09/2018.



Figura 19. Miniatura de louça de chá *sprig painted pattern*. Fazenda da Mandioca.

Figura 20. Miniatura de louça de chá. Imperial Sociedade Amante da Instrução.



Figura 21. Miniatura de louça de chá. Imperial Sociedade Amante da Instrução.

Figura 22. Miniatura de louça de chá. Imperial Sociedade Amante da Instrução.



Figura 23. Fragmentos de louças de chá. Imperial Sociedade e Fazenda da Mandioca.



Figura 24. Miniatura de bule de chá. Fazenda da Mandioca.

Figura 25. Miniatura de louças de jantar. Fazenda da Mandioca.



Figura 26. Miniatura de travessa de jantar, *sheet pattern*. Fazenda da Mandioca.

cuidar da casa e infundindo nelas virtudes domésticas.

◆ Os brinquedos destinados aos meninos

Já os brinquedos associados aos meninos, igualmente preservados no registro arqueológico por se tratar de materiais de alta resistência, como metais e vidros, instilavam atributos de força e virilidade. Valorizavam sobretudo atividades que exigiam combatividade, espírito de aventura, valentia e coragem (ver Varney 2002), infundindo os ideais de masculinidade da época fortemente associados à guerra e ao militarismo, como no caso dos



Figuras 27 e 28. Soldado de chumbo e torre em miniatura. Solar Grandjean de Montigny.

exércitos de soldadinhos de chumbo.

Da mesma forma atribuídas aqui no Brasil prevalentemente aos meninos são as coloridas bolas de gude, que aparecem também com frequência em grande parte dos sítios históricos. As feitas de vidro foram produzidas à mão na segunda metade do século XIX, sobretudo na Alemanha. Contudo, na circunstância da I Guerra Mundial (Carskadden e Gartley 1990), os Estados Unidos tomaram a dianteira na sua produção passando a f a b r i c á - l a s mecanicamente, no que ficou conhecido, até a II Guerra Mundial, como a época de ouro das bolas de gude feitas à máquina. Trata-se de um jogo coletivo ao ar livre que requer destreza e perícia, associado a um tipo de liberdade que, no caso brasileiro, não era concedida às meninas,



Figura 29. Bolas de gude de vidro. Solar Grandjean de Montigny. Imperial Sociedade Amante da Instrução.



Figura 30. Peça de dominó de osso polido. Solar Grandjean de Montigny.

embora em algumas circunstâncias elas tenham constituído a exceção que só confirma a regra.

Já indistinta em termos não só de gênero mas também de faixa etária é a peça de dominó de osso polido (Figura 30), que tanto pode ser atribuída a adultos quanto a crianças.

O que conta o registro documental

Como assinalou Baxter (2005b), estudos arqueológicos sobre crianças se apoiam comumente em fontes não arqueológicas para suas análises. No caso da arqueologia pré-histórica, em fontes etnográficas e etnohistóricas; e no caso da

arqueologia histórica, em fontes documentais. A busca a essas fontes nasce com certeza da necessidade de produção de analogias que ampliem nossa percepção da infância para além das nossas próprias concepções.

No caso dos brinquedos, o recurso aos documentos teve também como objetivo procurar uma outra fonte para ser confrontada com o registro arqueológico. Sucede que, nas fontes escritas, as crianças tampouco têm boa visibilidade, pelas mesmas razões já expostas. Seus brinquedos e brincadeiras são mais conhecidos através da tradição oral, de quadros, e exemplares que sobreviveram ao passar do tempo, que propriamente de registros intencionais de suas atividades cotidianas, encontradas apenas excepcionalmente em alguns tipos de documentos, como diários (ver Chudacoff 2007), ou na literatura da época.

Em um esforço para contornar essa dificuldade, foram pesquisadas publicações à época destinadas a mulheres, já que em função da prolongada dependência das crianças da figura materna, elas foram confinadas ao universo feminino. E foi somente aí que encontramos de fato, em periódicos oitocentistas dedicados à moda, a resposta que o registro arqueológico não deu para a principal questão que orientou esta investigação. Nesses figurinos para mulheres e crianças aparecem, nas últimas décadas do século XIX, imagens de meninas brincando esmagadoramente com bonecas, e, em menor intensidade, com bolas, bilboquês, pulando corda e rodando aros. Já os meninos aparecem com cavalos de madeira, tambores, cornetas, estandartes, bandeiras, todos eles associados à atividade militar. Porém, surpreendentemente, e com alta frequência, munidos de chicotes (Figuras 31 a 34).

O fato de só aparecerem na iconografia meninos associados a essa arma sugere que se tratava provavelmente de uma prerrogativa masculina. Seu uso por mulheres na aplicação de castigos corporais parece ter sido uma exceção, sendo o desenho de Haring (1840), que reproduz uma senhora chicoteando um de seus escravos, (Figura 35) uma rara representação dessa prática pelo sexo feminino.

Não foi possível afirmar com precisão de quem foram os brinquedos recuperados nas escavações arqueológicas, em vista da escassa documentação existente para os sítios

pesquisados. O que se pode afirmar apenas é que eles pertenceram às crianças cujas famílias ocuparam as unidades domésticas analisadas, já que diferentes grupos familiares se sucederam em cada uma delas ao longo do século XIX. Uma vez descartados por mau estado de conservação ou desuso, alguns desses brinquedos podem ter sido inclusive reapropriados por filhos de escravos domésticos, revestindo-se, nesses casos, de novos significados.

Em qualquer dessas possibilidades, quer como brinquedos de crianças eurodescendentes ou afrodescendentes, o fim da sua trajetória de vida provavelmente teria sido o mesmo, ao menos nas áreas urbanas, ou seja, a lixeira onde eles foram encontrados. A falta de um bom contexto inviabiliza qualquer especulação nesse sentido. Não se descarta a possibilidade de alguns deles - como cabeças, pernas e braços de bonecas, por exemplo - terem integrado rituais mágico-religiosos dos escravizados. Porém isso os documentos não registram, e, mais uma vez, só bons contextos arqueológicos podem revelar se isso de fato ocorreu. E estes não foram encontrados.



Figura 31. *A Estação*, 30 de abril de 1881.



Figura 32. *A Estação*, 31 de janeiro de 1883.



Figura 33. *A Estação*, 31 de dezembro de 1882.



Figura 34. *A Estação*, 15 de junho de 1883.



Figura 35. Senhora chicoteando escravo. Desenho de Paul Harro-Harring, 1840.

Doutrinação e introjeção de papéis sociais através dos brinquedos

Do confronto entre o registro arqueológico e o documental ficaram evidentes as possibilidades e os limites de cada um deles. No caso do universo feminino das meninas, a degradação dos materiais perecíveis apagou do registro arqueológico basicamente os brinquedos destinados a estimular o desenvolvimento motor das crianças, como cordas, bolas, aros, bilboquês. Mas foi preservado o domínio onde a sociedade atuou mais fortemente para imprimir sua marca e assegurar a manutenção dos papéis sociais reservados às mulheres nos oitocentos: o da reprodução e nutrição, através das bonecas e das miniaturas de louças. Neste aspecto, o registro documental foi tão eloquente quanto o registro arqueológico.

No caso do universo masculino, os dois registros expressaram com a mesma intensidade o ideal oitocentista de masculinidade associado ao militarismo, acirrado na circunstância do forte conflito bélico ocorrido na América do Sul entre 1864 e 1870, envolvendo Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai. Em ambos os registros figuram cavalos montados e soldados empunhando bandeiras e estandartes, despertando ideais de defesa da pátria, com tambores e cornetas evocando marchas e toques militares. Entre os brinquedos destinados ao desenvolvimento motor dos meninos foram preservadas apenas as bolas de gude. Além da perícia, essa brincadeira estimulava atributos considerados essenciais à condição masculina, como a competitividade, sendo considerado no Brasil, juntamente com a pipa e o estilingue, um símbolo máximo da liberdade e rebeldia dos meninos, negadas às meninas.

É importante destacar o aspecto simbólico das matérias-primas escolhidas para os brinquedos que reproduziam a figura humana. As bonecas das meninas foram feitas de materiais extremamente frágeis e delicados - no caso, a porcelana vidrada e o *biscuit* - como frágil e delicada deveria ser a natureza feminina. A contrapartida dos meninos - os soldadinhos de chumbo - que devem ser considerados também como bonecos, como apontou McClary (1997), foram feitos de metal duro e resistente, como dura e resistente deveria ser a natureza masculina. Esse discurso não-verbal fortalecia ainda mais o modelo bipolar oitocentista de feminilidade e masculinidade, estimulando subliminarmente sua introjeção.

Todos esses brinquedos, recuperados em áreas de descarte e em áreas de aterro, não permitem entrever de que forma as crianças oitocentistas expressaram inconformidade com suas circunstâncias de vida e com os papéis sociais que lhes foram designados, para cujo desempenho elas foram cuidadosamente doutrinadas. Decerto elas reagiram a eles, como mostrou Formanek-Brunell (1993:30-31). Mas os registros arqueológicos se mostram silenciosos a esse respeito e opacos a esse tipo de leitura, particularmente difícil na ausência de bons contextos.

Não obstante, a literatura arqueológica vem mostrando esforços empreendidos por arqueólogos históricos nessa direção. Wilkie (2000), por exemplo, trabalhando em uma unidade doméstica oitocentista na Califórnia, recuperou em sua lixeira cinco cabeças de bonecas de porcelana e de *biscuit* muito fragmentadas, segundo a autora, como se tivessem sido brutal e intencionalmente esmagadas. Por se tratar de um número elevado de quebras em um intervalo de tempo relativamente curto, estimado em dois anos, elas foram interpretadas como uma violenta retaliação da menina que residia na unidade doméstica pesquisada, com idade entre 5 e 7 anos, contra o nascimento de uma irmã. Contudo, esse tipo de interpretação requer muita cautela, já que se trata de porcelana, um material extremamente sensível, que quebra e espatifa com muita facilidade. Wilkie, inclusive, interpretou a ausência de braços e pernas como uma violência dirigida especificamente contra as cabeças das bonecas. Contudo, é preciso lembrar que, pelo menos no caso das bonecas de *biscuit*, elas raramente tinham membros de porcelana, mas de tecido ou couro, como mencionado acima.

São as brincadeiras – e não os brinquedos - o lócus preferencial da agência. O problema é que a arqueologia não conta mais com as brincadeiras. Os pequenos atores sociais se foram, restaram apenas seus brinquedos, e mesmo assim, só os mais resistentes. O acesso ao que as crianças expressaram através das suas brincadeiras não é com certeza impossível, mas é bastante difícil, e depende fortemente, como já foi destacado, de bons contextos. E áreas de descarte e de aterro, como as que foram pesquisadas, positivamente não favorecem essa leitura.

Mesmo assim, uma clara manifestação de agência – não das crianças mas de suas mães - é visível e reconhecível nas miniaturas das louças domésticas. Chama a atenção a prevalência esmagadora de peças destinadas ao ritual do chá, recuperadas em quase todos os sítios oitocentistas, em contraposição a raras ocorrências de peças destinadas ao serviço do jantar. A condução do jantar nos oitocentos era uma prerrogativa masculina (Lima 1998b), constituindo uma indiscutível atribuição do dono da casa. Em contrapartida, a ritualização do consumo do chá foi apropriada e utilizada pelas mulheres para exercer influência e poder na esfera social (Wall 1991), transformando o ritual em uma estratégia para a liberação feminina no Brasil. Ele as retirou das áreas recônditas da casa, onde sequer podiam aparecer para os visitantes, e colocou-as na sala de visitas, abrindo o caminho para a sua progressiva libertação no século XX (Lima 1997).

No processo de socialização de suas filhas, as mulheres cuidaram para que elas – através de seu pequeno equipamento - introjetassem desde logo não apenas sua posição no universo social e o papel que lhes cabia na sociedade, mas sobretudo as possibilidades de transformá-los, na medida em que o registro arqueológico mostra claramente que era dada ênfase maior ao feminino ritual do chá que à masculina cerimônia do jantar nas atividades lúdicas das meninas.

Se não foi possível saber, através do registro arqueológico, de que forma foi inculcada nas crianças oitocentistas, ao longo do processo de socialização, a ideologia escatológica

do império escravista que justificava a inflicção de sofrimento intenso e pesadas humilhações a outros seres humanos discriminados pela cor da pele e pelo gênero, a evidência do chicote encontrada no registro documental não deixa margem a dúvidas. Chibatadas eram aplicadas regularmente às bestas de carga e negros escravizados, eles mesmos vistos como animais, sendo seu uso disseminado em várias outras esferas: em códigos penais militares, em estabelecimentos prisionais, e nos recônditos das unidades domésticas, onde mulheres e crianças decerto não deviam escapar desse tipo de castigo.

Instrumento de punição e tortura, as imagens publicadas pelo periódico *A Estação*, atestam que desde muito cedo os meninos eram bem adestrados para poder manejá-lo com perícia ao longo de toda a vida. Tão cedo, que em alguns casos o chicote era maior que o menino que o segurava. Integrado portanto ao processo de socialização das crianças, desde a mais tenra idade, ele justificava, pela sua naturalização, castigos corporais brutais.

Cumpre assinalar que o periódico *A Estação: jornal ilustrado para a família*, publicado quinzenalmente entre 1879 e 1904 pela tipografia Lombaerts, no Rio de Janeiro, era dividido em duas partes: jornal de moda, e suplemento literário. A primeira apresentava um editorial sobre a moda em Paris, e era dedicada a figurinos, trabalhos manuais, artes decorativas, conselhos de utilidade doméstica e economia do lar, etc. Era produzido na Alemanha, pela editora Lipperheide, de Berlim, para a revista *Die Modenwelt*, e distribuída em treze línguas diferentes pelos países da Europa. Para o Brasil vinha a versão francesa da revista alemã, o periódico *La Saison*, que aqui circulou com grande sucesso entre 1872 e 1878. A partir de 1879, agora como “um jornal brasileiro” e sagazmente sem qualquer referência à matriz alemã *Die Modenwelt*, ele passou a ser traduzido literalmente, incorporando a diagramação do cabeçalho do *La Saison* e, como tal, assumindo-se como sua continuação (Crestani 2008).

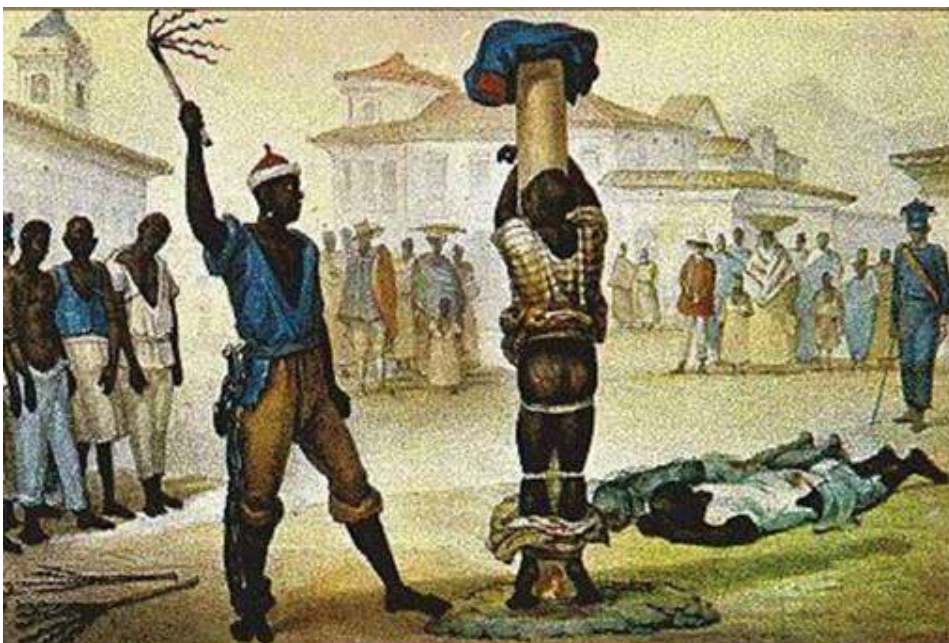


Figura 36. Prancha de Jean Baptiste Debret. “Castigo de escravo que se pratica nas praças públicas”. In *Bandeira e Lago*, 2009.

Voltado para os segmentos medianos da população, além dos modelos femininos trazia sugestões de brinquedos e roupas para crianças, propondo-se a aconselhar as donas de casa a reduzirem seus gastos sem perda da sua elegância e posição social, a moralizar a família, recomendando sempre disciplina, moderação e equilíbrio. Orientações de higiene, etiqueta, e, sobretudo de boas condutas morais recheavam a revista. Já a segunda parte, exclusivamente brasileira, trazia crônicas, contos, romances, novelas de autores consagrados, dentre os quais se destacou Machado de Assis como assíduo colaborador, além de assuntos variados de interesse cultural (op. cit.).

Embora produzidas na Alemanha em razão do custo operacional mais baixo e da excelente qualidade de impressão, as diferentes versões da *Die Modenwelt* dirigidas à Europa seguiam fielmente a moda parisiense, que ditava então, como o grande modelo, padrões de elegância e comportamento. As ilustrações de crianças com chicotes nas mãos não foram produzidas no Brasil. Em seu contexto original, não escravista, eles eram sugeridos provavelmente para adestrar ou punir animais. Mas chegando ao Brasil como exemplo de conduta adotada por crianças na Europa e, mais particularmente na França, então o grande modelo para o Brasil e para o mundo, seu uso não apenas era legitimado como naturalizado. Assim, através desse símbolo de hierarquia e dominação de classe, de raça e de gênero, os setores dominantes da sociedade escravista ensinavam aos seus descendentes de que forma eles deveriam proceder para assegurar a manutenção do poder androgênico que lhes estava sendo transmitido.

Merece destaque o fato de essas figuras terem sido publicadas já ao final da década de 1870, datadas dos últimos anos de vigência do escravismo no Brasil. Naquele momento o sistema já emitia evidentes sinais de esgarçamento, estando prestes a se romper, sob a pressão intensa das forças do capitalismo em expansão. Sucede que, com a penetração dos novos valores burgueses e à medida que o fortalecimento de segmentos intermediários foi matizando a organização dual do escravismo, estabeleceram-se confusas misturas, mesclando novas formas de comportamento com a velha visão de mundo ainda fortemente entranhada. Essas misturas acabaram se tornando uma característica marcante da sociedade oitocentista em transição, com modernidades convivendo lado a lado com arcaísmos em muitos e diferentes domínios: nas práticas alimentares, nos cuidados com o corpo, nas regras de conduta e de etiqueta, na concepção dos espaços edificados, entre muitos e muitos outros.

O chicote nas mãos dos meninos foi mais uma dessas contradições, já que a mesma sociedade que por um lado admitia finalmente romper com a escravidão, por outro cuidava de assegurar que a dominação sobre segmentos subalternos continuaria a ser mantida através da coerção física. Doutrinando suas crianças através dos brinquedos e inculcando nelas profunda e imperceptivelmente seu ideário, a sociedade escravista procurou assegurar através do processo de socialização, antes de tudo, sua própria perpetuação.

No Brasil, elementos vestigiais dessa visão de mundo sobrevivem ainda hoje em algumas práticas sociais, embora quase imperceptíveis, tanto entre segmentos dominantes quanto subalternos, decorridos 130 anos do fim do escravismo. O capitalismo desenvolveu outras formas de dominação, talvez ainda mais perversas porquanto dissimuladas, porém as marcas profundas deixadas pelo escravismo e sua visão de mundo ainda são visíveis e reconhecíveis até os dias atuais, e ainda perdurarão por muito tempo no Brasil.

Referências

- ARIÈS, Philippe. *L'Enfant et la Vie Familiale sous l'Ancien Régime*. Paris: Plon, 1960.
- BANDEIRA, Julio; Pedro Correa do Lago. *Debret e o Brasil*. Obra Completa 1816-1831. Rio de Janeiro: Capivara, 2009.
- BAXTER, Jane Eva (Ed.). Children in Action: Perspectives on the Archaeology of Childhood. *Archaeological Papers of the American Anthropological Association*, n. 15, 2005a.
- BAXTER, Jane Eva. *The Archaeology of Childhood*. Children, Gender and Material Culture. Walnut Creek: Altamira Press, 2005b.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a Criança, o Brinquedo, a Educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- BIRD, Douglas W.; BIRD, Rebecca Bliege. Martu Children's Hunting Strategies in the Western Desert, Australia. In HEWLETT, Barry S. & LAMB, Michael E. (Eds), *Hunter-Gather Childhoods*. Evolutionary, Developmental and Cultural Perspectives. New Brunswick and London: Aldine Transaction, 2005, p. 129-146.
- BLUEBOND-LANGNER, Myra; KORBIN, Jill E. (Eds). Challenges and Opportunities in the Anthropology of Childhoods: an Introduction to "Children, Childhoods, and Childhood Studies". *American Anthropologist* 109(2): 241-246, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática: precedido de três estudos de etnologia cabila*. Lisboa: Celta, 2002.
- BROOKSHAW, Sharon. The Material Culture of Children and Childhood: Understanding Childhood Objects in the Museum Context. *Journal of Material Culture* 14(3): 365-383, 2009.
- BUGARIN, Flordeliz T. Constructing an Archaeology of Children: Studying Children and Child Material Culture from the African Past. In BAXTER, Jane Eva (Ed.), Children in Action: Perspectives on the Archaeology of Childhood. *Archaeological Papers of the American Anthropological Association*, n. 15, 2005, p. 13-26.
- CARSKADDEN, Jeff; GARTLEY, Richard. A Preliminary Seriation of 19th-Century Decorated Porcelain Marbles. *Historical Archaeology* 24(2): 55-69, 1990.
- CHUDACOFF, Howard P. *Children at Play: an American History*. New York: New York University Press, 2007.
- CRESTANI, Jaison Luís. O perfil editorial da Revista A Estação: jornal ilustrado para a família. *Revista da Anpoll* 1(25): 323-353.
- FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Guabana, 1987.
- FORMANEK-BRUNELL, Miriam. *Made to Play House*. Dolls and the Commercialization of American Girlhood, 1830-1930. New Haven and London: Yale University Press, 1993.
- GANAWAY, Bryan. Engineers or Artists? Toys, Class and Technology in Wilhelmine Germany. *Journal of Social History* 42(2): 371-401, 2008.
- GUTMAN, Marta; CONINCK-SMITH, Ning de (Eds). *Designing Modern Childhoods*. History, Space and the Material Culture of Children. London: Rutgers University Press, 2008.
- HAMLIN, David D. *Work and Play: The Production and Consumption of Toys in Germany, 1870-1914*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2007.
- HAMLIN, David D. The Structures of Toy Consumption: Bourgeois Domesticity and Demand for Toys in Nineteenth-century Germany. *Journal of Social History* 36(4): 857-869, 2003.
- KAMP, Kathryn A. Dominant Discourses; Lived Experiences: Studying the Archaeology of Children and Childhood. In BAXTER, Jane Eva (Ed.), Children in Action: Perspectives on the Archaeology of Childhood. *Archaeological Papers of the American Anthropological Association*, n. 15, 2005, p. 115-122.
- KAMP, Kathryn. Where Have All the Children Gone? The Archaeology of Childhood. *Journal of Archaeological Method and Theory* 8(1):1-34, 2001.
- LILLEHAMMER, Grete. A Child is Born: the Child's World in an Archaeological Perspective. *Norwegian*

Archaeological Review 22(2): 89-105, 1989.

LIMA, Tania Andrade; BRUNO, Maria Cristina de Oliveira; FONSECA, Marta Pereira Reis da. Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, século XIX: a Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ (exploração arqueológica e museológica). *Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material*, Nova Série, 1: 179-206, 1993.

LIMA, Tania Andrade. De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). *Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material*, Nova Série, 2: 87-150, 1994.

LIMA, Tania Andrade. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX". *Manguinhos - História, Ciências, Saúde*, II(3): 44-96, 1996a.

LIMA, Tania Andrade. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX". *Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material*, Nova Série, 3: 129-191, 1996b.

LIMA, Tania Andrade. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista". In *Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material*, Nova Série, vol. 5, p. 93-129, 1997.

LIMA, Tania Andrade. El huevo de la serpiente: una arqueología del capitalismo embrionario en el Rio de Janeiro del siglo XVIII". In ZARANKIN, A.; ACUTO, F. A. (Eds), *Sed non satiata: Teoría Social en la Arqueología Latinoamericana Contemporánea*. Buenos Aires: Ediciones del Tridente, p. 189-238, 1999.

LIMA, Tania Andrade. E os invisíveis aparecem na Praça XV: ofícios mecânicos e escravos urbanos no Rio de Janeiro, século XIX. Resumos do XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, São Paulo, 2003.

LIMA, Tania Andrade. Los zapateros descalzos: arqueología de una humillación en Rio de Janeiro del siglo XIX. In ACUTO, Félix; ZARANKIN, Andrés (Orgs), *Sed non Satiata II. Acercamientos sociales en la Arqueología Latinoamericana*. Encuentro Grupo Editor, Córdoba, p. 135-157, 2008.

LIMA, Tania Andrade. Keeping a tight lid: the architecture and landscape design of coffee plantations in Nineteenth-Century Rio de Janeiro, Brazil. In DALE TOMICH, F. S.; GOMES, O. G. da Cunha (Eds), *Rethinking the Plantation: Histories, Anthropologies and Archaeologies*. Fernand Braudel Center, *Review* 34(1/2): 193-215, 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Sex and Repression in a Savage Society*. London: Paul, Trench, Trubner, 1927.

MCCCLARY, Andrew. *Toys with Nine Lives. A Social History of American Toys*. North Haven: Linnet Book, 1997.

MEAD, Margareth. *Coming of Age in Samoa*. New York: William Morrow, 1928a.

MEAD, Margareth. Samoan Children at Work em Play. *Natural History* 28: 626-636, 1928b.

PRAETZELLIS, Adrian; PRAETZELLIS, Mary. Faces and Facades: Victorian Ideology in Early Sacramento. In YENTSCH, Anne E.; BEAUDRY, Mary C. (Eds), *The Art and Mystery of Historical Archaeology. Essays in Honor of James Deetz*. Boca Raton: CRC Press, p. 75-99, 1992.

PRITCHETT, Jack; PASTRON, Allen. Ceramic Dolls as Chronological Indicators: Implications from a San Francisco Dump Site. In WARD, Albert E. (Ed.), *Forgotten Places and Things. Archaeological Perspectives on American History*. Albuquerque: Center for Anthropological Studies, p. 321-334, 1980.

ROSEN, David M. Child Soldiers, International Humanitarian Law, and the Globalization of Childhood. In BLUEBOND-LANGNER, Myra; KORBIN, Jill E. (Eds), *Children, Childhoods, and Childhood Studies*, *American Anthropologist* 109(2): 298-306, 2007.

SLYCK, Abigail A. Van. Kid Size: the Material World of Childhood. An Exhibition Review. *Winterthur Portfolio* 39(1): 69-77, 2004.

SMITH, Patricia E. Children and Ceramic Innovation: a Study in the Archaeology of Children. In BAXTER, Jane Eva (Ed.), *Children in Action: Perspectives on the Archaeology of Childhood*.

Archaeological Papers of the American Anthropological Association, n. 15, 2005, p. 65-76.

SOFAER DEREVENSKI, Joanna. Engendering Children, Engendering Archaeology. In MOORE, Jenny; SCOTT, Elinor (Eds), *Invisible people and processes*. Writing Gender and Childhood into European Archaeology. London and New York: Leicester University Press, 1997.

SOFAER DEREVENSKI, Joanna. Material Culture Shock. Confronting Expectations in the Material Culture of Children. In SOFAER DEREVENSKI, Joanna (Ed.), *Children and material culture*. London and New York: Routledge, 2000, p. 3-16.

SCHWARTZMAN, Helen B. Materializing Children: Challenges for the Archaeology of Childhood. In BAXTER, Jane Eva (Ed.), *Children in Action: Perspectives on the Archaeology of Childhood*. *Archaeological Papers of the American Anthropological Association*, n. 15, 2005, p. 123-131.

TOSA, Marco. *Dolls*. London: B. T. Batsford, 1989.

WALL, Diana diZerega. Sacred Dinners and Secular Teas: Constructing Domesticity in Mid-19th-Century New York. *Historical Archaeology* 25(4): 69-81, 1991.

WILEMAN, Julie. *Hide and seek: the archaeology of childhood*. Stroud, Great Britain: Tempus, 2005.

WILKIE, Laurie. Not merely child's play. Creating a historical archaeology of children and childhood. In SOFAER DEREVENSKI, Joanna (Ed.), *Children and material culture*. London and New York: Routledge, p. 100-113, 2000.

WHITTON, Margaret. *Jumeau Doll*. New York: Dover and The Margareth Woodbury Strong Museum, 1980.

VARNEY, Wendy. Of Men and Machines: Images of Masculinity in Boys' Toys. *Feminist Studies*, 28(1): 153-174, 2002.





200
a n o s



#museu
nacional
VIVE

AUTORES

André Prous

Camila Pereira Jácome

Déborah Duarte - Talim

Isabelle Sidéra

Lilian Panachuk

Maria Jacqueline Rodet

Tania Andrade Lima